



FESTAS NOS MUNICÍPIOS

Gastos com Réveillon entram na mira dos órgãos de fiscalização

TCE-PB e MPPB defendem bom senso dos gestores no uso de recursos públicos para custear eventos. **Página 7**



Foto: João Pedrosa

Pesca artesanal resiste ao tempo e às dificuldades

Atividade milenar permanece viva no cotidiano de inúmeras famílias que residem no Litoral paraibano, mas enfrenta desafios com as novas gerações. **Página 5**

■ “Sem sair da tenda de trabalho ou sem perder a companhia dos seus fantasmas, [Trevisan] viveu a repercussão mundial de sua obra”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Eu sei que é difícil de acreditar, mas o mundo do conhecimento não gira só em torno da erudição acadêmica”.

Fábio Mozart

Página 14



Foto: Carlos Rodrigo

Justiça vai decidir sobre plebiscito para alterar o nome de João Pessoa

Ação protocolada no TRE-PB para realização da consulta pública foi encaminhada para análise do Tribunal de Justiça.

Página 13

Acompanhamento farmacêutico na PB promove bem-estar e redução de custos

Experiência desenvolvida no Hospital Metropolitano recebeu destaque em publicação do Conselho Federal de Farmácia.

Página 3

Cresce busca por importação da cannabis

Neste ano, a Paraíba registrou a maior alta do país na solicitação de compra de medicamentos no exterior. Número de receitas prescritas também aumentou.

Página 6

Botafogo-PB é o time paraibano que mais participou de jogos em 2024

Belo fez 49 partidas oficiais pela Copa do Nordeste, Campeonato Paraibano e Série C do Campeonato Brasileiro.

Página 23

Capital sedia a 1ª edição da Mostra de Cinema e Literatura a partir de amanhã

Evento traz produções que destacam o diálogo entre imagem e escrita e segue até o dia 20, no Cine Aruanda, na UFPB.

Página 11

Alberto Santos Dumont, o “pai da aviação”, sofre apagamento gradativo na história

Vítima da perda de memória coletiva, o inventor brasileiro é o responsável por construir o 14-bis, o primeiro aparelho de voar “mais pesado que o ar”, em 1906, na França.

Página 25



Ilustração: Tonio

Editorial

Daqui e de lá

Não é mais novidade o fato de a cidade de João Pessoa figurar como um Sol a brilhar no firmamento turístico do país e do exterior. Uma parte da população entusiasma-se com a estrela ascendente dentre as capitais brasileiras, e não mais exclusivamente nordestinas, enquanto outros segmentos sociais permanecem não apáticos, mas ocupados demais com as demandas diárias da sobrevivência, para se preocuparem com essa realidade.

Os resultados do progresso, quase todos sabem: aumento da população — in-suflada pela chegada de moradores de outros estados e países —, mais complicações no tráfego de veículos nas vias urbanas, especulação imobiliária e elevação no custo de vida. Há quem não reclame, como, por exemplo, alguns setores da indústria e comércio, bastante otimistas com o acréscimo nas vendas de produtos das mais variadas naturezas.

Embora já observe-se, nas redes sociais, ainda tímidas reações negativas, no que diz respeito a certos comportamentos não sociáveis protagonizados por moradores novos da capital, ressalte-se que as cidades são uma espécie de portos abertos a navegadores de todos os barcos e horizontes, interessados em lançar âncoras em alguma ilha ainda não contaminada pelos hábitos nocivos e os rejeitos da “civilização pós-industrial”.

A capital paraibana cresceu muito em uma faixa de tempo relativamente pequena, e essa expansão causa estranhamento a um sem-número de pessoas, embora nem sempre desfavorável, e não está associada incondicionalmente à população, de modo geral. Mudam caras, costumes e paisagens, num ritmo frenético, e isso é história, sempre foi história, e o mundo jamais parou nem vai parar por conta dessa dinâmica ancestral.

Cabe, porém, ao Poder Público e aos cidadãos tricotarem juntos uma teia social de linhas modernas, no melhor sentido da expressão, de modo a agregar, em um meio ambiente bonito, acolhedor, sustentável e inclusivo, cada ser humano que, na capital da Paraíba, vive ou está de passagem. Uma tarefa acentuadamente política, devido às velhas contradições que ainda inviabilizam a vida verdadeiramente em comunidade.

Ao que parece, hoje vivencia-se, em João Pessoa, um êxodo completamente diferente do que houve décadas atrás, no Brasil, quando nordestinos pobres, principalmente, migravam para o “Sul Maravilha” em busca de melhores dias. Os que chegam agora à capital paraibana, vindos dos “paraísos” de outrora, têm melhores meios e identidades, felizmente. O cuidado é para que o futuro daqui não se transforme no presente de lá.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A permanente estratégia de sabotagem

Eu fico me perguntando por que alguém se dedica a trabalhar contra o seu próprio país. É o caso do atual presidente do Banco Central do Brasil, Roberto Campos Neto. Desde que o presidente Lula assumiu o governo, esse cidadão tem se comportado de forma a estabelecer estratégias de sabotagem ao crescimento do país. É explícito o seu interesse em estimular um terrorismo fiscal para justificar as frequentes altas da taxa de juros. O Brasil tem a segunda maior do mundo, sendo superado apenas pela Rússia.

Ele não tem isenção partidária e ideológica e se utiliza do cargo que ocupa para se posicionar contra o atual governo, numa postura inaceitável, do ponto de vista da responsabilidade pública com a missão institucional do órgão que dirige. Está muito claro que seu objetivo maior tem sido desestabilizar o Governo Lula. Age em direção oposta ao que praticam outras nações que optaram por reduzir juros para impulsionar as atividades econômicas.

A política do Banco Central, sob seu comando, tem dificultado as ações de estímulo ao crescimento da nossa economia. Os índices apresentados, apesar da sua determinada oposição, são animadores, graças a uma política de governo voltada para fortalecer o setor produtivo, aumentando o acesso ao crédito e proporcionando maiores condições de investimentos.

O governo tem feito a sua parte, adotando medidas que vêm oferecendo resultados positivos, como a redução da taxa de desemprego e dos índices de pobreza, bem como o controle da inflação e o recente anúncio de um pacote para corte de gastos obrigatórios. Por conta dessa política catastrófica do Banco Central, o Brasil já gastou em 12 meses em torno de R\$ 800 bilhões em pagamento de juros. O mercado financeiro, principal interessado nessa alta da taxa de juros, é o maior beneficiário da drenagem de recursos públicos.

O presidente Lula tem razão: Roberto Campos joga contra o Brasil. Tem DNA: seu avô foi um dos expoentes do liberalismo brasileiro, ministro da Ditadura Militar. Pela forma entusiasmada com que elogiava as políticas econômicas dos EUA

após a Segunda Guerra, ganhou o apelido de Bob Fields. Era um antiesquerdista convicto. Por ironia do destino, em 1999 assumiu a cadeira número 21 da Academia Brasileira de Letras (ABL), anteriormente ocupada pelo escritor e dramaturgo comunista Dias Gomes. Em uma entrevista concedida ao Roda Viva, em fevereiro do ano passado, afirmou: “Dos vários ‘ários’ que temos por aí, o operário, o funcionário, o missionário, o realmente importante é o empresário. Operários todos podemos ser. Funcionários todos queremos ser. Missionários são úteis, mas eles falam na vida do além-túmulo, e nós queremos a vida corrente. O dínamo da sociedade é o empresário”. O atual presidente do Banco Central tem realmente a quem puxar. Ainda bem que ele só fica no cargo que ocupa hoje até o fim deste ano. Não vai deixar saudades.

“

O governo tem feito a sua parte, adotando medidas que vêm oferecendo resultados positivos, como a redução da taxa de desemprego e dos índices de pobreza

Rui Leitão

Opinião

Foto Legenda



Nos tempos de Pix, a busca por trocados

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Nos atinge

Atraído por aforismo de Gide, saído da sombra para o Memorial que é página deste jornal, já me achava fechando a escrita à luz do do poente, quando vem o pior: a tevê anuncia a morte de Dalton Trevisan. Ele de sua Curitiba, província literária isolada até então dos cânones, tornada epicentro do mais novo modo de contar. O conto clássico já havia encurtado fora das nossas matrizes, aqui e ali com Tchecov, Katherine Mansfield, William Saroyan, para falar do que sei. Mas não havia chegado ao conto-síntese, “beirando o patético e o grotesco, a face oculta de um ser humano que sempre procura mostrar o que na realidade não é”, como flagra Afrânio Coutinho.

Trevisan partiu na frente com repercussão em todos os arraiais da *short history*. Do conto sem obrigação de começo, meio e fim.

Na Divisão de Documentação e Cultura do Ministério da Educação, autônoma nas mãos do paraibano José Semeão Leal, o gênero havia conquistado o seu lugar teórico num manual dos Cadernos de Cultura (“Variações sobre o conto”, de Herman Lima, teórico e contista premiado em versão nova do gênero com o livro “Tigipió”, já nos chamando para o conto do instante como o que foi traduzido por “Felicidade”, de K. Mansfield).

Era o forte de todas as praças literárias do nosso país, com a presença, uma em cima da outra, de antologias e mais antologias sem distinção de estilos. Era a onda igualmente favorável ao surgimento dos nossos melhores tradutores, ganhando um dinheirinho extra com os antológicos da nossa perene colonização.

Mas o que vinha com Trevisan, isolado lá no Paraná, juntava-se ao que saía do Recife, com Osman Lins, o curitibano mais ousado, num coloquial trabalhado numa nova gama literária com personagens ora patéticos, às vezes grotescos, o autor se confundindo com eles, ricos de interesse humano.

Como contista, não mais que contista, ele aticou vocações em todas as Curitibas do país. Sua prosa, marcada pela síntese, de incisivas pinceladas, com seus Jós, seus Lázaros e até Jesus, parecido com o que entrou na casa de Nathanael Alves, aqui em Tambauzinho, to-

“

Era o forte de todas as praças literárias do nosso país, com a presença, uma em cima da outra

Gonzaga Rodrigues

mou seu pileque e seguiu em frente em situação de rua, nada sacrílega.

Mas o grande personagem, como vê Afrânio Coutinho, é a sua Curitiba, onde se fechou a vida inteira como indiferente a entrevistas, a prêmios, a uma das repercussões literárias mais ricas do Brasil. Rica de êxito e de influência.

Não esqueço do que aconteceu conosco, aspirantes ansiosos e tenazes a ingressar no gênero, ao ser lançado um concurso nacional, “Conte uma história sobre sua cidade”, bancado pelo Jornal do Brasil de fins da década de 1950. Sai premiado um motorista de praça, o gaúcho William Carlos Muller, leitor de Trevisan, enquanto esperava passageiro, e autor premiado enquanto aguardavam o resultado Adalberto Barreto, Robério Toscano, Maria José Limeira e o perdedor que dá este depoimento.

Escrevendo desde 1945, já escritor com 20 anos, publicando grande parte em formato de cordel, e a partir de “Novelas nada exemplares” a maioria em livros, chegaram a dezenas os seus títulos, o último registrado em resenha de 1983, “Meu querido assassino”. Os seis meses que faltavam para viver 100 anos seus deuses lhe deram de presente. Sem sair da tenda de trabalho ou sem perder a companhia dos seus fantasmas, viveu a repercussão mundial de sua obra.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

HOSPITAL

Farmácia do Metropolitano é destaque em revista do CFF

Publicação exalta a diminuição dos gastos hospitalares com medicamentos

Sara Gomes
saragomesreporterauniao@gmail.com

A Paraíba ganhou destaque nacional na atuação da Farmácia Clínica do Hospital Metropolitano Dom José Maria Pires na diminuição dos gastos hospitalares com medicamentos. O estudo foi publicado na edição de novembro da revista científica do Conselho Federal de Farmácia (CFF), o qual aborda experiências exitosas de farmacêuticos no SUS. O hospital, localizado em Santa Rita, é gerenciado pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde (PB Saúde).

A pesquisa avaliou 1.073 intervenções farmacêuticas realizadas a partir do acompanhamento de 10.719 pacientes, no período de setembro de 2022 a setembro de 2023. De acordo com o coordenador da Farmácia Clínica do Hospital Metropolitano e autor principal do artigo, Felipe Cortana Piris, as intervenções no período da pesquisa resultaram em uma economia de mais de R\$ 150 mil aos cofres do estado.

De janeiro a dezembro de 2023, a redução foi de R\$ 134 mil, já de janeiro a novembro deste ano, a economia foi de quase R\$ 145 mil. “Por meio do acompanhamento farmacoterapêutico é possível garantir o uso seguro de medicamentos e mitigar os riscos durante a assistência. Logo, a redução de custos diretos relacionados ao consumo de medicamentos e materiais são resultados extremamente relevantes, mas secundário aos ganhos proporcionados na qualidade de vida do paciente”.

Para o farmacêutico, o reconhecimento dessa experiência exitosa pelo Conselho Federal de Farmácia na atuação é de grande relevância, principalmente, por ter sido implementada no SUS. “Embora no Nordeste a Farmácia Clínica seja relativamente nova, é muito gratificante divulgar essa prática



Foto: Evandro Pereira

A unidade hospitalar é gerenciada pela Fundação Paraibana de Gestão em Saúde

no SUS paraibano. Ou seja, proporcionar uma assistência de qualidade aos nossos usuários”, disse.

A Farmácia Clínica é uma ciência que busca otimizar a ação terapêutica de cada medicamento e reduzir a incidência de danos ao paciente, a fim de garantir a utilização segura e sustentável de seus

recursos. Essa atividade farmacêutica visa compreender o paciente por meio da análise dos exames laboratoriais, da investigação do prontuário, da visita multidisciplinar, da presença beira-leito e da interação do farmacêutico com a equipe médica e o

time interdisciplinar para individualizar o cuidado. Portanto, é preciso considerar o peso, a faixa etária, as comorbidades, a conciliação medicamentosa, entre outros critérios, para definição dos medicamentos e o regime terapêutico mais compatível com o paciente em avaliação. Em 2022, o serviço foi instalado no Hospital Metropolitano nas Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) cardiológica e neurológica. À medida que a Farmácia Clínica foi se estruturando, foram implementadas algumas melhorias.

O farmacêutico Felipe Cortana Piris menciona a expansão do serviço para enfermarias e urgências mediante critérios estabelecidos como antimicrobianos de amplo espectro, anticoagulação terapêutica oral e injetável e a interação droga x nutriente. “Em 2024 aumentamos a abrangência do acompanhamento farmacoterapêutico e passamos a monitorar pacientes que, apesar de estáveis do ponto de vista hemodinâmico, apresentavam certo grau de criticidade e risco de evolução à UTI. Afinal, muitos

desses doentes são de alta complexidade”, disse. Outros avanços foram a orientação farmacêutica na anticoagulação oral e a implantação da farmacovigilância — a análise das reações adversas medicamentosas para aumentar a segurança de medicamentos na instituição e prevenir novos eventos clinicamente negativos”.

Projeções para 2025

Uma meta da gestão, no próximo ano, é a integração de uma inteligência artificial que sistematiza os pacientes com maior fragilidade e com risco de desenvolver eventos adversos pela terapia medicamentosa ou por fatores individuais como peso, idade e comorbidades acarretando maior atenção do serviço, conforme explica o coordenador. “A empresa do Rio Grande do Sul desenvolveu uma IA que analisa os pacientes de maior fragilidade. Essa tecnologia permite estratificar dados como exames laboratoriais, prontuários e erros de prescrição médica, por exemplo. O mais interessante é que, para o SUS, o serviço é gratuito”, declarou.

Capacitação e qualificação profissional

O Núcleo de Educação Permanente em Saúde (Neps) da rede estadual possui diversas atribuições. Uma delas é a educação continuada em saúde em todas as unidades da PB Saúde, com foco na capacitação e qualificação dos profissionais. Segundo Juliana Carreiro, coordenadora do Neps e doutora em Farmacologia, o Núcleo também é responsável pelo desenvolvimento e implementação de protocolos e treinamentos, com o intuito de melhorar a prática profissional e garantir a segurança do paciente.

“A educação permanente realiza, com um olhar diferenciado, várias atividades. Ao observar as fragilidades daquele setor, criamos maneiras educativas e focamos em como sanar as dificuldades que precisam ser solucionadas, como também

fortalecemos iniciativas que estão dando certo. Os profissionais de saúde precisam estar em constante aprendizado para melhorar a qualidade na assistência”, disse. Ou seja, o Neps transpassa por todas as equipes multiprofissionais, assistindo as coordenações locais das unidades da PB Saúde além da Rede Escola. Além disso, a capacitação dos colaboradores não se limita aos profissionais de saúde.

O Neps também oferece capacitação para o setor administrativo. “Assim como realizamos campanhas assistenciais, lançamos mão também de treinamentos, voltados à gestão e administração”, declarou.

Uma das ações da Dra Juliana Carreiro foi implantar a Farmácia Clínica no Hospital do Servidor General Edson Ramalho nas Unidades de

Terapia Intensiva (UTI) adulto e neonatal, Vascular, Área vermelha e paliativa.

Segundo a coordenadora, foram implantados protocolos muito importantes para a segurança do paciente e qualidade. “A farmácia clínica realiza uma análise individualizada do paciente, considerando diversos fatores como medicamentos em uso, posologia, nutrição, interações medicamentosas. Desse modo, o farmacêutico avalia o quadro clínico do paciente em parceria com a equipe multiprofissional, indicando possíveis mudanças ao avaliar o custo-benefício, sem comprometer a segurança do paciente”, declarou.

Isso resulta em um atendimento mais eficiente e sustentável, beneficiando tanto os pacientes quanto a instituição como um todo. Portanto, a capacitação das equi-

pes de farmácia é essencial para promover uma gestão mais eficaz dos recursos e garantir a qualidade do atendimento.

“

Profissionais de saúde precisam estar em constante aprendizado para melhorar a qualidade na assistência

Juliana Carreiro

UN Informe

DA REDAÇÃO

VEREADOR ALERTA POPULAÇÃO PARA OS PERIGOS DE GOLPES NA INTERNET E DE JOGOS DE AZAR

O vereador Odon Bezerra (PSB) está alertando a população de João Pessoa sobre a grande incidência de golpes por meio de aplicativo de mensagens. O parlamentar advertiu ainda sobre o grande número de pessoas gastando dinheiro em jogos e apostas on-line. Ele relatou que, nesta semana, recebeu uma mensagem por aplicativo de celular de uma pessoa se passando por seu filho e pedindo para que ele realizasse um pagamento. O parlamentar identificou, no momento, que se tratava de um golpe. “Esse golpe já é extremamente velho, mas ainda há pessoas incautas que caem. É necessário que a população tome consciência e não aja de imediato. Se alguém de sua casa diz que troca de número, confira com essa pessoa para que golpes dessa magnitude não aconteçam”, alertou. O parlamentar afirmou que fez a captura de tela da conversa em que o golpista forneceu a conta-corrente e a chave Pix para o envio do dinheiro, e mandou as imagens para o secretário de Segurança Pública do estado, Jean Nunes, e para o delegado Cláudio Lameirão. Odon ainda fez um apelo para que a população evite se arriscar em jogos de apostas do tipo Tigrinho. “Tenho um amigo que a filha, de tanto jogar, tentou acabar com a própria vida. É preciso fiscalizar a internet, principalmente com seus filhos, porque o rombo é grande. O jogo do Tigrinho está à disposição. Conclamo a população a não se envolver nesse tipo de jogos. Aparentemente, você acha que vai ganhar, mas o prejuízo é muito grande”, alertou o parlamentar.



Foto: Divulgação

NORMAS PARA BARES (1)

O Procon-JP encerrou, na última sexta-feira (13), a Operação Happy Hour — uma campanha educativa em bares, restaurantes e similares da orla, para garantir o cumprimento de direitos do consumidor. Os estabelecimentos receberam um *checklist* com normas e obrigações. “Essa ação geralmente é feita em janeiro. Mas, como João Pessoa já está cheia, antecipamos”, explica o secretário do Procon-JP, Rougger Guerra.

NORMAS PARA BARES (2)

Entre as normas a serem cumpridas pelos estabelecimentos, estão: fixar em local visível o telefone de contato do Procon-JP; proibir o consumo de cigarros, charutos, cachimbos ou de quaisquer produtos fumígenos nos estabelecimentos; proibir valor mínimo para compras com cartão de crédito; disciplinar a cobrança de *couvert* nos bares, restaurantes e similares, entre outras.

MESA QUILOMBOLA

O Incra vai realizar, na próxima quarta-feira (18), a partir das 8h, em Campina Grande, a primeira Mesa Quilombola da Paraíba. O evento reunirá representantes de mais de 40 comunidades remanescentes de quilombos, de órgãos municipais, estaduais e federais e de movimentos sociais no Day Camp Hotel Fazenda. O objetivo é a busca de alternativas locais para prevenção, mitigação e gestão de conflitos em territórios quilombolas.

30 ANOS DA FUNASA (1)

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) vai realizar, na próxima quinta-feira (19), às 9h30, uma sessão especial para homenagear os 30 anos de fundação da Funasa Saúde, associação paraibana, sem finalidade lucrativa, que opera planos de saúde. O requerimento para a realização da sessão especial na ALPB é de autoria do deputado estadual Jutay Meneses (Republicanos).

30 ANOS DA FUNASA (2)

O deputado Jutay Meneses justificou a homenagem à Funasa Saúde lembrando a importância histórica da associação como operadora de planos de saúde. O parlamentar acrescentou que, “exemplo de gestão, referência de qualidade, a Funasa Saúde é fruto da dedicação de paraibanos e paraibanas que dedicam suas melhores habilidades na arte de bem servir”. A Funasa Saúde iniciou suas atividades em 1994.

CÍCERO LUCENA RECEBE MEDALHA DE MÉRITO PREVIDENCIÁRIO

O prefeito Cícero Lucena recebeu na última quinta-feira (12), em Brasília, a Medalha de Mérito Previdenciário Eloy Chaves, comenda dada a pessoas físicas ou jurídicas, nacionais ou estrangeiras, merecedoras do reconhecimento público por terem prestado contribuições relevantes à consolidação dos regimes de previdência social no Brasil. Ele recebeu a homenagem das mãos do ministro de Estado da Previdência Social, Carlos Lupi.

Silvana Santos

Pesquisadora, bióloga e geneticista

“Ser mulher no campo da genética não é fácil”



Foto: Carlos Rodrigo

Professora da UEPB, que está entre as 100 mulheres mais influentes do mundo, fala para A União sobre a Síndrome de Spooan

Emerson da Cunha
emersoncsousa@gmail.com

No início de dezembro, a British Broadcasting Company (BBC) (UK) lançou sua listagem com as 100 mulheres mais influentes e inspiradoras do mundo em 2024. Entre elas, três brasileiras, sendo uma delas pesquisadora em terras paraibanas. Saída de São Paulo e da Universidade de São Paulo (USP) para João Pessoa e para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), a professora, bióloga e geneticista, Silvana Santos veio atrás das pessoas afetadas por deficiências advindas de mutações genéticas em casamentos consanguíneos, em especial no interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Ela tem trabalhado e acompanhado principalmente a Síndrome de Spooan, pelo menos desde 2009, uma doença que enrijece as partes do corpo aos poucos e que pode provocar uma série de deformações. Mas ela também coloca que, para além da genética, é preciso entender o valor que os casamentos consanguíneos têm para essas pessoas e de que forma é possível pensar em políticas públicas para esses tipos de caso.

Entrevista

A senhora foi indicada na lista das 100 mulheres mais inspiradoras e influentes de 2024 pela BBC. Quería saber de início como foi receber essa notícia.

A BBC encontrou um artigo sobre as descobertas de uma pesquisa publicada na revista Pesquisa Fundo de Amparo à Pesquisa em São Paulo (Fapesp). Quando a gente fez a descoberta da Síndrome de Spooan em 2005, ela foi capa da revista. Os jornalistas da BBC então queriam saber como havia ficado essa história depois de 2005. Eles me procuraram e pediram para ir a Serrinha dos Pintos para rever as pessoas que tinham a síndrome. Eles até gravaram um documentário que vai sair daqui a alguns dias. Fomos até Serrinha dos Pintos, os jornalistas se divertiram, se encantaram com as histórias. Eu conhecia todo mundo da cidade, todo mundo sabia sobre a Spooan, eles conversaram com as pessoas que tinham doenças familiares. Ficaram encantados pelo fato de, desde 1999, eu manter contato com as famílias, e da gente não ter só pensado no aspecto do diagnóstico da Spooan, mas também com o fato de ter pensado em outras ações. A gente fez contato com a Secretaria de Saúde na época, garantiu prescrição de cadeiras de rodas adaptadas, etc. Os jornalistas ficaram encantados e fizeram sugestão da indicação do meu nome [para a lista]. E a BBC abraçou porque, neste ano, a temática é sobre resiliência, e uma mulher pesquisadora, mãe que carregava suas duas filhas de um lado e para o outro, conversando com pessoas com deficiência, eles acharam essa história uma representação boa da resiliência.

Como é que é a Síndrome de Spooan chegou à sua pesquisa?

Embora eu fosse do departamento de Genética da USP, meu interesse sempre foi educação, como as pessoas compreendem as ideias, como surgem, como se modificam no tempo. Quando iniciei o doutorado, comecei a trabalhar com casais de primos. A gente tem um serviço de aconselhamento [na USP] que tinha muita demanda de ca-

saís de primos que queriam saber, por exemplo, se teriam filho com deficiência. Comecei a trabalhar com isso, só que tinha mudado para uma região de São Paulo onde havia várias pessoas do Rio Grande do Norte. E era tudo primo casado com primo na rua. Mudei para uma rua, comecei a conhecer as pessoas e elas eram parecidas entre si. Fui numa festa de Natal que não consegui identificar e separar as pessoas. Eles diziam que, na região de Serrinha dos Pintos, tinha muitas pessoas com deficiência. Então comecei a entrevistar essas pessoas para treinar para o meu doutorado e compreender as ideias que tinham sobre herança. Comecei a rascunhar a genealogia deles. Teve uma vez que iam para o Rio Grande do Norte, e me chamaram. Eu fui em 1999, depois 2002, 2003, 2006, fiquei três anos, até vir para a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Fui visitar as pessoas e era muita gente afetada. Quando nascem, nascem “normais”. O pessoal da família conhece a doença porque acontece há várias gerações. Por exemplo, quem tem uma pessoa com Spooan, teve um irmão com Spooan, teve um tio com Spooan, e esses tiveram anteriormente. São pessoas afetadas há pelo menos 150 anos. Então, quem é da família olha um bebezinho e sabe que ele vai ter problema. Porque parece que o primeiro sintoma é um balancinho no olhar. Então os mais velhos olham para a criança e falam que a criança não vai andar. Aí o que acontece com a criança? Ela começa a se desenvolver, quando ela começa a andar, anda com dificuldade porque ela tem uma rigidez no pé. A criança com dois anos pode andar, adolescente anda, mas com dificuldade. Com a neuropatia, vão perdendo o controle do movimento das pernas, do centro de baixo para cima. As mãos continuam com movimentos, as pernas, não. Aí eles não conseguem controlar mais o movimento e acabam na cadeira de rodas. Na verdade, no Sertão, a gente viu que eles não ficam muito na cadeira de rodas. Ficam no chão mesmo. Se arrastando. Eles dormem muito em rede e é péssimo porque

daí desenvolvem deformidades e eles vão como se fossem se fechando, como uma flor que murcha. Vão tendendo a ficar tortos. As deformidades são gravíssimas. Imagina uma pessoa completamente atrofiada com a cabeça que fica grudada perto do chão.

A senhora também fez pesquisas aqui na Paraíba. Em que estados deu para perceber a síndrome?

Em 2006, a gente aprovou um projeto grande que era para chamar os “spooanzinhos” [como a bióloga se refere às pessoas vivendo com a síndrome] de pessoas com deficiência, em cinco municípios do lado de Serrinha. Era para eu passar três meses, passei três anos, quando me mudei para a UEPB por concurso. Porque era muita gente com deficiência, e acabou achando muito mais “spooanzinhos” do que a gente esperava. Em Serrinha, a gente tinha 18. Em outros locais do Brasil, aparentados com Serrinha, a gente tinha 26. Quando chega em São Miguel, acha 40. E os restantes ali do entorno. Na Paraíba, por exemplo, eu cheguei em Lagoa, tem uma menina “spooanzinha”. Mas a família é do Rio Grande do Norte. Eu comecei a visitar os municípios de beira, peguei todos os municípios de borda com o Rio Grande do Norte. A gente fez um levantamento das pessoas com deficiência e descobriu outras doenças genéticas, como duas formas novas de deficiência intelectual que não afetam tantas pessoas como a Spooan. A Spooan chama muita atenção pelo fato de ser mais de 70 pessoas afetadas numa mesma família. Por que mesma família? Porque a gente diz que tem um ancestral em comum. E o fato da gente ter encontrado outros afetados no Egito, muito provavelmente deve ter em Portugal também, deve ter em outros locais. Mas as pessoas não tem o diagnóstico correto.

Dá para dizer que a consanguinidade é algo comum ou que se consegue perceber ainda bastante? De que forma isso afeta as pessoas?

A taxa de consanguinidade no mundo é da ordem de 10%. Onde tem mais consanguinidade no mundo? Nos países do Oriente Médio, em que a gente vai ter até 50% de casamentos de consanguíneos, porque lá é muito valorizado. Qual o outro local que tem muito consanguinidade no mundo? O Nordeste. Em média, a gente vai ter 20% de casamentos consanguíneos aqui na Paraíba. Só que a gente vai ter mais casamentos consanguíneos quanto mais para o interior você for. A gente encontrou o município aqui, por exemplo, Poço Dantas que foi 41% de consanguinidade. Em Serrinha dos Pintos, 30% dos casamentos são entre pessoas aparentadas. No Nordeste, há uma tradição na crença de que, se você casar com uma pessoa da família, o casamento dura mais, é mais seguro, não é seguro casar com alguém desconhecido, de fora. No Brasil, está na ordem de 2% de

casamento consanguíneo. Só que o Nordeste vai ter cerca de 15 vezes mais casamentos consanguíneos que o Sudeste. O fato de ter muito casamento consanguíneo explica, em parte, as mais altas prevalências de pessoas com deficiência, porque a causa de uma boa parte dessas deficiências é genética. E você tem os casamentos entre famílias, você pega a cidade com muitas pessoas com aquela forma rara de deficiência. Assim, teria que ver, analisar, pesquisar para saber o que é.

O prêmio foi uma indicação de uma lista de 100 mulheres. Como é ser mulher na ciência brasileira hoje em dia? De que maneira também estar nessa lista é uma forma de reconhecimento?

Eu acho assim que a lista é muito boa, mas eu brinco assim, não é bom para mim. Propriamente dito. O que mudou na minha vida? Absolutamente nada. Entretanto, a gente consegue divulgar essas mulheres que produzem conhecimento e incentivar, digamos assim, as meninas a ocupar esses cantos dos quais muitas vezes elas têm medo, porque é um lugar muito masculino. Quantos prêmios Nobel são de mulheres? Pouquíssimos. Por aí a gente vê. E também assim, a área de pesquisa é muito competitiva. A área de genética mais competitiva ainda. Então, ser mulher no campo da genética não é fácil e também envolve tecnologia, que é bastante masculina. Veja, eu só consegui porque eu fiz USP, com toda a infraestrutura, financiamento da Fapesp, o fato de termos geneticistas com uma história. Mas se a gente dependesse, por exemplo, dos insumos e do dinheiro para fazer aquilo, talvez a gente não conseguisse porque é uma ciência muito cara. E a genética fica cada vez mais cara, porque vai se sofisticando. Então assim, qual a importância do prêmio? Eu acho que falar um pouco da ciência no Nordeste, falar um pouco do que a gente produz de conhecimento. Ser mulher produzindo aqui. E falar de doença genética que acomete as populações mais vulneráveis. Falar de pessoas com deficiência que precisam de um olhar mais de cuidado. Eu acho que o prêmio lança a luz a uma temática que talvez passe a interessar mais especialmente para a gente olhar com mais carinho.

A consanguinidade tem a ver com a pobreza ou com a situação de vulnerabilidade?

Eu não vi isso. Você tem famílias muito ricas que, sim, se casam, como as pessoas do Oriente Médio, que casam na família, assim como os judeus. O que acontece às vezes, nessas regiões mais vulneráveis, é o isolamento e a pobreza. Porque sair de um município, por exemplo, como Poço Dantas ou mesmo em Serrinha dos Pintos, você tem que ter grana. Porque o transporte é caro. A pessoa acaba naquele sítio relativamente isolada. Porque o que isola a pessoa? A pobreza. Então, o isolamento, ou relativo isolamento, não é que a pessoa está completa-

“
No Nordeste, há uma tradição na crença de que, se você casar com uma pessoa da família, o casamento dura mais, é mais seguro

mente isolada, é mais fácil de ela não ter grana para transporte, ou ele ser caro, de uma cidade para outra meio distante. Assim, a pessoa acaba tendo as relações dela com pessoas mais próximas, seus parentes. Não é que a pobreza causa consanguinidade e a consanguinidade dependa da pobreza. O isolamento por conta da pobreza nas regiões rurais ou mais remotas favorece o casamento entre as pessoas mais próximas. Mas existe uma cultura de valor a eles. Querem também casar na família. Eles consideram que é mais duradouro e é melhor casar com alguém da família que você conhece do que casar com estrangeiro, qualquer um que você não conhece.

Como a senhora vê a atuação e também o reconhecimento das mulheres na ciência, na Academia? Como, ainda hoje, a senhora vê essa participação?

Na área da Saúde, a gente tem, mesmo no caso da Medicina da Família e da Comunidade, por exemplo, a área da enfermagem, que é extremamente feminina. As áreas da Saúde geralmente voltadas ao cuidado são femininas. Entretanto, os postos de comando são masculinos. A pesquisa também é muito masculina, tem competitividade muito grande. Você precisa ter tempo para viajar, fazer campo. Eu, como mulher, fui fazer campo com minhas duas filhas. Então, a gente tem sempre um ônus e um bônus. Para conseguir fazer conquista, a gente teve que sacrificar parte da nossa vida. Muito difícil também conviver com o homem, que homem quer aceitar isso? “Tá? Onde você vai tá hoje?”, “Ah, eu vou lá pra Uiraúna hoje, fazer uma pesquisa de campo lá e vou fazer um levantamento e volto em alguns dias”. Até situações afetivas ficam comprometidas, e você precisa pesar. Eu acho que é legal falar da mulher para começar a debater isso e estimular as meninas a pensar, mas como a gente vai mudar as estruturas de poder, eu acho que a gente ainda tem um caminho pela frente.

VIDA DE PESCADOR

Tradição que resiste a cada geração

Atividade milenar é símbolo de resiliência e faz parte da cultura de várias famílias da comunidade da Penha

Samantha Pimentel
samanthainiao@gmail.com

Mar, sol quase o ano inteiro e uma paisagem paradisíaca. Assim é o bairro pessoense da Penha, local que não se destaca apenas pelo Santuário de Nossa Senhora da Penha, mas pela presença de pescadores. Uma atividade milenar que, apesar da tecnologia e do mundo conectado do século 21, permanece viva no cotidiano de inúmeras famílias, passando de geração a geração.

Para esses trabalhadores, a ida frequente ao litoral, muitas vezes nas primeiras horas do dia, significa a busca pela renda, ou seja, pela própria sobrevivência. Um desses profissionais da pesca é José Paulino de Lima Filho, presidente da Cooperativa de Pescadores que vem se organizando no local. Mais conhecido como Zeca, ele conta que nasceu na Praia da Penha e aprendeu o ofício com seu pai, que também era pescador.

“Essa tradição de aprender o ofício com alguém da família, amigos ou vizi-

nhos, ainda existe no local. “Quando não é com o pai, é com alguma pessoa mais adulta que leva. Aqui mesmo, temos pescadores que estão com a gente hoje que já aprendeu com outro... vai passando de um para o outro”, conta.

Esse foi o caso de Thiago Santana dos Santos. Ele começou a se interessar pelo ofício por “esporte”, mas pegou gosto, como ele mesmo diz, e, depois de um tempo, acabou fazendo da pesca sua ocupação principal. “Comecei na Praia de Jacarapé, jogando linha na beira da praia. Depois, comecei a jogar rede, tarrafa, e mais tarde passei para a parte do mergulho. Me tornei um pescador profissional”, conta.

Ele relembra que seu avô exercia o mesmo ofício e que, desde criança, já tinha contato com a pesca. Atualmente, seguindo na profissão, não pretende mais sair. “Saio mais não! É bom... tem dia bom, tem dia ruim. Pescaria é sorte e também tem a ver com o tempo, as estações do ano influen-

ciam também”, explica.

Outros caminhos

Apesar de muitos veteranos ensinarem a arte da pesca para os mais jovens ou iniciantes, há morador na comunidade que opta por outro caminho. Segundo Zeca, antigamente, existiam mais pescadores na região, pois poucas pessoas trabalhavam em outra atividade fora da Penha. Porém, seus filhos, por exemplo, não seguiram nesse ramo, todos foram morar e trabalhar em outras regiões do país e até mesmo no exterior.

“Eles foram buscar uma vida melhor, e hoje muitos aqui não querem mais pescar, a gente entende. A pesca não rende tanto quanto rendia antes. Os filhos veem os pais naquela dificuldade, o trabalho não chama mais tanta atenção. Eles querem ganhar mais dinheiro”, afirmou.

Contudo, mesmo que o retorno financeiro não seja grande, o pescador diz que gosta da tranquilidade da vida na Praia da Penha e que não se imagina fazendo



Comecei jogando linha na beira da praia. Depois, passei a jogar rede, tarrafa, e fui para o mergulho

Thiago Santana

outra coisa que não seja pescar. “A pesca é maravilhosa, é uma satisfação grande. Já trabalhei de pedreiro, carpinteiro, pintor, mas só me realizo nessa atividade. Não me vejo sendo outra coisa”, ressalta Zeca.

No ofício há 40 anos, junto com um grupo de mais

10 pessoas, ele busca uma organização em torno da construção de uma cooperativa que possa fortalecer o trabalho. “Estamos começando com poucos pescadores, para depois ir chegando mais gente, ir crescendo. A gente tem assessoria da secretaria do município, porque tem que estar tudo legalizado para trabalhar. A gente quer vender para prefeituras, para programas do estado também”, afirma.

Zeca ainda contou sobre a dificuldade de entender a burocracia e as legislações, por isso, tudo tem sido bem orientado e discutido entre eles. Porém, ele afirma que o grupo não é formalizado juridicamente. Mesmo assim,

os pescadores já atuam de forma coletiva, ajudam no dia a dia, nas atividades de pesca e manutenção das redes e barcos.

Sobre o volume de pescado adquirido, ele frisou que, anos atrás, tinha mais peixe na Penha. Hoje, a atividade ficou mais difícil, porém a produção é suficiente para manter o sustento das famílias. “Não tem como dizer que é ruim, tem épocas em que o vento não permite que a gente vá pescar de jangada, porque é arriscado. Quem vai de barco maior ainda pesca. Nesse período, a gente aproveita para limpar os barcos e fazer manutenção. A gente só vai nos dias que dá”, explica.

Saiba Mais

■ Historicamente, a Penha surgiu de uma vila de pescadores, que começaram a ocupar o local, aproximadamente, no ano de 1900. Segundo dados do Censo Demográfico 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 648 pessoas residem no bairro atualmente, e os moradores vivem, sobretudo, de atividades comerciais ligadas ao turismo e da pesca. Vale lembrar que, em épocas em que não é possível pescar, durante o período de defeso de alguma espécie, os pescadores recebem o chamado Seguro Defeso, concedido pelo Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), como explica Zeca.

Maior fluxo de pessoas favorece a criação de emprego e renda

O pescador Zeca comenta que a região cresceu bastante e aumentou o movimento turístico nos mais de 55 anos em que ele reside no local. O maior fluxo de pessoas trouxe mudanças para o dia a dia dos moradores.

“No fim de semana o movimento é grande na praia, dá bastante gente. Isso é bom e ao mesmo tempo é ruim. Gera bastante emprego, mas a gente também tem a preocupação ambiental. A gente pega lagosta nos arrecifes, por exemplo, e tem passeios de barco, com muitas pessoas. Isso muda, totalmente, o ambiente marinho, porque o peixe muda de rota”.

Ele ainda se preocupa com a poluição do bairro, por isso o grupo de pescadores vem buscando, com a Prefeitura de João Pessoa, a realização de um projeto que trate sobre esse problema. “A gente, como pesca-

dor, sabe que não pode ficar isento das coisas, porque a gente é a base”, destaca.

As mudanças também trouxeram coisas boas, como a maior facilidade de comercialização dos peixes. Sobre isso, Zeca recorda que, no passado, era preciso que os pescadores saíssem a pé até o Centro da capital para poder vender seus produtos. “Naquele tempo, meu pai saía daqui para o Mercado Central, com um calão de peixe (vara usada para prender uma rede de pesca) nas costas, para vender lá. E só tinha um frigorífico que era lá, para vender e poder angariar o recurso para a casa. E tinha os pombeiros, que eram os atravessadores que compravam do pescador para vender. Hoje, já vende aqui na beira da praia mesmo”, afirma.

Com o aumento do turismo na região e as diversas peixarias e barra-

cas instaladas à beira mar, Zeca diz que o pescado é rapidamente vendido sem muito esforço. Segundo ele, assim que o barco atraca, já há comprador na praia. Assim, o montante é escoado para as peixarias e os compradores avulsos.

“O peixe que você trouxer, todo mundo compra. Tem gente que vem de fora também, de outros bairros e temos fregueses em todo canto. Essa parte da venda melhorou demais”, afirma.

Variedade

De acordo com os pescadores, na Penha, é possível encontrar todo tipo de pescado, inclusive lagosta, produto que pode ser encontrado no comércio local. Quando o tempo está favorável, a atividade é exercida todos os dias. Zeca explica que, normalmente, os pescadores saem pela manhã para lançar as redes e voltam para puxá-las ao fim



José Paulino, ou Zeca, é o presidente da Cooperativa de Pescadores e aprendeu o ofício com o pai

da tarde. Há ocasião em que lançam a rede ao entardecer e só recolhem no dia seguinte.

Há também quem passe

dias no mar. “Cada pesca-ria tem seu jeito, depende da armadilha”, diz ele, contando que a rotina dos pescadores é essa, e que o tra-

balho segue um ritmo que é também ditado pela variação das marés e pela cadência dos ventos e do mar, de onde tiram seu sustento.

CANNABIS MEDICINAL

PB tem maior alta de importação

Estudo mostra que, proporcionalmente, o estado registrou o maior índice de pedido de remédio vindo do exterior

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

O acesso a remédios à base de maconha, no Brasil, ocorre de três formas principais: em farmácias, via importação ou por meio de associações de pacientes. E duas dessas modalidades têm se sobressaído na Paraíba. Segundo o Anuário da Cannabis Medicinal 2024, divulgado em novembro pela Kaya Mind, empresa especializada no tema, o estado registrou o maior crescimento percentual na solicitação de importações dos medicamentos entre as unidades federativas do Brasil.

O cenário considera a localização dos pacientes (aumento de 114%, de julho de 2023 até julho de 2024) e a origem dos médicos prescritores (alta de 175%, entre outubro de 2019 e julho deste ano). Além disso, a Paraíba sedia a maior associação de pacientes do Brasil — a Associação Brasileira de Apoio Cannabis Esperança (Abrace) —, que possui cerca de 40 mil membros ativos em todo o país, de acordo com seu diretor-executivo e fundador, Cassiano Gomes.

Para a CEO da Kaya Mind, Maria Eugenia Riscalá, uma possível explicação para o aumento expressivo das importações é a diversificação no mercado paraibano, tradicionalmente dominado pela Abrace. “Eu sinto que, talvez, com a ampliação dos tratamentos à base da *cannabis*, muitas pessoas não se sentiram contempladas dentro da proposta da Abrace, por qualquer moti-



Abrace, sediada na Paraíba, produz pomada, spray e óleos à base de cannabis; cultivo da planta ocorre em Campina Grande e a fabricação dos medicamentos, na capital



Foto: Carlos Rodrigo



Como nosso cultivo é sustentável, a gente tem condição de fazer produtos mais concentrados

Cassiano Gomes

Gomes, o cultivo da planta, cuja autorização foi obtida em 2017, é realizado, atualmente, em Campina Grande. Já a transformação da matéria-prima extraída nos remédios é feita na capital paraibana, processo que tem se tornado mais eficiente com o tempo. “A Abrace tem os óleos de 10 ml e de 30 ml e também os óleos mais concentrados de 100 mg e de 200 mg de CBD. Isso foi um avanço gigantesco, já que, como nosso cultivo é sustentável, a gente tem condição de fazer produtos mais concentrados. E, hoje, nossos produtos são iguais ou melhores do que os importados”, afirma o fundador da associação.

Estado lidera número proporcional de prescrições de receitas no NE

O ponto de partida para o acesso aos produtos à base de *cannabis* é a prescrição dos médicos. De acordo com o anuário da Kaya Mind, a Paraíba lidera, no Nordeste, o índice de receitas dos medicamentos, quando considerada a localização dos prescritores: são 14,2 a cada 10 mil habitantes. O estudo considera os profissionais que estão registrados no Conselho Regional de Medicina da Paraíba (CRM-PB) — confira o *ranking* no quadro.

Um profissional que atua no estado e incluiu os remédios em suas prescrições é o médico de família e comunidade Marcos Bosquiero. Ele conta que, durante a formação acadêmica, os fármacos produzidos com canabinoides não foram apresentados como uma possibilidade de tratamento. A adoção em sua clínica deveu-se a estudos particulares e a uma pós-graduação na área.

Ocenário que levou Marcos a buscar informações sobre os

medicamentos em meios alternativos evidencia a existência de objeções, entre seus pares, à indicação desses produtos. A situação, porém, tem se modificado. “Sempre houve resistência em relação à prescrição, inclusive da própria categoria médica, mas muitos profissionais já estão mais abertos. O CRM vem tentando, de alguma forma, dificultar esse acesso, mas, hoje, qualquer profissional pode prescrever, desde que se sinta seguro e com possibilidade para dar um acompanhamento”, esclarece.

Nesse sentido, a ampliação do conhecimento sobre os produtos à base de maconha, por parte dos profissionais de saúde, é referida pelo médico e por Maria Eugenia como uma etapa fundamental para combater o preconceito e facilitar o acesso aos medicamentos.

Outro ponto importante para a ampliação do acesso diz respeito aos avanços na legislação. Cassiano ressalta, por

exemplo, a autorização recente para importação de sementes e cultivo de *cannabis*, desde que para fins medicinais, farmacêuticos e industriais. A decisão foi tomada pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) em novembro e inclui um prazo de seis meses para que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) regulamente a questão. Para o diretor-executivo da Abrace, porém, ainda há um caminho a ser percorrido. “O que falta nesse país é uma regulamentação definitiva, democrática, que observe toda a parte cultural do Brasil, que promova a equidade e a igualdade e, principalmente, que gere empregos aqui”, defende.

Em João Pessoa, uma lei promulgada, em março, pela Câmara de Vereadores garante a oferta gratuita dos remédios a usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Trata-se da Lei nº 2.005, segundo a qual o Poder Público da cidade deve fornecer os medicamentos, desde que esses tenham sido prescritos por um médico, junto a um laudo com as explicações para o tratamento. O paciente também precisa estar inscrito no serviço médico público prescritor da *cannabis*, sendo acompanhado ambulatorialmente, pelo menos, uma vez a cada seis meses.

nia, asma, enxaqueca, neuralgia do trigêmeo, esclerose múltipla, endometriose, psoríase e efeitos adversos do tratamento do câncer, a exemplo da quimioterapia. O médico de família e comunidade explica, ainda, como os componentes dos remédios derivados da maconha, especialmente o canabidiol (CBD) e o tetrahidrocanabinol (THC), atuam no organismo. “Os medicamentos agem por meio do sistema endocanabinoide, que todos os seres humanos e mamíferos possuem.

Esse sistema é conectado, como se fossem chave e fechadura, com os fitocanabinoides, entre eles o CBD e o THC. Cada sistema endocanabinoide é único em cada indivíduo e, por isso, todo tratamento deve ser sempre individualizado”, completa Marcos.

Produção Na Abrace, os medicamentos são fabricados e distribuídos em três formas: pomadas, *sprays* e óleos, sendo esses os de maior demanda. Segundo Cassiano

Em nove anos, associação já atendeu 53 mil pacientes

Fundada em 2015, a Abrace se destaca tanto por seu pioneirismo como pela capilaridade em nível nacional. Desde a sua criação, a associação já atendeu 53 mil pessoas. Para o diretor-executivo Cassiano Gomes, parte desse sucesso está atrelada ao espaço conquistado na imprensa do país, o que atraiu novos associados.

As pessoas que possuem recomendação médica e estão interessadas em adquirir os remédios devem realizar um cadastro, o qual inclui o pagamento de uma anuidade, importante para manter a estrutura de produção. O diretor-executivo da associação salienta, porém, que 20% dos pacientes recebem algum tipo de desconto, com taxas variando de 20% a 100%, o que correspondeu, neste ano, à oferta de 13.500 produtos isentos.

A atuação da Abrace, contudo, não se limita à produção e à oferta dos remédios, abrange o acompanhamento dos profissionais responsáveis pelas prescrições. “A gente criou a categoria de médico associado, que oferece acolhimento e orientação, além de ele estar isento das taxas associativas. E a gente buscou olhar o médico não como o prescritor, mas como o paciente, o que nos leva a tratar esses profissionais, porque

País No Brasil, há 672 mil pessoas cadastradas para o uso de medicamentos feitos à base da planta; número é 56% maior do que o registrado em 2023

muitos deles estão doentes. Isso foi maravilhoso, já que trouxe uma chuva de médicos para cá. No mês de janeiro, por exemplo, mais de 150 deles se cadastraram”, detalha Cassiano.

Para a CEO da Kaya Mind, Maria Eugenia Riscalá, o acompanhamento de médicos e pacientes, com a abertura de canais para tirar dúvidas e discutir protocolos clínicos, consiste no principal papel exercido por associações como a Abrace — o que as diferencia de outros atores do mercado da *cannabis* medicinal. “Fora essa questão da proximidade, a associação foi a primeira a entender a dor da mãe, e esse é um mercado que começou com as mães. Então,

eu não sei se estaríamos onde estamos sem as associações; e, mais importante, eu não acho que a gente possa mover adiante sem considerá-las. Porque muita gente acha que é suficiente ter o remédio na farmácia, mas a farmácia tem pouca opção e a farmacêutica não está nem aí para o médico ou para o paciente e nem liga se o cultivo é nacional ou feito lá fora. Quem está preocupado com isso são as associações”, declara.



A associação foi a primeira a entender a dor da mãe, e esse é um mercado que começou com as mães

Maria Eugenia Riscalá

Saiba mais

Confira o *ranking* nordestino das prescrições de *cannabis*, por cada 10 mil habitantes, de acordo com a localização dos prescritores:

- | | | |
|-----------------------------|--------------------|------------------|
| ■ Paraíba – 14,2 | ■ Pernambuco – 5,2 | ■ Alagoas – 2,1 |
| ■ Bahia – 13,3 | ■ Sergipe – 5,2 | ■ Piauí – 2,1 |
| ■ Rio Grande do Norte – 5,9 | ■ Ceará – 4,3 | ■ Maranhão – 1,5 |

RÉVEILLON NOS MUNICÍPIOS

Gastos com festas são questionados

TCE-PB e MPPB defendem bom senso e responsabilidade das prefeituras no uso de recursos públicos para eventos

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

A cidade de Solânea, no Brejo paraibano, está preparando seu “arsenal” para o Réveillon de 2025: serão 460 fogos de artifícios, ao custo de mais de R\$ 112 mil. Já Baraúna, na região do Sertidó, promete uma virada com forró, ao som de Fabinho Testado, por R\$ 150 mil. Esses são alguns exemplos dos atrativos programados para uma das datas mais agitadas do ano — sendo a maioria deles custeada com recursos públicos. Não importa a localidade; os gastos das prefeituras paraibanas com tais festividades levantam questionamentos sobre a necessidade de se promover eventos suntuosos como esses.

Existe, afinal, um limite para quantias investidas nessas celebrações, sobretudo em cidades menores? Afinal, o impacto financeiro dos custos com o Réveillon chama ainda mais atenção, por exemplo, em municípios como Baraúna — onde vivem 4.762 pessoas, conforme o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É essa reflexão que órgãos como o Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) e o Ministério Público do estado (MPPB) fazem ao analisar as cifras empenhadas nas festas de fim de ano. Para se ter uma ideia, somente em 2023, as prefeituras do estado gastaram mais de R\$ 2 milhões em fogos de artifício. E, ao que tudo indica, neste ano, o investimento promete ser ainda maior.

Para Nominando Diniz, presidente do TCE-PB, o problema não está na realização das festividades, mas na falta de bom senso constatada em alguns casos. “Se o município está equilibrado, paga pontualmente seus servidores e fornecedores, cumpre as exigências em saúde e educação, recolhe a contribuição previdenciária e não deixa despesas para outra gestão, o Tribunal admite a

feira”, afirma o conselheiro, destacando que também é necessário respeitar princípios como o da proporcionalidade — como ele mesmo explica: “Uma coisa é gastar R\$ 3 milhões em João Pessoa ou em Campina Grande; outra é fazer uma festa dessa dimensão em um município muito pequeno”.

Razoabilidade

As despesas com os festejos deste ano serão declaradas somente no balancete de dezembro, com entrega prevista para janeiro de 2025, e, por isso, ainda é cedo para apontar possíveis gastos extravagantes. Mas o TCE-PB

promete uma análise minuciosa das contas municipais, verificando itens como impacto financeiro, proporcionalidade e comprovação. “Tudo tem que ser comprovado, não vale apenas informar o gasto em si”, reforça Nominando Diniz.

O objetivo da fiscalização é evitar situações em que os recursos públicos sejam usados de forma desarrazoada, como em contratações desnecessárias ou superfaturadas. E o que seria razoável nesse contexto? Nominando recorre a uma analogia simples: “Quando você, como cidadão, vai comprar uma roupa, analisa pela razoabilidade.

Se está acima da sua possibilidade [de investimento], você não compra”. A lógica, segundo ele, deve ser a mesma para o Poder Público: gastar dentro das possibilidades e priorizar o interesse coletivo. Afinal, por mais que a população queira celebrar o Ano Novo ao som de shows musicais e pirotécnicos, não há justificativa para comprometer o orçamento de uma cidade inteira por uma festa.

Diagnóstico

No MPPB, a conduta para averiguação de despesas é similar, começando por um diagnóstico financeiro do município. Para o promotor

Carlos Davi Lopes, coordenador do Centro de Apoio Operacional do Patrimônio Público do órgão, os números falam por si. “Não é justificável que um município gaste expressiva quantia de recursos quando ele não garante o básico à sua população”, pontua. Ele cita o exemplo de Santa Rita, onde o MPPB interveio para reduzir os gastos previstos para o São João deste ano, estimados em R\$ 13,8 milhões, para R\$ 8,5 milhões.

A economia de mais de R\$ 5 milhões no orçamento para o São João santarritense foi resultado de uma disputa judicial entre a prefeitura da

cidade e o MPPB, que solicitou a readequação dos valores ou a suspensão da festa. O Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) acolheu o pedido, apontando que os gastos previstos para o evento violavam “os princípios constitucionais de razoabilidade, proporcionalidade, eficiência, moralidade e economicidade”. Em sua solicitação, o MPPB havia chamado atenção para os saltos sucessivos nos investimentos para as edições recentes da festividade: de R\$ 4,5 milhões, em 2022, para R\$ 8,5 milhões, em 2023, até os R\$ 13,8 milhões inicialmente programados para este ano.

Promotores rastreiam irregularidades

Mas, com tantas cifras milionárias em jogo, como esses órgãos conseguem rastrear eventuais irregularidades nos contratos? A resposta está em um rigoroso passo a passo fiscalizatório, que inclui desde a análise dos portais de transparência até ações judiciais para impedir gastos desproporcionais. O diagnóstico é feito pelos promotores de Justiça atuantes em cada município, cuja atribuição é defender o patrimônio público, como esclarece Carlos Davi Lopes. “O processo é descentralizado. Nós divulgamos uma nota, pedindo para que os promotores se atentem a essas situações. Se desconfiar de alguma coisa, com base nos dados dos relatórios [financeiros], cada promotor, em seu devido município, chama nossa atenção”, detalha o representante do Ministério Público.

A partir daí, caso seja identificado um possível pro-

blema, o órgão propõe uma solução amigável ao gestor municipal, em caráter extrajudicial, para tentar convencê-lo de que aquele determinado gasto constitui uma irregularidade. Nesse primeiro momento, o MPPB propõe um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) ou emite uma recomendação, mas, se o prefeito em questão não acatá-la, outras medidas são aplicadas. “Ele pode sofrer consequências, como um processo de improbidade administrativa ou uma ação civil pública, com pedido de liminar para suspender a festa”, observa o promotor.

A fiscalização por parte do TCE-PB também envolve uma análise meticulosa de documentos e registros de movimentação financeira entregues pelas prefeituras. “Na prestação de contas, analisamos pontos como proporcionalidade, razoabilidade, preço, período, comprovação da despesa e até

a autoridade que aprovou a atração”, explica Nominando Diniz.

Casos comuns

As irregularidades mais comuns apontadas pelos dois órgãos incluem contratações desproporcionais, sobrepreço e ausência de formalidade nos processos. Nominando ilustra a disparidade de valores com um exemplo que diz ser bem comum: um artista é contratado por R\$ 100 mil em determinada cidade mas, no município vizinho, seu cachê vira R\$ 200 mil — “o que não é razoável nem proporcional”, enfatiza.

Segundo Carlos Davi, períodos pós-eleições exigem ainda mais atenção, já que as festas de fim de ano podem ser usadas como ferramentas políticas em transições de mandato. “É comum que, próximo de deixar o cargo, um prefeito queira deixar uma ‘herança’, que são vários empenhos para serem quita-

dos. Aí, ele faz uma festa ‘pão e circo’, que não rende efeitos duradouros à cidade”, alerta.



Foto: Arquivo Pessoal

Se desconfiar de algo, com base nos relatórios financeiros, o promotor do município chama nossa atenção

Carlos Davi Lopes

Parceria com empresas privadas é alternativa

Argumentando em favor dos grandes eventos, os prefeitos costumam alegar que sua realização gera um impacto econômico bastante positivo para os municípios. Mas esse é um ponto muito questionado pelos órgãos de fiscalização. Carlos Davi Lopes afirma que a realidade financeira de várias cidades pequenas não sustenta a justificativa de que festas movimentam a economia local.

“Provamos documentalmente que não há incremento de arrecadação do ISS [Imposto Sobre Serviços] no período das festas em municípios menores. Grandes polos são exceções, mas a realidade da maioria é diferente”, frisa o representante do MPPB. No recente caso de Santa Rita, o órgão conseguiu atestar que não houve in-

cremento arrecadatário no período junino em razão da proximidade com João Pessoa, por exemplo.

Por outro lado, cidades como Campina Grande, Patos e Bananeiras têm mostrado que parcerias com a iniciativa privada podem minimizar significativamente o impacto das festas nos cofres públicos. Na visão do promotor de Justiça, isso deveria ser a regra, não a exceção. “Nesses municípios, os gastos são muito reduzidos e, em alguns deles, há retorno financeiro”, reconhece Carlos Davi. “O ideal para qualquer festividade seria chamar um parceiro privado, via licitação, e submeter o evento a todos os trâmites legais. O que não dá é uma cidade paupérrima colocar 10% da sua receita anual para fazer um evento festivo”, finaliza.

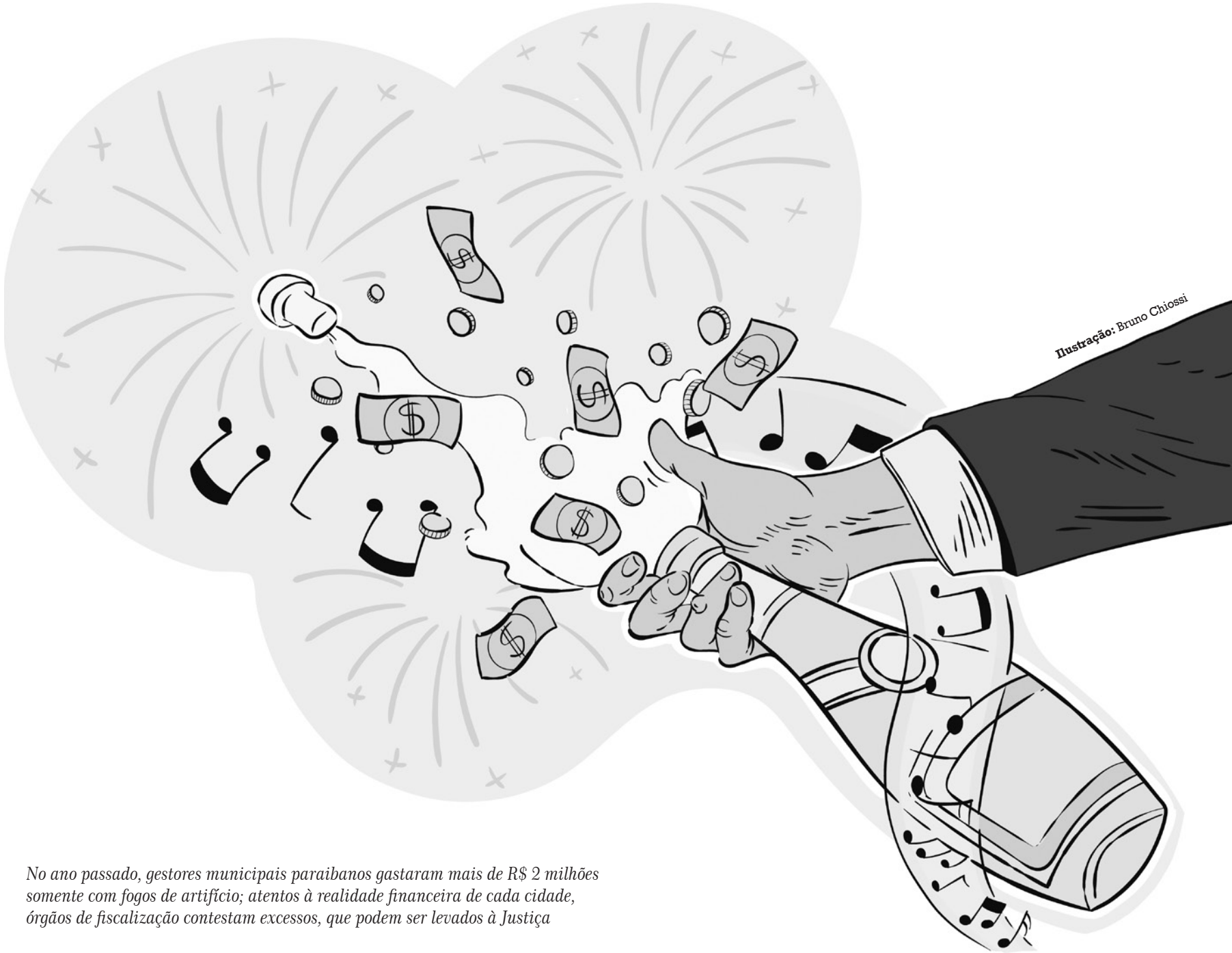


Ilustração: Bruno Chiossi

No ano passado, gestores municipais paraibanos gastaram mais de R\$ 2 milhões somente com fogos de artifício; atentos à realidade financeira de cada cidade, órgãos de fiscalização contestam excessos, que podem ser levados à Justiça

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA

EM 2024 ALPB
FEZ ACONTECER.
DELA MARIA E
DELAS MULHERES.

CAMPANHA MARÇO MULHER NO
ÂMBITO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA PARAÍBA.
Resolução no **2.197**, de 29 de fevereiro de 2024

* Acontece na ALPB *
Acontece na sua vida

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA • ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA PARAÍBA

EM 2024 ALPB
FEZ ACONTECER.
PELA MARIA E
PELAS MULHERES.

**CAMPANHA MARÇO MULHER NO
ÂMBITO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA PARAÍBA.**
Resolução no 2.197, de 29 de fevereiro de 2024



*** Acontece na ALPB ***
Acontece na sua vida

LITERATURA

Pílulas sobre Jobim

Ruy Castro reúne 99 textos curtos sobre diversos aspectos da vida e carreira do compositor, sobretudo o do ecologista à frente de seu tempo

Foto: Tania Rego/Agência Brasil

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

No domingo passado, completaram-se 30 anos da morte de um dos maiores músicos brasileiros de todos os tempos: Antônio Carlos Jobim. Embora a maneira ideal de fazer uma homenagem nesse período seja, obviamente, ouvir a música de Tom com a deferência que ela merece, há outra: ler *O Ouvidor do Brasil – 99 Vezes Tom Jobim*, livro de Ruy Castro, lançado este ano, reunindo as, quase, cem vezes em que o maestro soberano foi protagonista ou mesmo coadjuvante nas colunas do escritor na *Folha de S. Paulo*.

A ideia surgiu depois de assistir ao documentário *Elis & Tom – Só Tinha de Ser com Você* (2023), de Roberto de Oliveira e Job Tom Azulay. “Ao assistir ao filme, ocorreu-me que, tendo escrito muito sobre o Tom na minha coluna na *Folha*, eu talvez tivesse material para um livro”, conta Ruy Castro. “Pedi à minha assistente, Flavia Leite, que fizesse um levantamento e ela me veio com 120 crônicas”.

O passo seguinte foi a triagem. “Li todas, descartei 30 e percebi que elas tinham uma coisa em comum: a preocupação do Tom com a ecologia. Então, meti a caneta e o mouse nas outras 90 e escrevi nove originais, seguindo a linha das outras. Daí me veio a imagem do ‘ouvidor’, o homem que ouve as queixas, e também o homem que ‘ouve’ o país. Vi que tinha ali um conceito e, daí, o livro”.

De fato, o lado ecologista de Tom Jobim sobressai-se sobre o lado músico na primeira parte de *O Ouvidor do Brasil*. “Sim, foi a constatação que me fez fazer o livro”, explica. “Não sou a favor de coletâneas narcisistas, como se tudo que o autor escreveu merecesse ser publicado. É preciso um con-

ceito, uma idéia”, pontua.

Muito antes do assunto virar moda e as mudanças climáticas baterem com vigor à nossa porta, Tom Jobim já alertava sobre a destruição da natureza em suas entrevistas. Não eram apelos de alguém que conhecia o tema apenas de longe. Em uma das crônicas do livro, Ruy Castro conta sobre passeios de Tom pelo Central Park em que o maestro identificava o piado dos pássaros ao redor e também de piar, ele próprio, na língua específica de seus amigos emplumados.

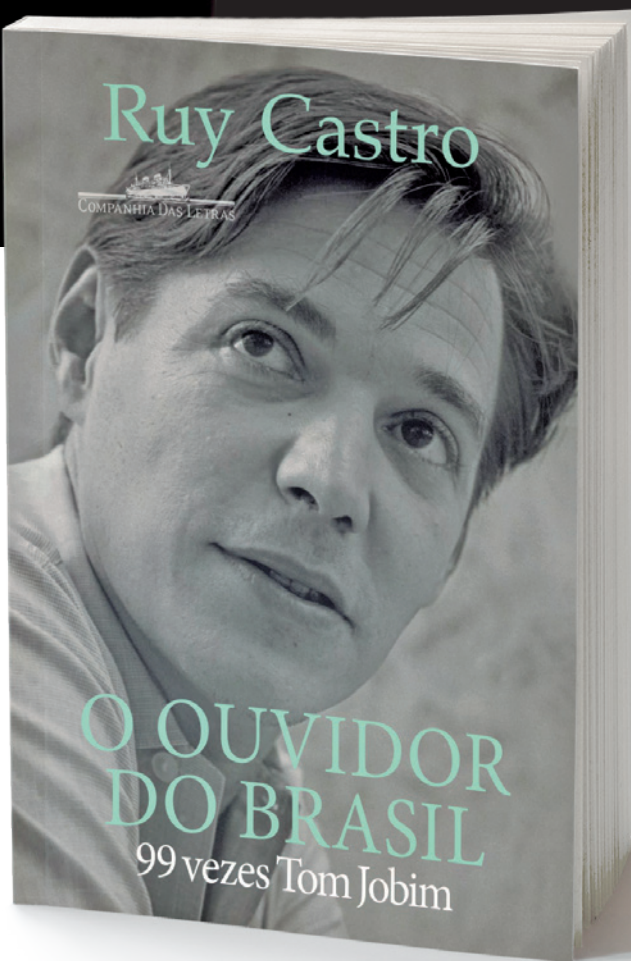
Essa é apenas uma das várias histórias de Tom no livro. É ótima, mas não é a preferida de Ruy. Aliás, nenhuma é. “Prefiro todas. A cada dia leio ou vejo uma entrevista nova dele e me surpreendo”, conta.

A produção das colunas por anos a fio leva naturalmente à repetição de alguns temas espalhados pelos anos, mas que torna evidente quando os textos são concentrados em um livro. O próprio autor comenta essa possibilidade na introdução do volume e conta como lidou com essa questão.

“Descartando as mais repetidas e reescrevendo algumas para diminuir as coincidências”, responde. “O que interessa num livro como este é o resultado final, e ele tem que prever que o leitor vai ler muitas crônicas em poucos minutos. Logo, sou eu próprio o primeiro que tem de se colocar no papel do leitor e fazer com que ele seja surpreendido a cada página”.

“Rançoso”

Ruy Castro também se debruça em memórias sobre os anos em que Tom Jobim era visto de maneira atravessada nas redações brasileiras. Já consolidado e respeitadíssimo internacionalmente, tornando-se o principal nome da Bossa Nova e tendo gra-



Ruy Castro selecionou 90 crônicas publicadas na “Folha de S. Paulo” e escreveu nove inéditas para o livro

Foto: Divulgação/Companhia das Letras

vado um disco clássico com Frank Sinatra, ainda assim a imprensa brasileira o tratava como alguém a ser evitado. “Diante das minhas repetidas sugestões de uma entrevista com ele, para uma revista que se orgulhava de suas entrevistas: ‘Não. Tom Jobim é o que há de mais rançoso’”, escreve, no livro.

O problema é que estamos vivendo em um tempo em que a desinformação vai ganhando terreno nas redes sociais e cada vez mais gente jovem parece orgulhar-se de não se interessar pelo que aconteceu antes de ela nascer. O Brasil estaria perdendo a noção da importância de Tom Jobim?

“O Brasil está perdendo

a noção não só da importância do Tom como a de quase tudo que é importante e que faz uma nação”, alerta Ruy. “É triste constatar, mas o Brasil não é o Tom nem eu nem você. O Brasil é o sujeito do interior profundo do país, que passa como um trator por cima dos valores, ouve música sertaneja e vota no Bolsonaro ou em alguém ainda pior. Talvez tenha sido sempre assim, nós é que não sabíamos”.

O escritor não tem qualquer otimismo a respeito de qualquer herança possível da Bossa Nova ou das composições de Tom Jobim na música atual.

“Música?

Ainda fa-

zem música hoje?”, perguntou. “Se fazem, não está no mercado”.

No entanto, 2024 reservou alguns lançamentos sobre Tom Jobim (além do próprio livro de Ruy Castro). O compositor é o tema de *Tom Jobim Musical*, espetáculo em cartaz no Rio de Janeiro contando sua vida e a obra, com texto de Nelson Motta e Pedro Brício, e direção de João Fonseca.

No quesito discos, Tom ganhou nas plataformas digitais a coletânea *Minha Alma Canta*, com 14 canções interpretadas por ele. E não só compostas por ele: Tom aparece cantando “Três apitos” e “João ninguém”, de Noel Rosa. E há duetos com Gal Costa (“Janelas abertas”) e Chico Buarque (“Choro bandido”), entre outros.

Áurea Martins e João Senise

lançaram o CD *Áurea Martins e João Senise Celebram Sinatra & Jobim*, com dez faixas que vão de “Samba de uma nota só” a “Fly me to the moon”, que os dois amigos gravaram no *Duets II* de Sinatra, em 1994.

“Estão falando maravilhas do disco do Arthur Nestrovski. Preciso escutar” indica Ruy. Nestrovski e Paula Morelenbaum lançaram *Jobim Canção*, pela Biscoito Fino, com 10 faixas que incluem canções pouco conhecidas como “Cala, meu amor”.

Como caminho para um novato se aprofundar em Tom Jobim, Ruy recomenda ouvir os discos instrumentais dele, gravados nas décadas de 1960 e 1970. “*The Composer of ‘Desafinado’ Plays, Wave, Tide e Stone Flower*. Não há Tom Jobim mais Tom Jobim do que eles”.

Foto: Otto Supakoff/IMS

Tom Jobim em 1964: dali a três anos ele dividiria um disco inteiro com Frank Sinatra

Artigo

Crenças culturais são obras de um artista coletivo. Aquilo que convençionamos chamar de realidade não teria lá muito sentido sem elas; ao menos, claro, que numa espécie de surto solipsista, acreditemos que além de nossas experiências individuais nada existe. Sensação essa típica à psicologia dos grandes ditadores.

As ações humanas são recheadas de sentido e é esse tal “sentido” que faz delas algo curioso. Suponhamos que um rapaz apaixonado deseja pedir sua namorada em casamento. Num domingo — de um mês qualquer — compra alianças e reserva mesa no melhor restaurante da cidade. Durante a refeição diz que esperou muito por esse momento, que a ama e sonha que ela se torne sua esposa...

A garota extremamente pálida, com a voz arrastada, responde: “Sinto muito, eu não te amo!. Eu amo a minha amiga Renata. Descobri isso faz pouco tempo. Desculpe, mas não podemos ficar juntos”. A maneira

como essas palavras são recebidas faz toda diferença. Se, ao contrário, ela tivesse dito: “Eu te amo!”; “Sonho com isso todos os dias!”; “Não vejo a hora de entrar na igreja!”: a realidade seria outra.

Muitas de nossas crenças adquirem efeitos práticos quando nos comportamos como se elas já estivessem ocorrido. É o que eu costumo chamar de “autossugestão social”. Situações como essa acontecem habitualmente. O sociólogo norte-americano Robert Merton classificou o fenômeno de profecia autorrealizável.

Em outras palavras: a profecia autorrealizável é algo que se torna verdadeira por acreditarmos que é verdadeira. Exemplo muito citado é o do mercado financeiro de capitais, em que crises podem ser motivadas por boatos sobre futura desvalorização de papéis ou enfraquecimento de empresas bancárias que, por sua vez, levaria tais instituições realmente à bancarrota. Isso tudo porque investidores apavorados acabariam ven-

dendo suas ações em massa, produzindo de fato o colapso.

Casos assim são bastante comuns em eleições políticas, especialmente motivados por propaganda e estatísticas de pesquisas eleitorais. Em determinadas ocasiões, a derrota ou vitória de um candidato é dada como inevitável, refletindo nas decisões tomadas pelos eleitores. Mesmo com o relativo descrédito que as pesquisas eleitorais sofrem, hoje em dia elas ainda exercem poder de persuasão sobre as pessoas.

Desse modo, crenças culturais como a profecia autorrealizável revelam que nossas percepções e comportamentos são influenciados por aquilo que acreditamos ser verdade. Esses pensamentos, além de conferir sentido às nossas ações, possuem força para transformar a realidade, revelando o papel fundamental da subjetividade na construção do mundo social. Essas narrativas compartilhadas costuram a complexa trama das interações humanas.

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Crenças culturais

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ideologia do medo

Na mitologia grega clássica, Fobos, o deus do medo, é a personificação do temor causado pela guerra. Filho de Ares e Afrodite, e irmão gêmeo de Deimos, Fobos simbolizava o pavor e acompanhava Ares nos campos de batalha, onde instigava a covardia e o pânico nos corações dos inimigos, forçando-os a fugir. Nesse contexto, Fobos era considerado um protetor para aqueles que buscavam refúgio nele, enquanto espalhava terror entre os que dele se aproximavam. Daí surge o termo “fobia”, que se refere ao medo de um objeto específico. Assim, nos campos de batalha mitológicos, Fobos representava o “objeto fobígeno”, associado aos medos gerados pela guerra. No entanto, esse objeto diferia daquele que correspondia às angústias reais dos guerreiros, de forma semelhante ao que ocorre nos casos de pânico, horror, medo, repugnância, terror e fobia.

As experiências traumáticas vividas pelas pessoas, seus sintomas, medos e angústias são determinantes na forma como elas se inserem em uma determinada realidade cultural, as quais influenciavam decisivamente seus projetos de vida. Diante disso, o sofrimento ameaça o ser humano em três dimensões: o próprio corpo, que apresenta dificuldade em suportar a dor e o medo como sinais de advertência; o mundo externo, que pode agir de forma destrutiva; e as relações interpessoais. Dentro dessa tríade, as pessoas moderam suas expectativas em relação à felicidade, considerando-se felizes apenas por sustentarem a falsa ilusão de resistirem aos sofrimentos. Assim, evitar a angústia torna-se uma prioridade. Consequentemente, a ideologia do medo desperta nelas a necessidade de superproteção contra qualquer perda ou destruição. Nesse contexto, a linguagem do medo transforma-se em um processo de dominação política e controle social, a qual gera conflitos com o “Outro”, a quem se atribui a culpa por frustrações ou pelo sentimento de inferioridade e vulnerabilidade.

A ideologia do medo, disfarçada de proteção contra o sofrimento humano, é aumentada, na maioria das vezes, pela alienação promo-

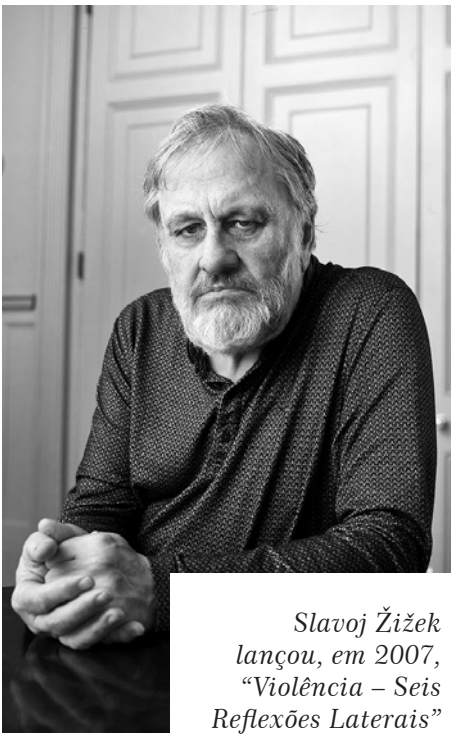


Foto: Divulgação

Slavoj Žižek
lançou, em 2007,
“Violência – Seis
Reflexões Laterais”

vida pela distorção da realidade estimulada pela internet e pela televisão. O medo do “Outro” torna-se cada vez mais intenso. Isso gera sentimentos tóxicos, paranoicos e até obsessivos na pessoa que se torna vítima dessa ideologiafóbica. É nesse cenário de terror emocional que surgem as ameaças culturais de indivíduos que se veem como possíveis intrusos no modo de ser feliz dos “Outros”. Assim, as estratégias ideológicas para erradicar o “Outro Usurpador” incluem uma contínua luta contra a ameaçadora sensação de morte, alimentada por discursos de medo e iniciativas discriminatórias nos espaços da política, religião ou moral.

A teoria da violência do filósofo e psicanalista esloveno Slavoj Žižek, nascido em 1947, é apresentada em seu livro *Violência – Seis Reflexões Laterais*, publicado em 2007. Nesse trabalho, Žižek versa como uma pessoa pode ser influenciada por meio de um sistema de fatos e informações dissociativas. Esse submisso, obediente “territorializado” busca identificar os agentes da violência subjetiva e, embora fantasie que a verdade esteja sustentada por algum agente subjetivo final, ele, na falsa realidade, é disseminada em um campo invisível de informações que escapa ao próprio senso crítico. O sujeito domado — que teme algo — normalmente tenta evitar aquilo que acredita ser ameaçador. Ou

seja, a resposta ao medo é criar a maior distância possível do objeto temido, geralmente, ele permanece fora da faixa de uma ameaça. Assim, forma-se uma barreira entre si e o “Outro”, como um mecanismo de proteção e sobrevivência. Esse processo é evidente, por exemplo, no medo de si mesmo, nos afetos presentes no ambiente familiar e em tudo o que é percebido como invasivo, como crenças políticas, religiosas ou comportamentos morais. Žižek exemplifica: “[...] uma vez que o próximo é originariamente uma coisa, um intruso traumático, alguém cujo modo de vida diferente (materializado em suas práticas e ritos sociais) nos perturba, abala o equilíbrio dos trilhos sobre os quais nossa vida corre, quando chega perto demais, esse fato também pode dar origem a uma reação agressiva, visando afastar o intruso incômodo” (Žižek, 2014, p. 58).

Nos dias atuais, a maioria das pessoas acredita que é livre, mas não percebe que está revestida de máscaras de medo, impostas de forma perversa por falsas ideologias que violam a liberdade e a dignidade humanas. Elas escolhem os próprios objetos fobígenos e incorporam em suas vidas o deus Fobos, cuja função é se posicionar com agressividade diante do “Outro”. Este é percebido como o causador de suas angústias, ou seja, um invasor que ameaça o próprio modo de vida feliz. Ao acolherem Fobos, essas pessoas encontram uma proteção inconsciente para evitar confrontar suas próprias ansiedade, tensões e sofrimentos, que não estão no “Outro”, mas sim em sua condição de sujeito dominado pelo medo. Desse modo, eles permanecem imersos nos ódios disseminados pela ideologia do medo.

Sinta-se convidado à audição do 499º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá hoje, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em www.radiotabajara.pb.gov.br ou através do link <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, comentarei as contribuições do pensamento nacionalista do violinista e compositor theco Antonín Leopold Dvořák (1841 – 1904).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Perfeitamente imperfeitos

Se já era difícil, cada dia piora. É como morrer de aperreio. A designação é demasiado extensa, pessoas que condenam outras sem conhecê-las, como quem pretende camuflar uma irreidade indesmentível. Não tem cura.

Somos perfeitamente imperfeitos e inadmissíveis em nossos julgamentos, em sociedades que ainda se “dizem civilizadas” e é de todo inaceitável e incompreensível nos relacionamentos, que devem ou deveriam prevalecer entre seres humanos.

Violência solta no dizer horrores uns com outros esbarra na necessidade de uma legislação na rede mundial de computadores e, se há, não sei se funciona ou já é tarde demais.

Nomeadamente nossa, a palavra escrita tem por objetivo estabelecer uma confusão chamada viralizar em determinados casos, e são muitos. A moça do avião não quis trocar de lugar com a criança e estava certa, mas a imagem dela foi jogada ao vento, com a irresponsabilidade de quem fez a postagem. Sim, eu sou careta — sei ser careta.

Condenamos a segregação pela diferença da raça e isso já vai longe e, certamente, nunca veremos o galo cantar outra vez no quintal mundial, o velho quintal, o velho sinal vermelho, e não respeitamos a religião do outro, somos a simpatia do clube que torce contra. Alguém aí há de pensar — estou lendo um texto de Kubitschek Pinheiro? Tantas, tantas coisas de nós humanos.

Outro dia fui entrevistado no programa *E Com Vocês...*, da rádio Parahyba FM 103.9, pelo jornalista Alex Carvalho (que vai ao ar em janeiro), e falei tudo que me vinha a cabeça, mas consciente do que estava dizendo. Nem tudo é delírio. O repórter me perguntou sobre uma frase minha, em que eu digo, noutra entrevista, que sou conservador e politicamente incorreto — confirmei, mas a frase não me coloca no lugar de nenhum julgamento.

No entardecer do envelhecer e não adianta olhar para trás, porque envelhecer é uma coisa boa e cruel, a gente cede menos, finca o ponto de vista, mas abrir mão e focar na fé, não resolve muita coisa. Mesmo nesse aparato magnânimo e, talvez, seja a curva que nos coloca no cara a cara. Ou cara do que já foi?

Minha amiga L falou que eu não tenho idade para permitir ou viver fazendo coisas para agradar os outros, coisas que eu não gostaria de fazer, e ela tem razão. Ela está certa. Sabe-se desde logo que essa ligação com o eterno, ou o jeitinho de sempre, não é para sempre.

Finalmente, depois de sermos contra todas as formas de segregação, de as criticarmos em privado e em público, de participarmos em rodas de conversas sobre assunto tal, de empurrarmos com a barriga dísticos alusivos em manifestações mentirosas, depois de tanto e tão convicto empenhamento, que fazemos? Somos só replicantes.

Valentes e ousados, botando a cara para ver, da nossa estatura mais elevada e mais musculosa, espancamos-nos quando fazemos julgamentos na internet e permitimos que no nosso meio outros continuem a fazê-lo. Onde andaré Lana-caprina, Lenilson Guedes?

O que vou postar hoje? Tenho mais de cem mil seguidores, mas não preciso ser repetido e postar muito, continuamente, insistir sem que esteja em falta sobre nenhuma coisa. Ou não.

O núcleo tradicional e pouco criativo, já foi. Os poemas concretos dos irmãos Haroldo e Augusto de Campos, não falam necessariamente de ou sobre a coisa, mas da linguagem da percepção e da sensibilidade, utilizando técnicas visuais. Lembram de Décio Pignatari (foto)? Ele dizia que não há mais tempo para textos, só para títulos. Textítulos, textículos.

Como cidadão, mais do que incomodado e desconfortável por saber que isso acontece e não vai parar, devo simplesmente referir me envergonhar pela indignidade de seres ou não seres.

Kapetadas

- 1 - Só há uma coisa mais falsa que o sorriso de um *influencer*: suas recomendações.
- 2 - Para quem é de Humanas, os cálculos são uma má temática.

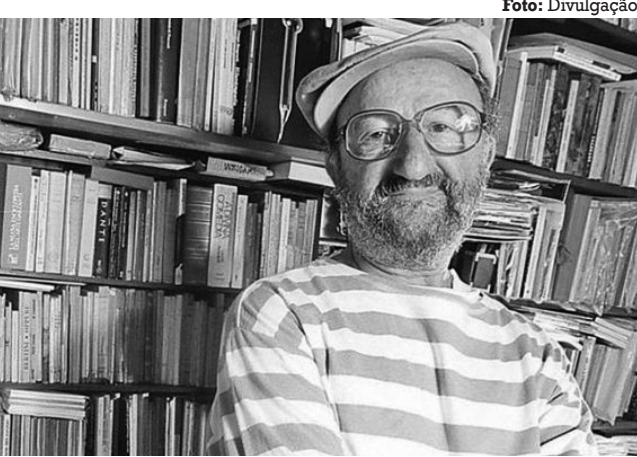


Foto: Divulgação

Pignatari dizia que “não há mais tempo para textos, só títulos”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

“Menino de Cinema” chega às livrarias

De algum tempo do passado, seria plausível semelhar uma vida humana e os seus primeiros instantes aqui na Terra a uma interessante metáfora? Em verdade, afirmar-se-ia ser possível, sim, tendo como alusão a ocorrência de alguns fatos marcantes registrados na história da humanidade, porque, tanto o pai como o filho, advieram ao mundo durante as duas grandes guerras. O pai, nascido naquele setembro de 1914, um mês antes do fim da Primeira Guerra Mundial; o filho, em fevereiro de 1942, período igualmente obscuro na história dos povos do mundo todo. Fatos esses sublimados pelo cinema de então, uma forma de arte por ambos (pai e filho) escolhida e professada durante anos. Trajetória hoje transformada em livro.

Menino de Cinema é uma autobiografia fidedigna de uma história de vida, que dedico primeiramente ao meu pai, Severino Alexandre dos Santos, estoico batalhador, sempre pioneiro da *movie art* e agente inspirador das muitas gerações de “cinemistas” que o seguiram pelos sonhos da sétima arte. Testemunho hoje eternizado em nossas memórias pela história e por nossa Academia Paraibana de Cinema.

A obra recria um panorama vivido pelo cinema e por personagens que

o fizeram — exibidores e realizadores paraibanos —, desde a década de 1945 aos tempos de hoje. Trajetória e saga de um garoto que viveu com bastante zelo e dedicação, dentro e fora da telona, a partir da época em que o cinema era ainda o *grand debut* do entretenimento.

Após seu lançamento em Santa Rita (PB), cidade natal dos autores, sob celebrada recepção entre familiares, amigos e antigos *habitués* de suas salas de projeções filmicas, o livro será agora lançado em João Pessoa, na próxima sexta-feira (20). O local é a Livraria do Luís, no MAG Shopping, em Manaíra, às 17h. Nessa oportunidade, a obra será apresentada pelo amigo do autor, o historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello.

Com orientação gráfica e edição da Ideia Editora Ltda, *Menino de Cinema* é a autobiografia de um legado de uma família, que teve toda sua vida ligada ao cinema. E quem assistiu ao filme *Cinema Paradiso*, de Giuseppe Tornatore,



Capa do livro do colunista: o lançamento é sexta

sabe como era a vida de um simples garoto, que fui eu, até porque quase nasci dentro dos cinemas de meu pai, Severino Alexandre dos Santos. — *Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexssantos.com.br.*



APC — Acadêmico lança livro na próxima sexta

Membro e ocupante da Cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema, o jornalista e cineasta Alex Santos lançará mais um livro sobre cinema, em João Pessoa, com apoio da APC. A obra intitulada *Menino de Cinema* é uma autobiografia sobre a trajetória de vida do autor, junto ao seu pai, pioneiro do cinema paraibano, Severino Alexandre Santos (patrono na APC).

Lançado recentemente em Santa Rita (PB), cidade natal do autor, reunindo familiares, amigos e antigos *habitués* de suas salas de projeções, Alex Santos levará sua obra ao grande público, na próxima sexta-feira (20). O lançamento acontecerá na Livraria do Luiz, no MAG Shopping, em Manaíra, às 17h. Nessa oportunidade, a obra será apresentada pelo acadêmico da APL, historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello.

CINECLUBE

Adaptações são o tema de mostra na UFPB

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

De 16 a 20 de dezembro, João Pessoa será palco da primeira edição do Cine Prosa – Mostra de Cinema e Literatura, evento que promove o diálogo entre imagem e escrita, com foco em produções que destacam a relação entre as linguagens. Realizado no Cine Aruanda, no Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Campus I da UFPB, o evento conta com patrocínio do Ministério da Cultura e do BNB Cultural. Toda a programação é gratuita e reúne artistas, críticos e pesquisadores de estados como Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, podendo ser consultada no perfil oficial do Instagram (@mostracineprosa).

A mostra conta com a coordenação do jornalista e crítico de cinema André Dib e do sociólogo e cineasta Aécio Amaral. De acordo com Aécio, a ideia surgiu como um projeto para prestigiar a relação entre cinema e literatura. “Imagem e letra em sentido amplo, não apenas restrito a adaptações de romances ou contos”, explica.

Convidado por Aécio para a realização da mostra, André Dib ressalta que a ideia do encontro é promover a reflexão coletiva acerca da relação entre as linguagens artísticas. “Tem adaptação literária, mas também tem práticas de documentário poético, a relação da crítica de cinema com os filmes, já que a crítica também é uma forma de tradução”. Outra proposta do evento é o enaltecimento e a celebração da autoria paraibana, tanto nas telas quan-

to nas páginas. “Ou seja, é sobre como cineastas paraibanos realizam obras com base em autores de outros lugares do país e do mundo, ou como escritores paraibanos influenciam a realização cinematográfica de outros lugares”, comenta Aécio.

Filmes e debates

A abertura, que acontece amanhã, às 15h, contará com uma conferência do escritor e crítico paraibano João Batista de Brito. Em seguida, às 16h30, os pernambucanos Ângela Pryston e Érico Andrade debatem a relação entre cinema e literatura, abordando a crítica como gênero literário. Ao longo dos cinco dias, o público terá acesso a mesas-redondas sobre processos criativos audiovisuais que dialogam com a literatura, além de sessões de curtas e longas-metragens.

Entre os destaques da programação, está o clássico *A Hora da Estrela* (dia 19), dirigido por Suzana Amaral e inspirado na obra de Clarice Lispector, que traz no papel principal a paraibana Marcélia Cartaxo. Também serão exibidos *Pele Fina* (dia 18), de Arthur Lins; *Onde Borges Tudo Vê* (dia 20), de Taciano Valério; e *Garoto* (dia 17), de Júlio Bressane. “O *Garoto* é uma adaptação bem livre do Bressane sobre a obra do Borges e faz a ligação com o trabalho do Carlos Dowling e isso é um exemplo dessa amplitude que a gente está procurando. O Nordeste entra enquanto uma ideia”, comenta André.

Os curtas-metragens incluem uma sessão especial de

dicada ao cineasta paraibano Torquato Joel, com os documentários *Transmutação* (dia 17) e *Pulmão de Pedra* (dia 17). Além disso, haverá exibições de *O Azul Indiferente do Céu*, de Carlos Dowling, inspirado na história em quadrinhos do artista paraibano Shiko. Este último também terá seu curta *Lavagem* exibido (no dia 20), uma obra adaptada que faz o caminho reverso, tendo sido primeiro um filme para

só depois virar quadrinho, como aponta Dib.

“É importante ressaltar a parceria com a EPC [Empresa Paraibana de Comunicação], desde que o nosso projeto foi idealizado, por tudo o que ela representa como editora pública. A ideia é que, numa segunda edição, a gente possa incrementar, trazendo uma atividade formativa mais sistematizada, como um curso”, finaliza André.



AMANHÃ

■ 15h - Conferência de abertura:

A literatura no cinema, com o crítico João Batista de Brito

■ 16h30 - Encontro com a crítica:

Da imagem à palavra, com os professores Ângela Pryston e Érico Andrade

TERÇA

■ 17h - Mesa: Cinema

imersivo e interativo: adaptação de *A Escrita do Deus*, de Jorge Luís Borges, com o cineasta Carlos

Dowling e o ator Makarios Maia.

■ 18h30 - Programa:

Curta: *Transmutação* (2013, 13 min), de Torquato Joel; curta: *Pulmão de Pedra* (2023, 14 min), de Torquato Joel; longa: *Garoto* (2015, 1h16), de Júlio Bressane.

■ Entrada franca.

■ No Cine Aruanda (Centro de Comunicação, Turismo e Arte, UFPB, Castelo Branco, João Pessoa).

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Carta a uma escritora

Thalita Lucena, li seu primeiro livro de contos, *Ciranda dos Desvalidos*, e, de logo, senti a pegada do apelo social no desenrolar de suas narrativas. Apelo, no entanto, sem o equívoco travo das coisas programadas que faz da arte literária um mero instrumento da ideologia. Por outro lado, o olhar vigilante e cuidadoso sobre o corpo da linguagem, em suas múltiplas camadas significantes, já me denunciava uma autora atenta aos ingredientes estéticos na composição da frase e na demarcação de um estilo.

Agora me vejo na paisagem, mais refinada, quero crer, de sua segunda coletânea, intitulada *Ao Rés do Chão* (São Paulo: Patuá, 2024), obra laureada com o Prêmio Nacional Carolina Maria de Jesus, de 2023.

“Ao rés do chão”, como se sabe, é a nomenclatura de que se vale Antonio Candido para nomear o território por onde a crônica circula. A crônica como gênero que se apropria da doce banalidade e que traz, à tona do texto, a vida miúda e anônima dos humilhados e ofendidos, em suas tarefas e experiências ordinárias.

O título, portanto, casa-se bem, na sua dimensão catafórica, com o miolo substantivo de seus contos, todos eles focados na vivência do trabalho que, segundo a fala de uma de suas personagens, “é o ponto médio da vida”. Só que o trabalho dos mais simples, dos mais pobres, dos periféricos e mais sofridos.

Coveiros, pedreiros, feirantes, marceneiros, camareiras, manicures, roceiras e outros representantes de profissões populares protagonizam os dramas e os conflitos de cada conto. Aqui, você como que trilha um terreno de exceção, se consideramos a nossa tradição ficcional. Os pobres, os excluídos, os marginais do sistema econômico e social constituem evidente minoria no âmbito da literatura brasileira.

Lembro-me de Manuel Antônio de Almeida e Aluísio de Azevedo, no século 19; Euclides da Cunha, Lima Barreto, Adelino Magalhães, Dyonelio Machado, João Antônio, alguma coisa de Luís Vilela, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Guimarães Rosa, no século 20. Vou botar você nesta galeria de autores voltados para a revelação das dores e das esperanças daqueles que formam o Brasil real, cenário do subdesenvolvimento, da violência e das desigualdades.

Somente este dado, que me parece medular para a caracterização da componente humana, já imprime certo tom de unidade às histórias narradas e certa coesão no que concerne à sua perspectiva e à sua visão de mundo. Em certo sentido, vejo você, enquanto escritora, assumindo, por intermédio de seus narradores, o ponto de vista alheio, o olhar do outro, o outro lugar ou lugares, numa atitude de empatia para com a verdade das diferenças, que só a arte literária, no seu desmedido valor perante os vocábulos, consegue alcançar.

E por me referir à arte literária, apalpo, no seu estilo calcado no ritmo e na natureza da oralidade, talvez o ponto seminal de sua criação. Você sabe mexer com as palavras, torná-las poéticas dentro do fluir prosaico, estilizar, através de inventivas apropriações, o ditado popular, as expressões quase dialetais que surgem aqui e ali na fala dos narradores e dos personagens.

Hélder Moura, também ficcionista, acerta em cheio quando evoca, em lúcido prefácio, a figura de Riobaldo para definir o modelo de seus narradores. Verdade: seus contos são monólogos, embora a presença / ausência de um narratário também me leve a ver alguma chama dialógica cercando o movimento verbal e expressivo. Este outro, que habita o outro ponto da fala, oculto e silencioso, talvez seja cada um de nós, movidos pela sagrada aventura do ato de ler.

A linguagem também tem muito de Guimarães Rosa, nos seus torneios sintáticos e semânticos, muito embora sem a ousadia tantas vezes desconcertante do estilo caleidoscópico do genial mineiro. Rosa parece inventar um novo idioma, refazendo as raízes, os troncos, galhos, flores e frutos da “última flor da Lácio”.

Claro: você não chega a tanto e nem deveria. Sua inventividade tem metro próprio. Fundindo o culto e o coloquial, mantendo a cadência da frase, o gosto do dito saboroso, uma que outra desclerização, sua escrita preserva o aroma de uma voz ancestral que conta, descreve, medita e encanta.

A par desta consciência crítica perante o labor com as palavras, da atenção concentrada nas exigências do “como” se faz, sem descurar do “que” se diz, aprecio muito as investidas, mesmo que pontuais, nas solicitações metalinguísticas e nas reflexões estéticas que aparecem nesse ou naquele conto. Com isto, fundo e forma se complementam num exercício de ficção com inegáveis sinais de talento e maturidade.

Colunista colaborador

Yarubedzé
Kariri leva
para a
música seu
processo de
retomada
identitária
e étnica

MÚSICA

Canção e clipe para cuidar da floresta

A artista indígena Yarubedzé Kariri lançou o single engajado “Jurema de lança na boka da mata”

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Um pedido de atenção e cuidado para com um território povoado por seres encantados, em forma de música e videoclipe. O *single* “Jurema de lança na boka da mata”, canção de estreia da artista indígena Yarubedzé Kariri, foi lançado no último dia 8 e será apresentado em videoclipe no próximo dia 22 de dezembro, a partir das 17h, na biblioteca comunitária Baobazinho, no bairro de Castelo Branco, em João Pessoa. O evento tem entrada franca.

Escrita em outubro de 2022, a canção foi submetida, por meio de projeto ao edital da Lei Paulo Gustavo, por Yarubedzé, no fim de 2023.

“Eu já era artista, mas passar pelo profissionalismo de lançar uma música, até então eu não havia tido essa oportunidade”. A produção musical começou em junho de 2024, junto com Luana Flores. O clipe foi gravado em quatro dias, em agosto desse ano, e aguarda somente o processo de finalização da edição dos recursos de acessibilidade para ser apresentado ao público.

Sagrada fumaça

Com letra composta por Robéria Viana, a música enaltece a cabocla Jurema, envolvendo o processo de retomada identitária e étnica de Yarubedzé, além de tratar dos encantos da natureza, destacando a presença de seres encantados nas

matas.

“Hoje em dia, depois de 524 anos de colonização, muitas pessoas não fazem nem ideia de que a mata tem seus moradores. Todo território antes de ser invadido e antes de serem construídas cidades nesse território, já era floresta, e sempre existiram seres que viviam — tanto humanos encarnados que se encantam, rios, árvores, bichos, quanto seres encantados por si só, como caboclas, caboclos e encantamentos”, afirma a cantora.

Na cosmovisão do grupo indígena do qual Yarubedzé faz parte, a nação Kariri, existe a divindade do fumo, que é Badzé, também evocada na música e no videoclipe, além de outras divindades, como a

fumaça ou catimbó. “Muitas pessoas têm uma visão deturpada do que é o catimbó. Acham que é coisa ruim, que o catimbó é fazer feitiço mau para o outro, só que o catimbó na verdade é a fumaça; é a comunicação com o grande espírito, a comunicação com os nossos deuses através da fumaça”.

A mata tratada na canção e no clipe é a Praia dos Mariscos, local onde a cantora cresceu. “Eu sou uma criança criada por essa mata, então eu conheço alguns guardiões do lugar e eles são chamados na música para o que tragam noção de que a mata tem morador, de que a mata precisa ser respeitada”.

Yarubedzé explica que, desde criança, sempre foi cantora. Aos 5

anos de idade, já subia na lavanderia de casa, ensaiando o palco, dançando e fazendo suas *performances*. “Não podia ver uma lata batendo, como diziam meus pais”, conta.

O intuito da cantora é que a música e o clipe possam “ganhar o mundo”, chegando a instâncias de proteção governamental, como o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério dos Povos Indígenas.

“Trazer atenção para a comunidade originária, para o fato de que aquele território é indígena e precisa ser preservado pelas pessoas e pelo Poder Público. A expectativa é mesmo que essa música vá para o mundo e possa trazer os olhares para todos nós, povos indígenas do Nordeste”, conclui.

Em Cartaz



Cinema

Programação de 12 a 18 de dezembro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

* Até o fechamento desta edição, não havia divulgação sua programação: o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

UM HOMEM DIFERENTE (*A Different Man*). EUA, 2024. Dir.: Aaron Schimberg. Elenco: Sebastian Stan, Miles G. Jackson. Drama/ comédia. Ator tenta mudar de aparência, mas o procedimento se torna um pesadelo. 1h52. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): qui. a ter.: dub.: 21h.

KRAVEN, O CAÇADOR (*Kraven the Hunter*). EUA, 2024. Dir.: J.C. Chandor. Elenco: Aaron Taylor-Johnson, Fred Hechinger, Russell Crowe, Ariana DeBose. Aventura. De uma família de criminosos e caçadores, homem de força sobrenatural procura vingança. 2h07. 16 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: dub.: 21h15. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h, 16h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h10, 15h45, 18h45, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 14h15, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: qui. a ter.: dub.: 13h45, 19h15; leg.: 16h30, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h, 17h, 20h. CINESERCLA TAMBIA 2: qua.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 3: qui. a ter.: dub.: 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 5: qui. a ter.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: qui. a ter.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 2: qua.: dub.: 15h30, 18h, 20h30. CINESERCLA PARTAGE 5: qui. a ter.: dub.: 17h, 19h30. **Patos:** MULTICINE PATOS 3: dub.: qui. a ter.: 19h30; qua.: 15h20, 18h05, 20h55. MULTICINE PATOS 4: qui. a ter.: dub.: 15h05, 21h05.

AS POLACAS. Brasil, 2024. Dir.: João Jardim. Elenco: Valentina Herszage, Caco Ciocler, Dora Freind, Clarice Niskier. Drama. Em 1917, jovem polonesa chega a o Brasil em busca de uma vida melhor, mas a realidade é diferente do que ela esperava. 1h40. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: seg. a qua.: 18h30.

QUANDO A MORTE SUSSURRA (*Tee Yod*). Tailândia, 2023. Dir.: Taweewat Wantha. Elenco: Nadech Kugimiya, Jelilcha Kapaun. Terror. Rapaz precisa salvar a irmã de uma doença bizarra que muda seu comportamento. 1h40. Livre.
Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: qui. a ter.: dub.: 18h40, 21h.

PRÉ-ESTREIA

MUFASA, O REILEÃO (*Mufasa, the Lion King*). EUA, 2024. Dir.: Barry Jenkins. Aventura/ animação/ infantil. Filhote de leão órfão é acolhido por semelhante de linhagem real. Prelúdio de *O Rei Leão* (2019). 2h. Livre.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qua.: dub.: 3D: 15h, 17h45, 20h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qua.: dub.: 14h, 16h30, 19h, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: qua.: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 5: qua.: dub.: 3D: 13h50; 2D: 16h05, 18h20, 20h40. CINESERCLA TAMBIA 6: qua.: dub.: 14h50, 17h10, 19h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: qua.: dub.: 14h50, 17h10, 19h30. CINESERCLA PARTAGE 2: qua.: dub.: 3D: 13h50; 2D: 16h05, 18h20, 20h40. CINESERCLA PARTAGE 5: qua.: dub.: 15h. **Patos:** CINE GUEDES 2: qua.: dub.: 20h. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 16h, 18h40, 21h. MULTICINE PATOS 1: qua.: dub.: 14h45. MULTICINE PATOS 4: qua.: dub.: 3D: 16h25, 19h, 21h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: qua.: dub.: 15h20, 17h50, 20h10; CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: qua.: dub.: 2D: 14h10, 16h30, 21h10; 3D: 18h50.

RELANÇAMENTO

ARCA DE NOÉ. Brasil/ Índia/ EUA, 2024. Dir.: Sérgio Machado e Alois Di Leo. Vozes na dublagem: Rodrigo Santoro, Marcelo Adnet, Alice Braga, Lázaro Ramos, Chico César. Aventura/ animação. Dois camundongos entram clandestinos na arca de Noé e usam seus talentos para manter a esperança entre os animais. 1h49. Livre..
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 13h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h15.

ESPECIAL

DAFT PUNK E LEIJI MATSUMOTO'S INTERSTELLA 5555 (*Interstella 5555 – The Story of the Secret Star System*). Japão/ França/ Filipinas, 2003. Direção: Daisuke Nishio, Hirotoishi Rissen, Kazuhisa Takenouchi. Animação/ aventura. Quatro aliens com talento musical são sequestrados e disfarçados como humanos. 1h08. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dom.: leg.: 19h.

NCT DREAM MYSTERY LAB – DREAMSCAPE IN CINEMAS (*NCT Dream Mystery Lab – Dreamscape in Cinemas*). Coreia do Sul, 2024. Direção não divulgada. Documentário/ show. Registro da turnê da banda sul-coreana. 2h18. Livre.
João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: qui.: leg.: 15h.

CONTINUAÇÃO

AINDA ESTOU AQUI. Brasil/ França, 2024. Dir.: Walter Salles. Elenco: Fernanda Torres, Selton Mello, Valentina Herszage, Fernanda Montenegro, Humberto Carrão, Dan Stulbach, Daniel Dantas, Marjorie Estiano, Camila Márdila, Maeve Jinkings. Drama.

Família precisa lidar com o desaparecimento do marido, vítima da Ditadura. 2h16. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): qui. a ter.: 14h30, 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h15, 16h15, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: qui. a ter.: 17h30. CINESERCLA TAMBIA 3: qua.: 17h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: qui. a ter.: 17h30. CINESERCLA PARTAGE 5: qua.: 17h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: qui. a ter.: 20h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: qui. a ter.: 17h40, 20h20. **Remígio:** CINE RT: 14h.

ANTES QUE ME ESQUEÇAM, MEU NOME É EDY STAR. Brasil, 2024. Dir.: Fernando Moraes. Documentário. A trajetória do cantor, compositor, ator e artista plástico baiano. 1h20. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg. 16/12: 20h30. Próximas semanas: sab. 21/12: 17h; dom. 22/12: 19h.

O CLUBE DAS MULHERES DE NEGÓCIOS. Brasil, 2024. Dir.: Anna Muylcaert. Elenco: Rafael Vitti, Luis Miranda, Cristina Pereira, Grace Gianoukas, Louise Cardoso, Katiuscia Canoro, Irene Ravache, Ítala Nandi, André Abujamra, Maria Bopp, Verônica Debon. Comédia/ drama/ suspense. Em um mundo onde os estereótipos de gênero são invertidos, dois jornalistas homens entrevistam mulheres poderosas num country club onde animais selvagens estão à solta. 1h35. 18 anos.
João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom. 15/12: 19h; qua.: 18/12: 20h30. Próximas semanas: sab. 21/12: 19h.

O CONDE DE MONTE CRISTO (*Le Comte de Monte-Cristo*). França/ Bélgica, 2024. Dir.: Alexandre de La Patellière e Matthieu Delaporte. Elenco: Pierre Niney, Bastien Bouillon, Anaïs Demoustier. Drama. Vítima de uma conspiração, o jovem Edmond Dantès é preso no dia de seu casamento por um crime que não cometeu. Após quatorze anos de detenção no castelo de If, ele consegue escapar. Tornando-se imensamente rico, retorna sob a identidade do conde de Monte-Cristo para se vingar dos três homens que o traíram. 2h18. 14 anos.
João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: leg.: 17h30.

CORPO PRESENTE. Brasil, 2024. Dir.: Leonardo Barcelos. Documentário. As possibilidades de expressão do corpo. 1h29. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg. 16/12: 18h30. Próximas semanas: 19/12: 20h30; dom. 22/12: 17h.

GLADIADOR II (*Gladiator II*). Reino Unido/ EUA, 2024. Dir.: Ridley Scott. Elenco: Paul Mescal, Connie Nielsen, Pedro Pascal, Denzel Washington. Aventura. Após ter sua casa tomada pela tirania de Roma, gladiador entra na arena para resgatar a honra do império. 2h28. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 15h, 18h15, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 18h15, 21h15. CINESERCLA

TAMBIA 2: qui. a ter.: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: qua.: dub.: 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: qui. a ter.: dub.: 20h. CINESERCLA PARTAGE 5: qua.: dub.: 20h.

INEXPLICÁVEL. Brasil, 2024. Dir.: Fabrício Bittar. Elenco: Leticia Spiller, Eriberto Leão, Miguel Venerabile, André Ramiro, Moacyr Franco. Drama. Casal tenta de tudo para salvar o filho, que apresenta um caso grave de saúde. 2h14. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: qui. a ter.: 15h30, 21h; qua.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 21h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dom.: 15h20.

MOANA 2 (*Moana 2*). EUA/ Canadá, 2024. Dir.: David G. Derrick Jr., Jason Hand e Dana Ledoux Miller. Vozes na dublagem brasileira: Any Gabrielly, Saulo Vasconcelos. Infantil/ musical/ animação. Jovem navegadora enfrenta mares desconhecidos para livrar uma das ilhas de seu povo de uma maldição. 1h40. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a ter.: dub.: 15h. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): qui. a ter.: dub.: 13h45, 16h, 18h15, 20h30. CENTERPLEX MAG 4: qua.: dub.: 13h20, 15h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: qui. a ter.: dub.: 14h45, 17h15, 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: qui. a ter.: dub.: 13h, 15h30, 18h, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 13h10, 15h20, 17h45, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): qui. a ter.: dub.: 13h30, 16h, 18h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h30, 16h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h30, 17h50, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 1: qua.: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h15, 17h15, 19h15. CINESERCLA TAMBIA 6: qui. a ter.: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: qui. a ter.: dub.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: qui. a ter.: 15h15, 17h15, 19h15; qua.: 14h15, 16h15, 18h15, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: qua.: dub.: 16h30, 18h30, 20h30. CINE GUEDES 2: dub.: qui. a ter.: 20h; qua.: 15h45, 17h50. CINE GUEDES 3: dub.: dom.: 3D: 14h50, 16h50, 19h; 2D: 20h55; seg. e ter.: 3D: 16h50, 19h; 2D: 20h55. MULTICINE PATOS 1: qui. a ter.: dub.: 15h35, 17h45, 20h05; qua.: 17h15, 19h30. MULTICINE PATOS 3: qui. a ter.: dub.: 3D: 14h30. MULTICINE PATOS 4: dub.: 3D: qui. a ter.: 19h; qua.: 14h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 15h, 17h20, 20h; seg. e ter.: 17h20, 20h; qua.: 14h30, 16h30, 18h30, 20h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: 16h15, 18h20, 20h.

OPERAÇÃO NATAL (*Red One*). EUA, 2024. Dir.: Jake Kasdan. Elenco: Dwayne Johnson, Chris Evans, Lucy Liu, J.K. Simmons, Bonnie Hunt. Aventura. Quando Papai Noel é sequestrado, segurança do Polo Norte se une a caçador de recompensas para salvar o Natal. 2h03. 12 anos.

Patos: CINE GUEDES 1: qui. a ter.: dub.: 18h30. CINE GUEDES 2: qui. a ter.: dub.: 16h30.

O SENHOR DOS ANÉIS – A GUERRA DOS ROHIRRIM (*The Lord of the Rings – The War of the Rohirrim*). Japão/ EUA/ Nova Zelândia, 2024. Dir.: Kenji Kamiyama. Aventura/ animação. Na Terra-Média, povo de um reino tenta resistir ao ataque de outro, cujo líder quer vingar a morte do pai. 2h14. 14 anos.

Patos: MULTICINE PATOS 3: qui. a ter.: dub.: 16h45.

TODAS AS ESTRADAS DE TERRA TÊM GOSTO DE SAL (*All Dirt Roads Taste of Salt*). Estados Unidos, 2024. Dir.: Raven Jackson. Elenco: Moses Ingram, Shiela Atim. Drama. A vida de uma mulher através das décadas no Mississippi. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: ter. 17/12: 18h30. Próximas semanas: dom. 22/12: 15h.

171. Brasil, 2024. Dir.: Rodrigo Siqueira. Documentário. Seis presidiários condenados por estelionato contam suas histórias. 1h35. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom. 15/12: 17h; ter. 17/12: 20h30. Próximas semanas: qui.: 19/12: 18h30; sáb. 21/12: 15h.

WICKED (*Wicked – Part 1*). EUA, 2024. Dir.: Jon M. Chu. Elenco: Cynthia Erivo, Ariana Grande, Michelle Yeoh, Jeff Goldblum. Musical/ drama. Amigas em universidade de bruxas se tornam rivais após encontro com o Mágico de Oz. 2h40. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 15h15, 21h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 15h30.

Música

AMANHÃ

SANHAUÁ SAMBA CLUBE. Roda de samba com artistas paraibanos.
João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Segunda, 21h30. Ingressos: de R\$ 15 (meia/ antecipada) a R\$ 40 (inteira/ no dia), antecipados na plataforma Shotgun.

Eventos

HOJE

NATAL NA USINA. Atrações de domingo: Castelo de Histórias (16h); Gran Circo Los Iranzi (17h); Encontro de Mestras e Mestres do Coco de Roda do Nordeste/Iphan (18h).
João Pessoa: USINA ENERGISA (Av. Juarez Távora, nº243, Tambaí). Domingo. Entrada franca.

MUDANÇA DE NOME DA CAPITAL

Polêmica tem novo passo na Justiça

Ação junto ao TRE-PB cobra a realização de um plebiscito para consultar a população de João Pessoa

Filipe Cabral
filipemscabral@gmail.com

Cidade Real de Nossa Senhora das Neves, Filipéia de Nossa Senhora das Neves, Frederikstadt (Frederica), Parahyba e, finalmente, João Pessoa. Desde sua fundação, no século XVI, a capital do Estado da Paraíba já mudou de nome quatro vezes e uma ação que tramita na Justiça pode fazer com que isso ocorra mais uma vez. Trata-se do mandado de injunção protocolado junto ao Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB) pelo advogado Raoni Vita, que cobra a realização de um plebiscito para consultar a população de João Pessoa sobre o nome da cidade.

Conforme explica o documento, a consulta está prevista no artigo 82 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) da Constituição Estadual Paraibana. O dispositivo, em vigor há 35 anos, determina que: “O Tribunal Regional Eleitoral realizará consulta plebiscitária, a fim de saber do povo de João Pessoa qual o nome de sua preferência para esta cidade”. O mandado, portanto, requer a realização do plebiscito para que a população da capital “exercite seu direito de cidadania” protelado há mais de três décadas.

Na última segunda-feira (9), o TRE-PB decidiu encaminhar o caso para ser apreciado pelo Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB). Segundo o desembargador Oswaldo Trigueiro, relator da ação na Justiça Eleitoral, caberia ao Tribunal “tão somente regulamentar os procedimentos e executar o plebiscito, desde que devidamente autorizada por lei estadual”. Assim, de acordo com Trigueiro, caberia à Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) convocar o plebiscito e elaborar, através de lei, os termos da consulta, indicando os parâmetros a serem adotados pelo TRE.

O encaminhamento do caso ao TJPB, portanto, seria para que a Corte — se julgar a ação procedente — provoque a Assembleia a agir. Para Raoni Vita, “apesar de alongar um pouco mais a solução final”, a decisão do TRE foi “razoável e coerente”.

De acordo com o TJPB, antes de analisar o mérito da questão, o Pleno da Corte ainda analisará se acolhe ou não o caso encaminhado pelo TRE.

Plebiscito

Segundo Raoni, a ideia de entrar com o pedido na Justiça surgiu quando cursava o mestrado acadêmico na Universidade Católica de Santos. “Ao verificar a frágil participação popular na tomada de decisões na história do país, identifiquei a existência dessa obrigatoriedade do plebiscito aqui na Constituição Estadual, o que me motivou a colocar em prática tal estudo”, recorda.

De acordo com ele, mais do que alterar ou não o nome da capital, o principal objetivo da iniciativa é estimular a cultura de participação popular no Estado. Nesse sentido, o advogado destaca que, em 2024, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) realizou cinco consultas populares no Brasil, sendo quatro plebiscitos e um referendo. Os processos trataram de temas como passe livre estudantil, mudança de nome de cidades, construção de centro administrativo e alteração da bandeira oficial. Nas duas consultas sobre nome de cidades, a população decidiu pela alteração. No Maranhão, os eleitores votaram a favor da mudança do nome do município de Governador Edison Lobão para Ribeirãozinho do Maranhão; e em Roraima, o município de São Luiz passou a se chamar São Luiz do Anauá.

“Na minha concepção, o ponto mais importante é a participação popular em si, para que ela [a sociedade civil] seja



O nome da capital da Paraíba já mudou várias vezes e pode passar por um plebiscito

ouvida sobre este relevante tema, e que isso sirva de catalisador para estimular novos plebiscitos e referendos sobre assuntos que interfiram diretamente na vida do povo”, explicou o advogado.

O também advogado e consultor em Políticas Públicas, Filipe Luna, concorda que, do ponto de vista jurídico, a realização do plebiscito para renomear João Pessoa “é perfeitamente cabível” e representaria “uma vitória no sentido de abrir um caminho para que a população entenda que é capaz de decidir sobre seus próprios rumos”. Contudo, pondera que a plausibilidade da consulta “não depende apenas do cumprimento formal dos requisitos jurídicos, mas também do ambiente político e social em que a iniciativa irá se encontrar”.

“Seria a quinta mudança de nome desde a sua fundação, o que toca diretamente a identidade coletiva do município e, portanto, deve desencadear um debate amplo e profundo sobre essa identidade e os valores e a história que a cidade escolhe celebrar. Além disso, há o desafio de mobilizar a população para um tema que, embora relevante, pode não ser percebido como prioritário para a maioria do eleitorado que irá decidir sobre o tema”, observou.

História

Embora a ação em questão tenha sido apresentada à Justiça em fevereiro de 2023, o de-

bate em torno da alteração do nome da capital se arrasta há décadas. Nos anos 2000, por exemplo, o Movimento Paraíba Capital Parahyba, liderado pelo ex-vereador e músico mestre Fuba, já reivindicava a consulta à população.

Para o historiador e professor do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), Jivago Correia Barbosa, um dos motivos para que a discussão se mantenha viva até hoje seria a falta de representatividade histórica do nome de João Pessoa para a população da Paraíba. Segundo ele, a homenagem feita ao ex-governador assassinado em 1930 — assim como a comoção em torno de sua morte — partiu dos setores dominantes da sociedade paraibana da época e não da população.

“Do ponto de vista histórico, é totalmente questionável, porque a população não participou diretamente do processo de mudança. Ela foi, eu poderia dizer, quase uma massa de manobra nesse momento. O próprio Álvaro de Carvalho, que era o vice-presidente da Paraíba e que assumiu o governo no lugar de João Pessoa, era contrário à mudança do nome da cidade. A questão é que a comoção produzida em torno da morte de João Pessoa tomou conta não só da população da cidade e do estado da Paraíba, como também acabou se tornando o combustível para o processo da Revolução (ou o Golpe) de 1930”, comentou.

Segundo Jivago, que também é pesquisador da Fundação Casa de José Américo (FCJA), a realização do plebiscito representaria uma oportunidade de reconstrução da memória social da população da capital e de todo o estado.

“A manutenção do nome do político João Pessoa para a nossa capital não representa a população que nela habita, ao contrário, cristaliza e mantém o nome de uma das oligarquias que se revezavam no poder durante a chamada República Velha. Nenhuma das 26 capitais brasileiras possui o nome de um representante das oligarquias, ou de um político, apenas a nossa cidade”, enfatizou.

Propostas

Embora não tenham opinião formada sobre o tema, os vereadores de João Pessoa, Marcos Henriques (PT) e Junio Leandro (PDT) saudaram a proposta de plebiscito. O petista, inclusive, comentou que a revisão de nomes deveria se estender aos bairros da cidade.

“Essa é uma questão antiga e eu acho que ela tem lógica. A população, mais do que ninguém, precisa ser ouvida. A gente precisa, inclusive, avançar para retirar de nossa cidade nomes de generais que beneficiaram a prática da tortura no país, como Médici, Castelo Branco, Costa e Silva e Ernesto Geisel. Esses nomes fazem parte de uma memória podre, de algo tenebroso da nossa histó-



O ponto mais importante é a participação popular em si, para que ela [a sociedade civil] seja ouvida sobre este relevante tema

Raoni Vita

ria. A gente não pode seguir lembrando todos esses fantasmas que assombraram o nosso país”, opinou.

Junio Leandro, por sua vez, disse que vê a iniciativa “com bons olhos” e que não concorda com o atual nome da capital “por todo o contexto verdadeiro que a história diz sobre o fato”, mas considera que a mudança configuraria “uma situação um pouco complicada porque já faz muito tempo e esse nome já foi consolidado”.

“Do ponto de vista histórico, o político João Pessoa não era merecedor de ter o nome na capital do nosso Estado. Tenho ele como um bom político, teve suas atitudes boas, mas não acho que era o caso de dar nome à capital. Mas como o nome já se consolidou, eu acho muito complicado agora mudar, porque tem uma questão de visibilidade nacional e internacional. Penso que trocar o nome da capital agora poderia trazer danos ao turismo da cidade”, avaliou.

No ano passado, logo após a apresentação do mandado de injunção por Raoni Vita, o deputado estadual Hervázio Bezerra (PSB) protocolou uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) para acabar com a possibilidade do plebiscito. De maneira geral, a PEC nº 9/2023 propõe alterar a redação da Constituição Estadual para retirar a previsão do plebiscito. Segundo o deputado, “um plebiscito para discutir o nome de nossa capital, mesmo que seja em cumprimento a um dispositivo constitucional estadual, poderia nos desvirtuar dos debates mais importantes e fundamentais para a nossa cidade”.

“A cidade João Pessoa já se tornou muito maior do que aquele que foi homenageado. Ao referir-se a João Pessoa o mundo lembra logo de nossas belezas, do nosso povo acolhedor. João Pessoa é a capital da Paraíba”, alegou o parlamentar.



Jivago Correia: “falta de representatividade histórica”



Filipe Luna diz que consulta à população é “cabível”

NOVAS NORMAS

Senado propõe aumento da proteção a mulheres

Medidas fortalecem o combate a violências física, patrimonial e política

Da Redação
Com Agência Senado e Agência Gov

A Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado Federal aprovou, na última sexta-feira (13), três projetos de lei que fortalecem o combate à violência de gênero. As normas visam aumentar a proteção de mulheres contra violências física, patrimonial e política.

A primeira delas é o Projeto de Lei (PL) nº 5.427/2023, que altera a Lei Maria da Penha para submeter o agressor à monitoração eletrônica durante a aplicação de medida protetiva de urgência em casos de violência doméstica e familiar. O texto também prevê que a vítima e a polícia sejam alertadas sobre uma aproximação indevida do agressor, por meio de dispositivo de segurança.

O senador Paulo Paim (PT-RS), relator da matéria e presidente da CDH, ao analisar a proposta, destacou que as medidas protetivas de urgência são essenciais para a proteção das vítimas de violência doméstica e que, portanto, é fundamental aprimorá-las. Para o parlamentar, o projeto garantirá maior efetividade às medidas protetivas, permitindo que a vítima se antecipe e procure proteção antes que o agressor possa alcançá-la.

“Infelizmente, não é raro assistirmos, nos noticiários, casos de mulheres assassinadas, mesmo após a imposição de medidas protetivas contra o agressor”, apontou.

O uso de tornozeleira eletrônica como medida protetiva em casos de violência contra a mulher é tema de outro projeto que tramita pelas comissões do Senado, o PL nº



Foto: Saulo Cruz/Agência Senado

Assunto foi discutido na última semana, pela Comissão de Direitos Humanos da Casa

1.781/2022. Ele está na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

Aquisição de documento

Também foi aprovado o PL nº 4.411/2021, que assegura à mulher vítima de violência patrimonial o direito à prioridade na emissão de novos documentos pessoais. A Lei Maria da Penha define violência patrimonial como qualquer conduta que subtraia ou destrua bens, instrumentos de trabalho, documentos pessoais ou recursos econômicos da vítima. Retenção de documentos, quebra de celular e uso de dados pessoais para obtenção de benefícios são algumas das formas mais comuns desse tipo de violência.

O projeto propõe que o benefício seja aplicado à emissão de segunda via de documentos como identidade, CPF, carteira de trabalho, carteira de motorista, documentos de identificação profissional, certidões, entre outros.

Conforme estabelece a norma, para gozar do direito, será necessário apresentar ao menos um dos seguintes docu-

mentos: termo de unidade de apoio jurídico e psicossocial que ateste a necessidade de emissão do novo documento; cópia do boletim de ocorrência com a descrição do documento extraviado ou destruído por violência patrimonial; ou termo de medida protetiva de urgência expedido pelo juiz.

A senadora Jussara Lima (PSD-PI), relatora da matéria na CDH, apresentou um texto alternativo para que o projeto defina que cada órgão ou entidade competente pela emissão de documentos terá a responsabilidade de regulamentar a norma.

O texto agora segue para análise da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ).

Frente parlamentar

A CDH apoiou, ainda, a criação da Frente Parlamentar Mista de Combate à Violência Política de Gênero. A proposta, de autoria da senadora Augusta Brito (PT-CE), recebeu parecer favorável do relator, o senador Weverton Rocha (PDT-MA), e seguirá para a Comissão Diretora do Senado.

A violência política de gê-

nero pode ser caracterizada como um ato cujo objetivo é excluir a mulher do espaço político; impedir ou restringir seu acesso; ou induzi-la a tomar decisões contrárias à sua vontade. Esse tipo de violência é considerado uma das causas da sub-representação das mulheres no Parlamento e nos espaços de poder e decisão, e prejudica a democracia no país.

O crime de violência política de gênero foi tipificado pela Lei nº 14.192/2021. No entanto, o Monitor da Violência Política de Gênero e Raça revela que, desde então, das 175 representações de violência política de gênero e raça monitoradas, apenas 7% resultaram em ação penal eleitoral, até janeiro de 2024.

“A cooperação entre parlamentares das duas Casas legislativas pode contribuir, significativamente, para aprimorar a aplicação da legislação e assegurar que todas as mulheres possam exercer plenamente seus direitos na esfera política, livres de qualquer forma de violência”, defendeu o senador Weverton Rocha.

Discursos misóginos se propagam no YouTube

Conteúdos que propagam ódio, aversão, controle e desprezo às mulheres estão presentes em 137 canais no YouTube e somam 3,9 bilhões de visualizações na plataforma, no Brasil. Os dados fazem parte de uma pesquisa inédita, divulgada na última sexta-feira (13). O levantamento, intitulado “Aprenda a evitar ‘este tipo’ de mulher: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube”, destaca como páginas virtuais transformam a misoginia em um negócio lucrativo.

Mais de 76 mil vídeos foram analisados para traçar um panorama da chamada machosfera — rede de influenciadores e comunidades digitais masculinistas. As produções em questão perpetuam perspectivas discriminatórias e, com frequência, incentivam técnicas de tratamento às mulheres baseadas na violência psicológica e na manipulação emocional. Além disso, também reforçam estereótipos prejudiciais às mulheres, como desumanização, baseada na aparência e no intelecto, e ataques a feministas. Várias dessas mensagens são disfarçadas de “desenvolvimento pessoal masculino”, o que di-

ficulta sua identificação pelos sistemas de moderação das plataformas digitais.

O relatório foi realizado pelo Observatório da Indústria da Desinformação e Violência de Gênero nas Plataformas Digitais, em parceria com a NetLab-UFRJ e o Ministério das Mulheres. O objetivo da pesquisa é contribuir com as políticas públicas de combate ao ódio e à violência de gênero na internet e fora dela.

“A meta de feminicídio zero, que é nossa prioridade, somente será alcançada se pudermos compreender e conscientizar a população sobre o que é a misoginia e as suas

consequências, e não há como alcançar isso, atualmente, sem olhar para a internet. Por isso, essa iniciativa é fundamental, já que ela nos ajuda a mapear a violência contra as mulheres e a conhecer os discursos que incentivam comportamentos violentos on-line”, destacou a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves.

Comunidade articulada

Mais de 33 mil títulos de vídeos analisados exploram temas relacionados ao “desprezo às mulheres e estímulo à insurgência masculina” contra uma suposta dominação feminina. Os criadores



Foto: Divulgação/NetLab-UFRJ

Internet é campo fértil para conteúdos de ódio às mulheres

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Jessier Quirino para prefeito

Em um 19 de novembro, Dia do Cordelista, recebi uma mensagem da professora Valéria Santos, que mora no Recife. Ela conta que estaria na cidade paraibana de Princesa Isabel para se submeter a concurso para professora do Instituto Federal de Tecnologia. Escolhida para ministrar aula sobre Literatura de Cordel no contexto histórico, pede-me exemplares do folheto “Biu Pacatuba, um herói do povo paraibano”. O tema do folheto será usado para dar respaldo à sua aula sobre camponeses e repressão no campo durante a ditadura civil-militar.

Enviei o material e, aqui, aproveito a deixa para refletir sobre a importância da Literatura de Cordel no ensino da História, por exemplo. E mandar meus cumprimentos, com votos de admiração, para meu confrade Pádua Gorion, professor em Itatuba, mestre cordelista e exemplo admirável de educador que faz integração escola-cultura.

Belchior já dizia: “Não estou interessado em nenhuma teoria”. Nem eu. Quero é saber da prática, do fazer na tora, sentindo que somos responsáveis pela continuidade dessa arte de fazer versos com gostinho da cantiga popular, contando histórias antigas e novas, fazendo rir, mostrando os dentes simplórios e construindo seus marcos imortais. Novos estudiosos estão teorizando sobre o cordel; livros estão sendo escritos e reescritos; perguntas e respostas estão aparecendo, junto com novas questões, tais como: se o cordel saiu da feira, por que atracou na nave ultramoderna da internet? Enfim, se a internet é o penico do mundo, como quer o ex-alternativo Fausto Silva, o cordel é a fertilidade nessas quebradas, como uma espécie de poesia newage a fermentar o recheio dessas fezes.

Talvez, a maior prova de que o cordel não morreu e, muito pelo contrário, está mais vivo, é uma professora largar seus livros de História e buscar, no folheto, o reforço didático para falar de nossa história recente. Certamente, ela sabe que ler cordel com os alunos é muito mais aprazível do que estudar súmulas enfadonhas. Eu sei que é difícil de acreditar, mas o mundo do conhecimento não gira só em torno da erudição acadêmica. Pode passar pela Literatura de Cordel e sua diversidade de ligações entre fatos históricos, culturais e sociais, com a dinâmica com que a linguagem poética se transporta no tempo, na geografia e nas dimensões entre o real e o imaginário.

Enfim, é muita honra para um pobre marquês circular na escola, como instrumento vivo da difusão do saber.

No ano de 2010, ganhei o Prêmio Patativa de Assaré de Literatura de Cordel, com o folheto “Biu Pacatuba, um herói do nosso tempo”. Um dos leitores do folheto foi Vladimir Carvalho, meu conterrâneo de Itabaiana, ele mesmo historiador das lutas do povo, com seus documentários, inesquecível humanista, falecido neste ano de 2024. Vladimir mandou um telegrama: “Registro com alegria a notícia de sua premiação pelo Minc (Prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel 2010), com ‘Biu Pacatuba, um herói do nosso tempo’, cuja leitura aguardarei quando de sua publicação. Parabéns por mais essa conquista. Um abraço do ‘conterrâneo’, Vladimir Carvalho”.

Por essa época, lancei no meu *blog* Toca do Leão uma enquete para saber quem as pessoas indicariam para prefeito de Itabaiana. Vladimir Carvalho mandou seu voto: “Prezado Mozart: A pesquisa da Toca do Leão é meritória. E vem em boa hora. Valho-me, entretanto, da ocasião para, independente de participar na forma como está posta, dizer que, sem nenhum desdouro pelos nomes apresentados na lista, o meu candidato seria inarredavelmente o de Jessier Quirino, por tudo que representa nesse momento com relação a Itabaiana, cuja bandeira tem levantado bem alto Brasil afora. Ele reúne todas as qualidades para liderar a recuperação física, econômica, social e administrativa de nossa terra. O que me diz dessa minha posição? Com todo respeito, Vladimir Carvalho”. Eu respondi: “Ilustre Vladimir, concordo com sua opinião. Porém, o poeta Jessier é avesso à política. Jamais assumiria uma missão dessas. Seria um nome de alto nível e capacidade, sem dúvidas. E mais: com a cara de antipatia que o homem carrega, devido à timidez congênita, nem com reza forte de Madame Preciosa ele iria cair nas graças do populacho, que o zé povinho gosta mesmo é de um candidato folgado que só calça de palhaço, dadivoso, licencioso, caloteiro, feladaputista, tomador de meropeia, fingido e mentiroso que só cachorro de fateira”.

Columnista colaborador

AMAZÔNIA LEGAL

Território marcado pela violência

Fórum Brasileiro de Segurança Pública aponta que os índices de homicídios na região superam a média nacional

Da Redação
Com Agência Brasil

O conflito pelo controle de territórios e pelo uso da terra na Amazônia Legal é o principal eixo que estrutura a geração da violência na região atualmente. A conclusão é do estudo “Cartografia das Violências na Amazônia”, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em parceria com o Instituto Mãe Crioula (IMC).

O relatório aponta que, apesar da redução na taxa de desmatamento, ainda figuram no *ranking* das cidades mais desmatadas Altamira (PA), São Félix do Xingu (PA), Porto Velho (RO), Lábrea (AM), Novo Progresso (PA), Itaituba (PA), Colniza (MT), Apuí (AM), Pacajá (PA) e Novo Repartimento (PA). Sete delas constam no *ranking* das 100 cidades mais violentas da Amazônia, e nove

estão no último relatório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que documenta conflitos fundiários.

“Essa sobreposição demonstra o quanto o controle do território e o uso da terra são, hoje, fenômenos que estruturam a produção de violência e de criminalidade na região amazônica, tanto do ponto de vista dos ilícitos ambientais — como o desmatamento e o garimpo ilegal de ouro — quanto do tráfico de drogas — que tem potencializado a questão da violência letal na região”, explicou o coordenador de projetos do Fórum, David Marques.

O levantamento de cadastro de propriedades rurais apontou que mais de 20 mil imóveis estão localizados em terras indígenas (TIs) ou em áreas de proteção ambiental. Há sobreposição de propriedades em TIs em 8.610 imóveis rurais. Em áreas de conserva-

ção ambiental, há 11,8 mil propriedades registradas.

Apesar do registro de queda nos últimos anos, a região permanece com altas taxas de mortes violentas. Em 2023, houve 8.603 mortes violentas intencionais (homicídios dolosos, latrocínios, mortes decorrentes de intervenção policial e mortes de policiais) na Amazônia Legal, uma taxa de 32,3 mortes para cada grupo de 100 mil habitantes, 41,5% maior do que a taxa brasileira, de 22,8 mortes para cada 100 mil habitantes.

Considerando o triênio 2021-2023, 445 dos 772 municípios tiveram taxas de mortes violentas intencionais (MVI) mais elevadas do que as da média do país. Tais cidades concentram 66,8% da população da região e 83,7% de todos os assassinatos. Ainda que o levantamento aponte a redução recente da violência na região, o fórum avalia que o



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/Agência Brasil

Amazônia Legal é composta por 772 municípios, distribuídos em nove estados do Brasil

quadro de violência continua alarmante.

O relatório apresenta os dados da violência letal na região nos últimos anos: entre 2021 e 2022, a queda foi de 1,1%; entre 2022 e 2023, de 5,1%;

e entre 2021 e 2023, chegou a 6,2%, acima da média nacional, que teve redução de 4,6% no período. Foram analisados dados dos nove estados da Amazônia Legal: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso,

Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão, totalizando 772 municípios. A análise busca compreender as conexões entre violência, crimes ambientais e o crime organizado na região.

Levantamento identifica monopólio de facções criminosas

A redução da violência letal teve influência do estabelecimento de monopólios de atividades criminosas, segundo avaliação do FBSP, e de uma estabilização nas relações entre as facções na maior parte da região. As facções criminosas estão presentes em 260 municípios, com predominância de membros do Comando Vermelho. O número supera as 178 cidades com presença de facções na edição do estudo em 2023.

“Também cresceu a proporção desses municípios que são controlados por apenas um grupo. Ou seja, quando você tem territórios

controlados por apenas um grupo, a tendência é que se reduza a intensidade do conflito e, portanto, a violência letal”, apontou David.

Entre as 260 cidades com atividades de facções, 175 são dominadas por um único grupo criminoso — em 129, essa hegemonia pertence ao Comando Vermelho (CV); em 28, ao Primeiro Comando da Capital (PCC). Em 85 dessas 260 cidades, verificam-se disputas ou coexistência entre dois grupos ou mais.

O relatório indica que a ação das facções tem papel central não apenas em função da dinâmica do narcotráfico, mas em relação ao



Foto: Divulgação/Polícia Federal

Grupos estão envolvidos com narcotráfico e desmatamentos

avanço do desmatamento, de outros crimes ambientais e de disputas fundiárias. O diretor-presidente do FBSP,

Renato Sérgio de Lima, ressalta que o conflito pela terra na área é, atualmente, regulado pelo crime.

“Esse controle se dá por meio de cadeias produtivas, entre elas a criação de gado em territórios da União usurpados por grileiros, a exploração ilegal da madeira, a pesca predatória e, principalmente, o garimpo em terras indígenas. Essa regulação do território, que ocorre de forma violenta e operada pelo crime, estrutura e conecta todas as principais atividades criminais da Amazônia Legal”, apontou Lima.

Além da ação das facções criminosas, que é mais recente, existe um histórico de conflitos fundiários na Amazônia Legal que não se pode perder de vista, de acordo

com o diretor-presidente do Instituto Mãe Crioula e professor da Universidade Estadual do Pará, Aiala Colares Couto.

“Para que se entendam as dinâmicas criminais na região, há que se levar em consideração que a ação de grileiros, que, mais tarde, redundará em avanço das monoculturas, expansão da fronteira agropecuária e ampliação do garimpo, está inserida na mesma lógica da disputa por rotas de escoamento do narcotráfico. Nesse sentido, é sempre sobre controle territorial armado que estamos falando”, explicou.

Fronteiras com países produtores de cocaína são áreas mais vulneráveis

“A gente tem estruturalmente essas conexões e sobreposições entre os fenômenos e temos documentado, desde 2020, a intensificação da presença de uma criminalidade organizada de base prisional, essa mais faccional relacionada com o tráfico de drogas, na região, por conta da importância geográfica, e também da conexão da atuação desses grupos com ilícitos ambientais”, contou David Marques sobre os achados do estudo.

Ele ressalta que o problema do crime organizado e das facções é nacional. No entanto, o agravamento da situação na região amazônica, com uma intensidade que não se observava antes, tem relação com essa questão geográfica: a proximidade de fronteira com países produtores de cocaína, que é um mercado altamente lucrativo e importante dentro do funcionamento das organizações criminosas no Brasil.

“Hoje, três países são responsáveis pela produção de 99% da cocaína que é consumida no mundo: Colômbia,

Foto: Cicero Pedrosa Neto/Amazônia Real



Comando Vermelho e PCC controlam 260 cidades da região

Enfrentamento do crime organizado precisa ser prioridade no Brasil

O Fórum defende que o enfrentamento dessas organizações criminosas seja uma prioridade não apenas na Amazônia, mas no Brasil como um todo. “Nesse sentido, a gente levantou alguns dados que são promissores para a região amazônica. Quando a gente fala de um enfrentamento mais qualificado, uma das grandes chaves é a investigação financeira, chamada, em outros contextos, de *follow the money*. Hoje, no Brasil, a unidade de inteligência financeira é o Coaf [Conselho de Controle de Atividades Financeiras]”, indicou David.

O órgão analisa movimentações suspeitas e se comunica com as autoridades competentes pela investigação de possíveis ilícitos. O levantamento do FBSP aponta ainda que houve um crescimento relevante na produção dos Relatórios de Inteligência Financeira (RIF) dentro do Coaf. “Entre 2016 e 2023, a produção de RIFs cresceu 101,7% no Brasil e cresceu

300% em estados da Amazônia Legal. Isso é um indicativo de que a produção de inteligência financeira na região tem crescido e aumenta o potencial de sucesso das investigações criminais que estão acontecendo nessa região”.

“A nossa hipótese é que esse crescimento de produção de inteligência financeira está associado, como no restante do Brasil, a um crescimento da percepção da importância tanto do tráfico de drogas quanto das facções criminosas no contexto da lavagem de dinheiro. É por meio da lavagem de dinheiro que essas organizações transformam o lucro proveniente dos ilícitos em capital econômico, que depois pode ser revertido, com impactos, em mercados legais, nas próprias instituições e até em poder eleitoral, eventualmente”, disse o coordenador de projetos da entidade.

O estudo evidenciou ainda outro tipo de padrão de violência: aquele que se propaga após a realização de

uma grande obra, como uma estrada ou uma hidrelétrica, ou que decorra da execução de projeto de extração de algum bem mineral, o que atrai trabalhadores forasteiros ao local. A entidade avalia que é necessário que haja projetos para mitigar os impactos dessas obras na segurança pública, a exemplo do que existe na área ambiental. Há estudos de impacto socioambiental, mas não se avaliam os impactos na segurança pública, alertou o FBSP.

■
Especialistas apontam a investigação financeira como um dos pontos-chave para dismantelar os esquemas ilegais

EMPRESAS FEDERAIS

Embrapa e Hemobrás têm editais com altos salários

Provas objetivas dos certames serão aplicadas em março do próximo ano

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Mesmo com o Natal batendo à porta, ainda dá tempo de garantir um presente antecipado para 2025. Dois órgãos federais acabam de abrir editais com oportunidades para profissionais de diversas áreas e níveis de escolaridade, incluindo funções estratégicas. Na Paraíba, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) está com vagas abertas para a região de Campina Grande. Já a Empresa Brasileira de Hemoderivados e Biotecnologia (Hemobrás) abriu um novo concurso para a formação de cadastro reserva em Recife ou Goiana, em Pernambuco.

No caso da Embrapa, foram abertas 1.027 vagas em todo o Brasil, distribuídas entre os cargos de pesquisador, analista, assistente e técnico. Em Campina Grande, especificamente, as oportunidades são para pesquisador e analista. Para pesquisadores, há vagas na área de Tecnologia de Alimentos, com foco na ciência de alimentos de origem animal, vinculada à Embrapa Caprinos e Ovinos; e no campo da Engenharia, com ênfase em Sociologia, Automação e Mecanização. Já para analista, as vagas incluem as áreas de Tecnologia de Alimentos, Ciências So-



Candidatos a alguns cargos passarão por provas discursivas, práticas e de títulos

ciais Aplicadas à Agropecuária e Gestão da Informação, abrangendo Engenharia, Infraestrutura e Tecnologia da Informação.

Dependendo do cargo, o salário ofertado pode variar de R\$ 2 mil a R\$ 12 mil por até 40 horas semanais de trabalho. O futuro funcionário também terá direito a diversos benefícios, como seguro de vida, assistência médica, adicional por tempo de serviço e auxílios para transporte, alimentação e escola. Para participar, o candidato deve inscrever-se até 7 de janeiro de 2025, pelo *site* do Centro Brasileiro de Pesquisa em Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Cebraspe). A taxa de inscrição para analista é de R\$ 150 e de R\$ 170 para pesquisador.

A avaliação será feita por meio de prova objetiva, prevista para 23 de março, com

questões de Língua Portuguesa, conhecimentos gerais e específicos. Além disso, haverá etapas adicionais para algumas funções, incluindo provas discursiva, prática e de títulos, além de defesa de memorial. O resultado definitivo das provas objetivas e a convocação para a prova prática deverão ser anunciados no dia 22 de abril do próximo ano.

Cadastro de reserva

Em Pernambuco, o concurso público da Hemobrás é voltado para a formação de cadastro reserva. Os cargos disponíveis são para profissionais de níveis médio e superior, com vagas para auditor, arquivista, analista industrial, assistente administrativo, analista de gestão de pessoas, jornalista, engenheiro, técnico em segurança do trabalho, entre outras fun-

ções. Os salários variam de R\$ 3 mil a R\$ 12 mil, conforme o cargo e a qualificação do candidato, com carga horária de 40 horas semanais. As inscrições seguem abertas até 23 de janeiro de 2025 e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto Consulplan (institutoconsulplan.org.br). A taxa cobrada varia de R\$ 60 a R\$ 80, a depender do cargo.

Todos os candidatos farão uma prova objetiva, de caráter classificatório e eliminatório, em 16 de março de 2025, com questões de Língua Portuguesa, Raciocínio Lógico, Ética e conhecimentos específicos. Para os candidatos de nível superior, haverá ainda a etapa de análise de títulos. Segundo o edital, os gabaritos preliminares serão divulgados no dia seguinte à prova, mas as demais datas ainda não foram definidas.

Transformando ciência em soluções práticas

Quando se pensa na figura do pesquisador, a imagem clássica de um cientista confinado em um laboratório, rodeado de tubos de ensaio e computadores, é quase inevitável. Todavia, essa é apenas uma fração da realidade de quem escolheu, por vocação, a missão de transformar a ciência em soluções práticas para a população, principalmente no semiárido brasileiro.

Para o pesquisador Wandrik Hauss de Sousa, da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), a profissão exige muito mais do que apenas conhecimento técnico — é preciso se conectar com as pessoas e entender a realidade do campo. “Eu aprendi muito com os pés no chão, com o produtor, vendo a dificuldade dele e colocando a ciência naquilo que eu via no campo”, reflete.

Formação contínua

Com quase 40 anos de experiência em pesquisas voltadas à caprinocultura e ovinocultura, Wandrik testemunhou mudanças significativas na área. No início da carreira, ele conta que quase não havia referências bibliográficas sobre o Semiárido, o que tornou a vivência no campo indispensável. “Passei mais de 10 anos convivendo com pro-

dutores na região do Cariri para entender suas dificuldades. Essa convivência é muito importante na formação profissional, porque te ajuda a alinhar o conhecimento teórico com a prática”, explica.

E para quem deseja seguir os passos de Wandrik, parar de estudar não é uma opção. A formação deve ser ampla e contínua para que o pesquisador esteja alinhado com as inovações que acontecem ao redor do mundo. “Estudei no exterior, fiz doutorado em Belo Horizonte, mas sempre mantive o foco nas demandas locais”, conta o especialista, reforçando que a experiência acadêmica é indispensável, porém, só ganha significado quando conectada à realidade.

Habilidades desejáveis

Não por acaso, habilidades como observação, comunicação e escrita, além de uma visão holística, são diferenciais importantes na carreira. Como ele explica, não adianta ser apaixonado por ciência se você não está preparado para elaborar projetos e documentar suas descobertas. “Não adianta querer ser pesquisador se você não gosta de escrever. É preciso aprender a documentar tudo e, para isso, o inglês é indispensável”, complementa. Segundo

ele, o domínio do idioma é crucial para ler artigos científicos e compartilhar *insights* com pesquisadores do mundo todo. Muito desse trabalho envolve colaboração, sendo muito comum participar de grupos de especialistas de diferentes áreas. Para Wandrik, essa troca é essencial para lidar com os desafios do setor agropecuário e as mudanças climáticas.

Seguindo essa lógica, a rotina de um pesquisador vai muito além do laboratório — embora esse espaço seja muito comum durante a jornada de trabalho. Além de buscar recursos por meio de editais, é preciso planejar e executar projetos, analisar dados no campo e validar cada etapa. E falando em resultados, Wandrik Hauss de Sousa lembra que toda pesquisa é um processo longo, que depende de parcerias para se manter e de validação prática antes de se transformar em inovação. Ou seja, não é raro que os resultados levem de dois a três anos para sair do papel.

Um exemplo claro dessa dinâmica está na agricultura familiar, na qual as pesquisas são responsáveis por desenvolver tecnologias que melhoram as condições de vida do pequeno produtor. Contudo, como o retorno fi-

nanceiro não é imediato nem comercial, esse trabalho depende quase exclusivamente de financiamento público. Nesse contexto, o pesquisador explica que os profissionais da área podem atuar em instituições públicas ou privadas, como universidades, empresas agropecuárias, farmacêuticas e até em organizações multinacionais que financiam projetos voltados para o desenvolvimento sustentável.

Para quem se identifica com a trajetória do pesquisador da Empaer, o concurso da Embrapa representa uma excelente oportunidade. Em Campina Grande, os profissionais selecionados terão a missão de desenvolver, executar e coordenar programas e projetos de pesquisa e desenvolvimento voltados para o setor, com a chance de impactar diretamente a cadeia produtiva do semiárido. Além da unidade na Paraíba, as vagas também contemplam os polos da Embrapa em Sobral (CE), Bagé (RS) e Concórdia (RS). Conforme o edital, os candidatos devem possuir graduação e mestrado em áreas correlatas à vaga, como Tecnologia de Alimentos, Engenharia Agrônômica, Medicina Veterinária, entre outras especialidades.

Carreiras

Bruno Cunha
brunocunha@carreiracombrunocunha.com.br | Colaborador

Você está tomando decisões impulsivas na carreira?

No ambiente de trabalho dinâmico e muitas vezes estressante, é fácil para os profissionais tomarem decisões impulsivas. Talvez, você já tenha se perguntado: “Será que estou no lugar certo? Devo aceitar essa nova oferta de emprego?”. O problema é que, sem uma visão clara dos seus objetivos de longo prazo, essas escolhas rápidas e sem reflexão, muitas vezes, não trazem a realização desejada. O resultado? A insatisfação persiste, e você acaba levando seus problemas de um emprego para outro, sem encontrar o verdadeiro crescimento profissional.

Tomada de decisões impulsivas

Todos nós, em algum momento, enfrentamos a necessidade de tomar decisões difíceis na carreira. Mas, quando essas decisões são tomadas sem uma análise profunda — seja por insatisfação momentânea ou pressão externa —, os resultados nem sempre são os esperados. Essa “pressa” em encontrar uma solução rápida pode estar ligada à falta de clareza sobre seus objetivos profissionais de longo prazo. Sem um direcionamento claro, é fácil se deixar levar por soluções imediatas que parecem resolver o problema em curto prazo, mas que, em longo prazo, apenas mascaram a verdadeira questão.

Muitos profissionais acabam aceitando novas ofertas de emprego ou até mesmo trocando de áreas na tentativa de fugir da insatisfação atual. Contudo, essa estratégia impulsiva, sem uma avaliação cuidadosa das suas metas e aspirações, pode resultar em uma trajetória de carreira sem sentido, na qual o crescimento real e a satisfação ficam cada vez mais distantes.

Um ciclo vicioso de frustração

Imagine a seguinte situação: você recebe uma oferta de emprego com um salário melhor e, em um momento de insatisfação com o trabalho atual, decide aceitar. Parece uma escolha óbvia, certo? Mas depois de alguns meses no novo emprego, você percebe que os mesmos problemas continuam. Talvez, a cultura da empresa não esteja alinhada com seus valores, ou as oportunidades de crescimento sejam tão limitadas quanto no emprego anterior. Nesse ponto, você percebe que o problema não era o antigo trabalho, mas a falta de clareza sobre o que você realmente deseja na sua carreira.

Esse ciclo de “fuga” para novos empregos, sem uma análise clara das suas metas e valores, pode acabar prejudicando sua trajetória profissional. Cada nova mudança traz novas expectativas, e cada nova decepção reforça a frustração.

O problema não está no emprego, mas nas suas expectativas

O problema nem sempre está no emprego atual ou nas ofertas que você aceita, e sim na falta de clareza sobre seus objetivos de longo prazo. Quando você não sabe exatamente aonde quer chegar, qualquer movimento pode parecer uma solução, porém, na verdade, é apenas um paliativo temporário.

Muitos profissionais acreditam que mudar de emprego constantemente é uma solução para a insatisfação. No entanto, essa troca incessante pode ser um sintoma de um problema mais profundo: a falta de autoconhecimento e de um plano de carreira estruturado. Em vez de analisar cuidadosamente suas habilidades, seus valores e as demandas do mercado, muitos acabam “pulando” de um emprego para outro, na esperança de encontrar algo que preencha suas expectativas. O que falta é uma análise honesta e profunda de quais são seus objetivos reais e como alcançá-los.

A solução é parar de correr atrás da próxima grande oportunidade e começar a olhar para dentro. Entender o que realmente move você profissionalmente e como alinhar suas decisões de carreira com suas metas de longo prazo é o verdadeiro caminho para sair desse ciclo.

Selic	Salário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixado em 11 de dezembro de 2024					IPCA do IBGE (em %)	
12,25%	R\$ 1.412	+0,43%	+0,64%	+0,18%	Novembro/2024 0,39	
		R\$ 6,035	R\$ 6,334	R\$ 7,619	Outubro/2024 0,56	-1,00%
					Setembro/2024 0,44	
					Agosto/2024 -0,02	124.784 pts
					Julho/2024 0,38	

IMPULSIONANDO

BNB cria superintendência para negócios com MPes

Nova estrutura atenderá quem quer abrir empresas ou adquirir franquias

O Banco do Nordeste (BNB) anunciou a criação de uma nova superintendência dedicada ao segmento de Micro e Pequenas Empresas (MPE). A nova estrutura corporativa visa intensificar e direcionar operações junto a esses negócios e atender pessoas físicas que têm interesse em criar suas empresas ou adquirir franquias.

O presidente do Banco do Nordeste, Paulo Câmara, destacou a relevância estratégica da nova superintendência. “As micro e pequenas empresas são fundamentais para a economia, gerando emprego e renda para milhões de famílias. Ao criar uma superintendência exclusivamente dedicada a esse segmento, o Banco do Nordeste demonstra alinhamento com as diretrizes do Governo Federal e do presidente Lula de atender de forma ainda mais assertiva às demandas desse público”, afirmou o executivo.

As operações com o segmento de MPE no Banco do Nordeste cresceram cerca de 10%, entre janeiro e setembro deste ano, na comparação com o mesmo período de 2023. Foram feitas mais de 34.700 contratações contra 31.600, respectivamente, nos mesmos períodos. Alta também em valores contratados: passando de R\$ 4,1 bilhões para R\$ 4,4 bilhões (+7,3%). Os valores correspondem a toda área de atuação do BNB, que abrange estados nordestinos e parte de Minas Gerais e Espírito Santo.

Para o diretor de Negócios



Lívio Tonyatt é o superintendente de Micro e Pequenas Empresas do Banco do Nordeste

do BNB, Luiz Abel, “a superintendência de MPE e PF vai permitir ao banco dar mais atenção a um setor prioritário, que é o das micro e pequenas empresas, além de oferecer produtos e serviços financeiros a pessoas físicas, funcionários dessas empresas, potencializando a atuação do banco no crédito comercial”.

A nova área corporativa será comandada por Lívio Tonyatt, funcionário de carreira do banco. Ele acrescenta que a superintendência deve também inovar em suas aborda-

gens e serviços, garantindo que as empresas de menor porte tenham acesso a recursos e suporte necessários para prosperar em um mercado cada vez mais competitivo.

Crediamigo

O BNB está oferecendo desconto de até 96% sobre encargos para regularização de operações do Crediamigo que estejam em atraso. Os clientes com direito ao benefício são os que tiveram dificuldades em honrar as parcelas em dezembro de 2021 e ainda não conseguiram

regularizar sua situação.

Outra vantagem oferecida pela campanha é a oportunidade de individualizar as dívidas por cliente, o que permite a quitação de débitos de forma independente dos demais membros do grupo solidário. A campanha segue em vigor até fim de 2025.

A partir da regularização, os microempreendedores podem voltar a operar com o programa, proporcionando nova oportunidade para investir em mercadorias, matérias-primas, reformas e diversas melhorias para os seus negócios.

R\$ 1 MILHÃO

Pequenas indústrias da PB recebem apoio

O Programa de Apoio à Competitividade das Micro e Pequenas Indústrias (Procomp) dará um novo impulso à indústria paraibana em 2025. Com um investimento de cerca de R\$ 1 milhão, o programa, que é uma parceria entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Sebrae, vai ajudar a implementar cinco projetos inovadores, que visam fortalecer a competitivi-

dade e a sustentabilidade das empresas do estado.

Os projetos aprovados abrangem diversos setores industriais, desde as indústrias têxteis e de confecção até as de calçados e de bebidas, demonstrando a diversidade do parque industrial paraibano e a capacidade do programa de atender às necessidades específicas de cada segmento.

As iniciativas aprovadas in-

cluem o fortalecimento das estratégias para redução de custos nas indústrias de calçados, a modernização e atualização de processos e sistemas de fabricação no segmento têxtil e de confecção, além da melhoria das boas práticas de fabricação nas empresas de bebidas. Já os projetos de caráter multissetorial abrangem o incentivo à liderança feminina nas indústrias do Sertão e a transforma-

ção digital para micro e pequenas indústrias.

Com esses investimentos, espera-se contribuir para o aumento da produtividade e da competitividade das empresas participantes, a melhoria da qualidade dos produtos e serviços, geração de novos empregos e renda, fortalecimento da cadeia produtiva local e promoção da inovação e da sustentabilidade no setor industrial paraibano.

Nesse ciclo, o programa tem foco em projetos que promovem a transformação digital e a sustentabilidade, pilares estratégicos para impulsionar a competitividade e a inovação no setor industrial.

O Procomp é um programa que oferece consultoria especializada, treinamento e acesso a tecnologias para as micro e pequenas indústrias, com o objetivo de aumentar a produtividade, a qualidade dos produtos e a competitividade das empresas.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Aumento do ICMS: os impactos para pequenos negócios

O recente anúncio sobre o aumento da alíquota do ICMS, de 17% para 20% sobre encomendas internacionais, com vigência prevista para abril de 2025, traz à tona reflexões importantes sobre seus impactos econômicos. A medida, justificada pelos estados como uma forma de promover a competitividade da indústria nacional e equilibrar a tributação entre produtos locais e importados, pode gerar consequências negativas, especialmente para pequenos empreendedores e consumidores finais.

Atualmente, encomendas internacionais de até US\$ 50 já são taxadas com um imposto de importação de 20%. Com a nova alíquota de ICMS, o custo final desses produtos será ainda maior. Para ilustrar, um item de R\$ 100 terá seu preço final elevado de R\$ 140,48 (com ICMS de 17%) para R\$ 145 com a alíquota de 20%. Embora o aumento pareça modesto, os efeitos podem ser severos para quem opera com margens estreitas.

Pequenos empreendedores, que dependem de produtos importados para compor seu portfólio, serão duramente atingidos. Com a elevação do ICMS, esses empreendedores enfrentarão custos adicionais que dificilmente poderão ser integralmente repassados aos consumidores, sob o risco de perder mercado para grandes concorrentes ou até mesmo para o mercado informal.

Além disso, essa medida tende a beneficiar grandes empresas em detrimento das micro e pequenas. Grandes corporações têm maior capacidade de negociação com fornecedores internacionais, o que lhes permite diluir o impacto do aumento tributário. Também possuem estruturas mais robustas para lidar com os custos operacionais e logísticos, tornando-se ainda mais competitivas frente aos pequenos negócios. Isso aprofunda a desigualdade no ambiente empresarial, dificultando ainda mais a sobrevivência das microempresas, que já enfrentam um sistema tributário excessivamente oneroso e burocrático.

Para os consumidores, o aumento no custo de bens importados pode restringir o acesso a produtos acessíveis, prejudicando especialmente pessoas de baixa renda que adquirem esses itens para necessidades pessoais ou profissionais. A alta tributação também reduz o poder de compra, sobretudo em um cenário econômico ainda desafiador, com inflação elevada e famílias endividadas. Com uma carga tributária que já é considerada excessiva, a percepção de que o consumidor brasileiro é penalizado por medidas arrecadatórias reforça o sentimento de insatisfação geral.

Embora o objetivo do aumento do ICMS seja proteger a indústria nacional, essa medida isolada tem eficácia limitada sem o suporte de reformas estruturais. Problemas como a alta burocracia, infraestrutura precária e os custos elevados de produção no Brasil seguem restringindo a competitividade dos produtos nacionais. Sem atacar esses gargalos, o aumento da tributação apenas perpetua ineficiências estruturais e encarece o acesso a bens, prejudicando pequenos negócios e consumidores.

Portanto, o aumento do ICMS sobre encomendas internacionais reflete um sistema tributário que privilegia a arrecadação em detrimento do desenvolvimento econômico. Embora a medida possa parecer bem-intencionada, não resolve os problemas estruturais da economia e tem o potencial de prejudicar pequenos empreendedores, consumidores e, no longo prazo, a própria indústria nacional. É fundamental que discussões sobre tributação venham acompanhadas de uma agenda robusta de reformas que promovam a competitividade, criando um ambiente econômico mais justo para todos.



Programa visa implementar projetos que fortalecem a competitividade e a sustentabilidade

EMPREENDENDO

Grupo Boticário celebra crescimento

Empresa conta com 110 mil pontos de venda no varejo e atua ainda nas frentes ambientais, sociais e culturais

Teresa Duarte
teresaduarte2@gmail.com

A história do Grupo Boticário começou em 1977, em uma pequena farmácia de manipulação no Paraná, e hoje agrega laboratório, fábrica, inovação, tecnologia, logística, *marketing* e varejo, em um ecossistema de 110 mil pontos de venda no varejo, parceiros e fornecedores. A empresa atua ainda nas frentes ambientais, sociais e culturais e conta também com atuação da Fundação Grupo Boticário e Instituto Grupo Boticário.

Em 1980, foi inaugurada a primeira franquia da rede, em Brasília, e, em menos de uma década, já havia quase mil lojas franqueadas por todo o país.

Hoje o Grupo Boticário é a maior rede de franquias de beleza do Brasil e do mundo, com mais de quatro mil lojas físicas e presença em mais de 40 países. A primeira franquia foi aberta em Brasília, em 1980, e, atualmente o Boticário tem pontos de venda em 1.650 cidades brasileiras.

O Grupo Boticário celebra uma década de operação na Bahia, consolidando-se como importante

agente de desenvolvimento socioeconômico no estado. A convite do Grupo Boticário, o Jornal **A União** viajou à Bahia, para conhecer a fábrica em Camaçari e o centro de distribuição em São Gonçalo dos Campos, que completaram 10 anos de atuação, onde já foram impactados positivamente milhares de pessoas por meio de investimentos, geração de empregos, projetos socioambientais e expansão de suas operações.

Desde 2014, ano da chegada ao estado, o grupo alcançou números expressivos. A fábrica de Camaçari produziu mais de um bilhão de itens, enquanto o centro de distribuição em São Gonçalo dos Campos, com capacidade de separação de 70 mil peças por hora, expediu mais de 1,3 bilhão de peças e 36 milhões de caixas, atendendo a 14 estados brasileiros. Para se preparar para o futuro e garantir seu crescimento contínuo e sustentável, o Grupo Boticário anunciou, em agosto deste ano, um investimento de R\$ 4,14 bilhões para aumentar sua capacidade logística e industrial.

“Em 10 anos, eles construíram uma trajetória de sucesso e impacto positivo



A fábrica produziu mais de um bilhão de itens, enquanto o centro de distribuição expediu mais de 1,3 bilhão de peças, atendendo 14 estados brasileiros

na Bahia. O Polo da Beleza demonstra como podemos integrar nossa estratégia de negócio, nossos parceiros, fornecedores e franqueados a toda uma rede

de impacto socioeconômico nos locais onde estão presentes, gerando oportunidades e transformando a região. Olhamos para o futuro com entusiasmo, comprometidos em fortalecer ainda mais nossa parceria”, afirma Sérgio Sampaio, vice-presidente de Operações do Grupo Boticário.

Além disso, R\$ 1,8 bilhão será investido na nova fábrica, em Pouso Alegre (MG), aproximadamente R\$ 700 milhões nas expansões logísticas até 2027 por todo o Brasil e R\$ 840 milhões serão aplicados no incremento da capacidade industrial na unidade de São José dos Pinhais (PR). O estado baiano é um Polo da Beleza do Grupo Boticário, ecossistema

com centralidade no consumidor e que colabora para alavancar o desenvolvimento socioeconômico das regiões onde está presente.

Em 2021, foi anunciado o investimento de R\$ 600 milhões, além da chegada de empresas parceiras a Camaçari, que geraram empregos diretos e indiretos, expansão das linhas de envase e da capacidade produtiva da fábrica. A fábrica de Camaçari foi a primeira do setor de cosméticos no Brasil a receber a certificação LEED (reconhecimento internacional de empreendimentos sustentáveis), o que contribui significativamente para o alcance dos ambiciosos compromissos de 2030 da empresa.

“
O Polo da Beleza demonstra como podemos integrar nossa estratégia, nossos parceiros e fornecedores a toda uma rede de impacto socioeconômico

Sérgio Sampaio



O Boticário opera há uma década na Bahia e convidou jornalistas para conhecer sua estrutura

Carrossel iluminado marca celebração em Camaçari

Após visita à fábrica e ao centro de distribuição, o Jornal **A União**, foi viver uma celebração que está acontecendo na Praça Abrantes, Centro de Camaçari, de sexta-feira a domingo, das 16h às 22h, até o próximo dia 23. A entrada é gratuita, mediante cadastro realizado na hora no Clube Viva, programa de fidelidade do Boticário.

Jornalistas convidados tiveram o prazer de vivenciar um passeio no carrossel iluminado do Boticário, que foi especialmente escolhido em comemoração aos 10 anos de instalação da fábrica da marca na cidade. Além disso, houve distribuição de brindes personalizados. O visitante que for ao carrossel iluminado do Boticário, participará de brincadeiras para ganhar miniaturas da marca. A expectativa é receber mais de 300 pessoas por dia, até o fim da ativação

Essa é a primeira vez que o Boticário, eleita a melhor marca para presentear no Natal, patrocina as celebrações na cidade e presenteia

a população com um grande carrossel iluminado. “Com grande alegria patrocinamos, pela primeira vez, as festividades de Camaçari, onde temos uma de nossas maiores fábricas do Boticário. Esta parceria celebra nosso carinho e compromisso com a Bahia e seus moradores ao longo da última década, proporcionando memórias afetivas em experiências inesquecíveis, compartilhando momentos especiais e espalhando amor”, destaca o gerente de *Marketing* Regional do Boticário, Anderson Ferreira de Carvalho.

Novos investimentos

- Em agosto deste ano, o Grupo Boticário anunciou investimento total de R\$ 4,14 bilhões para ampliar a capacidade logística e industrial, com objetivo de se preparar para o futuro e garantir o seu crescimento contínuo e sustentável;

- Do total anunciado, R\$ 1,8 bilhão será investido na nova fábrica, em Pouso Alegre;

- Aproximadamente R\$

700 milhões serão investidos nas expansões logísticas até 2027;

- R\$ 840 milhões serão aplicados no incremento de capacidade produtiva e adequações industriais na unidade de São José dos Pinhais (PR);

- Na Bahia, o projeto contempla a ampliação em 50% da capacidade produtiva da fábrica, além da expansão logística.

Projetos e ações sociais

- Empreendedoras da Beleza: formação profissionalizante gratuita na área da beleza cujo objetivo é capacitar e gerar renda para mulheres em situação de vulnerabilidade social. Nos últimos dois anos, considerando Camaçari e São Gonçalo dos Campos, foram registradas mais de 1.900 oportunidades criadas e mais de 400 mulheres formadas nessa região, através do curso on-line.

- Beleza de Educar: uma frente de capacitação profissional em parceria com o Senai, voltada para as indústrias e centros de distri-

buição da empresa, que visa aproximar estudantes técnicos das operações do grupo, agindo no pilar de qualificação e potencial em empregabilidade, com a expansão de suas operações. Em 2023, foram 25 formados e 50 pessoas contratadas, por meio dessa parceria. Em 2024, as inscrições ainda estão em andamento.

- Festival Gente que Faz o Bem: ações voltadas para crianças da região da operação do grupo em Camaçari e São Gonçalo dos Campos. Nos últimos dois anos, cerca de mil crianças foram beneficiadas pelo programa.

- Maquie&Crie: promove ações de capacitação profissionalizante e fomento ao empreendedorismo com atividades que incluem capacitação on-line e presencial, *workshops*, oficinas e ações de revitalização em escolas ou ONGs das localidades atendidas. Considerando Camaçari e São Gonçalo dos Campos, em 2023 e 2024 (até outubro), foram mais de 300 inscrições nesse projeto.



Quem for ao carrossel ganhará miniaturas da marca

- Beleza de Viver: resgata a autoestima de pacientes e acompanhantes de tratamentos de saúde (foco em longa permanência) por meio da realização de curso de auto-maquagem. Com ações foca-

das em Salvador, entre 2023 e 2024, foram mais de 500 beneficiados pelo projeto. Um dos maiores grupos de beleza do mundo, o Grupo Boticário é uma empresa brasileira presente em mais de 40 países.

PROPOSTAS INOVADORAS

Tecnova 3 inicia seleção de projetos

Investimentos ultrapassam R\$ 36 milhões na busca de novas ideias nas mais diversas áreas da ciência e tecnologia

As inscrições para o edital Tecnova 3 abrem amanhã. A ideia é selecionar projetos inovadores. A iniciativa é uma parceria dos governos Federal e Estadual, que vão investir R\$ 16,7 milhões na Paraíba para apoiar ideias nas mais diversas áreas. Os recursos serão não reembolsáveis, ou seja, quem for aprovado não precisa devolver o dinheiro. O projeto será executado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq), com o apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities).

O Tecnova se destina a impulsionar iniciativas inovadoras em empresas de micro e pequeno porte no país. A soma do investimento que será feito na Paraíba, é composta por recursos oriundos do Tesouro do Estado da Paraíba, com cerca de R\$ 4,2 milhões, e do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT/Finep), em torno de R\$ 12,5 milhões.

No lançamento realizado em 27 de novembro último, no Garden Hotel, em Campina Grande, Claudio Furtado, secretário de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba anunciou novidades em relação às outras edições do Tecnova, como programas de aceleração e internacionalização para as empresas selecionadas. “As empresas selecionadas irão receber o suporte para internacionalização e aceleração. Serão períodos durante a execução em que a implementação das estratégias serão acompanhadas por especialistas através de assessorias, mentorias e capacitação”, explicou Claudio Furtado.

O processo de seleção das aceleradoras e agências de internacionalização para o fornecimento

de serviços para empresas beneficiárias do Programa Tecnova 3 ocorreu em 2023, por meio de edital executado pela Fapesq. As aceleradoras selecionadas foram: Avati Aceleradora; Ace Startups; Iebt Innovation; Inovnow Creative Tech; Neo Ventures; Onze 19; PaqIcPB; e Ventiur Aceleradora. A internacionalização será conduzida pelas agências de internacionalização Apex Brasil e Uglobally.

Por isso, a distribuição dos recursos do edital atual na Paraíba também prevê uma adequação: serão destinados R\$ 14,2 milhões para o desenvolvimento de Produtos/Processos Inovadores. Para a aceleração, serão R\$ 2,5 milhões, e para a Internacionalização, R\$ 912 mil.

O presidente da Fapesq, Rangel Júnior, ressalta que

essas instituições terão caráter instrutivo. “Elas estarão junto com o empreendedor no desenvolvimento do modelo de negócios, de produtos, o estabelecimento de parcerias, a organização das questões de ordem institucional, enfim, um conjunto de procedimentos que visam garantir o sucesso do empreendimento”.

Empresas na Paraíba

O secretário Claudio Furtado informou que até hoje o Governo da Paraíba já executou investimentos vultuosos em ações de fomento ao empreendedorismo inovador em subvenção econômica: “Se a gente totaliza as três edições do Tecnova, as duas do Centelhas, o Conectando Startup e outras ações, por exemplo, como o Ouse Criar, temos o resultado de quase

60 milhões em subvenção para melhoria da inovação tecnológica e do desenvolvimento de empresas inovadoras; e fazer com que cada vez mais nossas empresas estejam competitivas no mercado para que possam produzir bons produtos competitivos no Brasil e no mundo”, disse.

Nas edições anteriores do programa Tecnova, foram aplicados R\$ 16,7 milhões em 48 empresas contempladas.

Rangel Júnior conclui salientando: “Com este programa, o Governo do Estado e o Governo Federal impulsionam as iniciativas inovadoras no país para que o Brasil e, no caso a Paraíba, possa melhorar em todos os rankings e nos índices de inovação, que é uma questão fundamental para o desenvolvimento econômico hoje”.

Mais de R\$ 400 mil

Os projetos candidatos ao Tecnova 3 devem indicar a solicitação de recursos como subvenção econômica entre R\$ 424 mil e R\$ 624 mil. Esses valores vão incluir a aceleração. Claudio Furtado, secretário da Secities, esclareceu que, “quando a empresa fizer a sua submissão, já tem que colocar na própria submissão os valores percentuais para internacionalização e para a aceleração”. As ações deverão ser executadas em até dois anos.

De acordo com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, “a opção pela descentralização das operações do edital visa à formação de redes de agentes de fomento estaduais com a participação das Fundações de Amparo à Pesquisa [FAPs], fortalecendo assim todo o Sistema Nacional de Inovação e promovendo uma maior capilaridade da ação da Finep”.

Na estimativa feita por Rangel Júnior, presidente da Fapesq, deverão fazer parte desta edição entre 26 e 38 empresas; o número quantitativo é flexível: “O que definirá será o montante de recursos apresentados. O valor de cada projeto será de acordo com o foco do negócio. A recomendação é que as pessoas apresentem projetos que sejam bem elaborados, que tenham critério de fato, porque isso tudo é levado em conta na hora de uma seleção e da avaliação. Queremos que a maioria possa de fato ter êxito”.

O Tecnova 3 engloba as áreas de Tecnologias da Informação e Comunicação (IoT, Inteligência Artificial e Big Data); Saúde; Economia Criativa e Desenvolvimento Social; Energia Renovável;

Educação; e Biotecnologia.

Podem enviar propostas para o edital empresas sediadas na Paraíba com receita bruta de até R\$ 16 milhões no último exercício; com registro na Junta Comercial ou o Registro Civil das Pessoas Jurídicas (RCPJ) até a data de lançamento do edital. O objeto social da empresa deve ser compatível com o projeto proposto.

Simples podem participar, desde que atendam aos critérios específicos. Microempreendedores Individuais (MEI) e empresas sob controle estrangeiro não são elegíveis.

O edital estará disponível amanhã, no site fapesq.rpp.br. Mais informações podem ser solicitadas pelo e-mail programatecnova-3pb@fapesq.rpp.br.



Lançamento aconteceu em novembro último, no Garden Hotel, em Campina Grande, com a presença do secretário Claudio Furtado e vários convidados

Fotos: Mateus de Medeiros/Secities



Auditório do hotel ficou lotado durante a divulgação do Tecnova. A distribuição dos recursos do edital atual na Paraíba também prevê uma adequação: serão destinados R\$ 14,2 milhões para o desenvolvimento de Produtos/Processos Inovadores



Temos o resultado de quase 60 milhões em subvenção para melhoria da inovação tecnológica o desenvolvimento de empresas inovadoras

Claudio Furtado



IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS

Mudanças climáticas afetam pessoas, animais e plantas

Deslocamento forçado de populações e extinção de espécies da fauna e da flora são consequências do problema

Marcella Alencar
marcella.t.alencar@gmail.com

Comunidade é um termo que pode englobar diversos elementos. Significa tudo aquilo que é comum e compartilhado por um grupo, seja de espécies animais — inclusive humanas — ou até mesmo de plantas. Dona Luzia Bezerra, mais conhecida com dona Lita, agricultora natural de Serra Velha, em Itatuba, cresceu em uma comunidade e fez questão de ensinar às suas filhas que isso significa “compartilhar”. No entanto, durante muito tempo, ela fez parte de um grupo chamado de refugiados climáticos, ou seja, pessoas que sofrem migração forçada por conta das mudanças no clima.

A agricultora acredita ter sido prejudicada pelos problemas oriundos do desmatamento e da exploração da monocultura. “Eu fui vítima de uma agressão ambiental. Vi minha serra ser destruída. Os grandes fazendeiros foram deixando de dar terra e plantando capim para gado e, assim, o roçado foi ficando cada vez mais difícil. Acabei sendo forçada a me mudar para a cidade”, relata a paraibana.

O pesquisador e sociólogo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Roberto Miranda explicou que o chamado “êxodo climático” é resultado de alguns fatores, como o uso de combustíveis fósseis e desmatamento de grandes áreas para o cultivo agrícola. “A grande maioria dos migrantes climáticos se desloca regionalmente, indo para cidades que apresentam condições momentâneas ou definitivas de sobrevivência”.

Segundo o professor da UFCG, o debate sobre mudanças climáticas começou em 1972, com a realização da Conferência das Nações Unidas Sobre o Ambiente Humano na cidade de Estocolmo. “De lá para cá, mudou-se o nome para emergências climáticas, para reforçar a gravidade e profundidade da questão, e novas categorias surgiram, como os migrantes climáticos e refugiados climáticos”, explica.

Entre as consequências da emergência climática, não está apenas a migração forçada, mas também a redução de comunidades rurais formadas por agricultores familiares, o que pode, por exemplo, encarecer a cesta básica.

Vegetação

Comunidades vegetais também sofrem

com os impactos da emergência climática. Em Campina Grande, o professor Sérgio Lopes, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), é responsável pelo Laboratório de Ecologia Integrativa (Ecotropics), que reúne estudos sobre ecologia vegetal, etnobotânica e ecologia integrativa. Segundo ele, pesquisas desenvolvidas na instituição demonstram que existe uma mudança perceptível nas comunidades vegetais, principalmente com a intensificação do processo de desertificação e de mudanças climáticas.

De acordo com o pesquisador, a intervenção humana, a aridez da terra e a quantidade de chuva interagem com as espécies de plantas de uma região e intensificam o processo de desertificação. Isso se torna perceptível, por exemplo, com a homogeneização das comunidades. “Elas acabam sendo formadas por vários indivíduos da mesma espécie, o que não é bom. Excesso de plantas como algaroba e marmeleiro são exemplo disso. Significa que a gente está perdendo espécies ao longo do tempo, principalmente nas áreas de maior nível de aridez e de maior impacto antrópico [ou seja, de seres humanos]”.

Quando espécies vegetais são perdidas, há impactos diretos na fauna e na vegetação. O professor explica que existe uma matriz que compõe um lugar e, com a desertificação, perde-se uma composição ambiental rica de diferentes animais. Ainda segundo Sérgio, os animais também podem ser considerados refugiados climáticos. “Eles também estão sendo, a cada momento, forçados a se deslocar de seus lugares de origem e isso pode, de certa forma, desequilibrar toda a teia ecológica existente de forma natural, levando a diversas consequências em cascata”, constata.

Foto: Arquivo pessoal



Pesquisas comprovam impactos na flora

Desertificação atinge Sertão e Agreste da PB

A pesquisa de Stefany Martins de Souza, doutoranda em Ecologia e conservação na UEPB, analisa os impactos ambientais e socioeconômicos da desertificação e das mudanças climáticas sobre populações locais da Caatinga, bioma predominante no Semiárido brasileiro e que está presente em mais de 90% do território paraibano.

Ela vem observando essas mudanças na sua pesquisa, com o estudo do que se chama “diversidade escura”. Stefany explica que este conceito se relaciona com espécies que eram típicas de uma região e que, por alguma razão, foram sendo eliminadas. Na maioria das vezes, o sumiço está relacionado com os impactos causados pelos humanos.

“Basta observarmos as paisagens do bioma ou con-



Foto: Ortilio Antônio/Arquivo A União

Aumento da temperatura global causa escassez de água

versarmos com alguém mais velho que cresceu na Zona Rural. Eles relatam que muitas plantas e animais que existiam na época de sua juventude já não existem mais. Árvores típicas, como o Juazeiro, Umburana, Baraúna, as Barrigudas, hoje dificilmente são encontradas”, aponta a doutoranda. Alguns animais, segundo a pesquisadora, hoje “parecem lenda”, a exemplo da ararinha-azul, o veado-catingueiro, que já foram comuns na Caatinga paraibana.

As reverberações no meio ambiente são sentidas em nível local, com a diminuição da diversidade das comunidades, mas também são sentidas mundialmente, como explica o professor da UEPB Sérgio Lopes. “A gente tem uma previsão de aumento de temperatura de 1,1 °C. Isso pode trazer consequências desastrosas para a biodiversidade

que já foram comuns na Caatinga paraibana.

As reverberações no meio ambiente são sentidas em nível local, com a diminuição da diversidade das comunidades, mas também são sentidas mundialmente, como explica o professor da UEPB Sérgio Lopes. “A gente tem uma previsão de aumento de temperatura de 1,1 °C. Isso pode trazer consequências desastrosas para a biodiversidade

Saberes locais contribuem com a diversidade

Uma das formas de mitigar os efeitos das mudanças climáticas é prestar atenção nas comunidades locais, que entendem na prática como funciona o manejo da vegetação. Remanescentes quilombolas, comunidades indígenas e comunidades tradicionais são um exemplo de comunidades que possuem notório saber sobre a diversidade em que vivem. A agricultora de Itatuba, dona Lita, atualmente cultiva uma farmácia medicinal natural. Ela conta que foi auxiliada pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM) da Paraíba no processo de retomada de sua terra, além de outras associações que colaboram na manutenção agroecológica na região.

Segundo dona Lita, quando voltou às terras de Serra Velha, encontrou muito lixo, que ela foi recolhendo. “Eu vi minha serra devastada, saí



Foto: Arquivo pessoal

Dona Lita, agricultora

enchendo de árvores frutíferas e medicinais, como manihoba, leucena, gliricídia. Reconstruímos a cisterna para ter água”, conta. Hoje em dia, ela tem uma farmácia viva em seu terreno e ensina outras pessoas a como usar a medicina natural, além de ajudar a gerenciar o banco de sementes crioulas da região. Essas sementes são especiais, pois

são cultivadas por gerações e não são contaminadas por agrotóxicos.

Kamila Marques, bióloga, doutora em etnobiologia que também é pesquisadora pelo Ecotropics da UEPB, estuda o entrelace dos saberes locais para a proteção da biodiversidade. “É por essa razão que consideramos saberes locais importantes para a proteção da biodiversidade. Há diversos povos, inclusive os que vivem no Semiárido, que conhecem espécies vegetais de interesses até de indústrias farmacêuticas, por exemplo. Através do olhar aguçado dos saberes locais, é possível acessar representações/percepções que as pessoas têm sobre as mudanças climáticas”.

Como consequência disso, Kamila explica que é por meio desse saber tradicional que é possível pensar em estratégias de políticas públicas,

pois é com a intervenção que essas populações podem sofrer em um futuro próximo. “Sabemos que os dados do IPCC (Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas) têm demonstrado que as próximas décadas serão mais quentes e com menos chuvas na região semiárida do Brasil, e isso precisa ser mitigado”.

Ela acrescenta que estudos recentes têm projetado que a distribuição das espécies vegetais será impactada, modificando a riqueza e composição das espécies no espaço natural. “Nesse sentido, os saberes locais poderão reestruturar formas de lidar com tais mudanças, mas, certamente, sem a assistência governamental será uma tarefa difícil, tendo em vista que as mudanças climáticas estão chegando de maneira rápida”, complementa a pesquisadora.

Debates

Papel social na proteção do meio ambiente é tema de eventos no estado

Como fruto das preocupações que têm sido crescentes no estado, neste ano, foram realizados diversos debates sobre o problema das mudanças climáticas. Em João Pessoa, a Prefeitura Municipal realizou a 5ª Conferência Municipal de Meio Ambiente, na qual discutiu o tema “Emergência climá-

ca: o desafio da transformação ecológica”. Nesse evento, que contou com a presença da sociedade civil organizada, do setor privado e de representantes do Poder Público, foram discutidas ações possíveis para mitigar os problemas no meio ambiente.

Em Campina Grande, a Universidade Estadual da

Paraíba (UEPB) realizou o primeiro Simpósio de Ecologia, com o tema “Reflexões sobre o papel humano na conservação ecológica”.

A secretária de Estado do Meio Ambiente, Rafaela Camaraense, esteve presente para ouvir e compreender quais as melhores soluções para cada região. A secretá-

ria destacou os investimentos do Governo do Estado na transição energética. “Isso faz com que a Paraíba tenha um cenário favorável para que grandes empresas venham se instalar aqui. É tanto que hoje o estado é destaque, em nível nacional, com relação à questão de transição energética”.

GILMAR ARAÚJO

Resiliência pela inclusão no esporte da Paraíba

Coordenador do paradesporto no estado fala dos projetos e da inclusão social para formar campeões

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Gilmar Araújo é professor de Educação Física desde 2004. Coordenador de Paradesporto da Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer (Sejel) da Paraíba, ele trabalha com inclusão de pessoas com deficiência na prática desportiva desde sua formação. Hoje, está à frente das principais po-

líticas públicas do Estado que fomentam as modalidades paralímpicas. O professor conversou com o Jornal **A União** e falou sobre sua trajetória e sobre o trabalho realizado nos 20 anos de carreira. Além disso, contou sobre seus sonhos e motivações. O trabalho realizado no paradesporto já contribuiu para a participação de alguns paratletas em Jogos Paralímpicos.

A entrevista

■ *Como iniciou sua relação com o esporte? E quando ingressou no paradesporto?*

Minha relação com o esporte vem desde criança: fui atleta de divisões de base no futebol e também no futebol de salão. Além disso, também joguei futebol profissionalmente. Em 2004, eu me formei em Educação Física e fui desenvolvendo carreira na área. Em 2007, tive a oportunidade de trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de João Pessoa (Apae), uma instituição para pessoas com deficiência. Ali comecei a desenvolver uma jornada no paradesporto. Nessa época, iniciamos a prática de bocha paralímpica no estado, que não existia em nenhum estado do Nordeste. Nós fomos os pioneiros aqui na nossa região. A bocha hoje é um dos destaques do paradesporto local, com representação, inclusive, de uma atleta na última Paralimpíada, em Paris, Larissa Guerreira; ela ficou em sexto lugar. E, por fim, em 2011, fui convidado para entrar na Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer [Sejel], na coordenação do Paradesporto da Paraíba, onde desenvolvemos vários projetos desde então.

■ *Você foi um dos pioneiros do estado no desenvolvimento de jovens atletas paralímpicos. Quais foram as dificuldades encontradas no começo da sua jornada nesse ambiente?*

A minha maior dificuldade, que persiste até hoje, é a falta de conhecimento tanto da pessoa com deficiência como de profissionais da área. Na época, não havia muitas informações científicas a respeito de treinamento e da parte fisiológica do esporte para a pessoa com deficiência. Então a grande dificuldade foi essa falta de acesso à informação. Nós fomos muito mal preparados na faculdade. Ainda hoje temos dificuldades de encontrar disciplinas que falem de esportes paralímpicos. Foi preciso buscar conhecimento por fora; até em livros as informações eram escassas. Hoje em dia, a realidade é um pouco diferente: há bastante literatura, bastante conhecimento que a gente pode adquirir. E a outra dificuldade tem a ver com as pessoas com deficiência, que não acreditam nelas próprias. Às vezes ainda têm as famílias, as quais

também não acreditam nessas crianças e jovens, não creem que uma pessoa com deficiência possa ser um atleta, possa ser produtivo para a sociedade e possa desenvolver uma atividade benéfica para o seu desenvolvimento. O esporte é uma ferramenta muito poderosa de inclusão, e a gente usa ela com bastante propriedade. As pessoas que entram nesse processo conseguem deixar de ser aquela “coitadinha”, aquele deficiente que precisa de cuidado a todo instante. Para se ter noção, muitos dos paratletas do alto rendimento são responsáveis por sustentar suas famílias, são o orgulho de suas cidades e até do Brasil.

■ *Como é a relação com os pais dessas crianças e jovens com quem você lida no seu dia a dia? Muitos devem ter dificuldade para enxergar os filhos como pessoas independentes...*

A gente tem vários casos assim. Com as famílias que dão apoio a esses meninos e meninas, é possível ver esses atletas se desenvolvendo muito bem, buscando galgar postos interessantes. Mas, muitas vezes, a família é muito autoprotetora, quer deixar aquele garoto ou garota numa redoma. A gente tem uma dificuldade nisso. Tenho um caso bem específico, mas ele é muito comum, de uma atleta que foi para o Pan-Americano ano passado. É uma menina com paralisia cerebral, cadeirante, e o sonho dela é ser independente. Mas a mãe está passando por problemas porque pensou que iria cuidar daquela menina a vida toda. Agora, tem sido uma âncora para essa menina. Quando a menina começa a viajar para competições sozinha, a mãe fica com raiva, fez uma guerra dentro de casa. Ela tem dificuldade de ver sua filha independente, tendo suas próprias realizações. Então são casos bem específicos, mas que se reproduzem bastante em muitos momentos.

■ *Tem alguma história que você poderia contar, algo que marcou sua vida?*

Uma das histórias que sempre conto é de uma atleta que tinha 17 anos quando a conheci. Ela tem paralisia cerebral, não fala nem anda e se comunica apenas com gestos e uma tábua que ela vai dizendo as letras. E eu tinha aula com

o pai dela, um professor. Certo dia ele contou a história dela para a turma. No intervalo da aula, eu fui falar com ele, explicar sobre o projeto de bocha. Eu disse que a filha dele poderia participar. Essa menina, na época, estava passando por depressão, entrou na adolescência e via todas as coleguinhas namorando, saindo para a festa e ela não podia fazer nada disso. Quando ela conheceu a bocha paralímpica, viu uma coisa dentro da modalidade que mudou sua vida. Com o esporte, a menina saiu da depressão. Hoje ela já viajou por todo o Brasil. Desde 2007, Rute, que é o nome dela, é uma das minhas atletas que mais ganhou medalhas. Eu vi, nessa menina, uma transformação de vida completa.

■ *Em relação às modalidades, quais são aquelas que têm destaque e trazem mais conquistas para a Paraíba?*

Historicamente, as modalidades para cegos são nossa maior força. Hoje, a gente tem o futebol de 5, o *goalball* e o judô. Para se ter ideia, o técnico da Seleção Brasileira de *goalball* é paraibano, o técnico da Seleção de futebol de cegos também é paraibano, temos atletas medalhistas de ouro na última edição das Paralimpíadas. Então essas três modalidades, há décadas, são muito bem desenvolvidas por aqui. Outra modalidade que traz muita medalha para o Brasil, indiscutivelmente, é o atletismo. Nós temos Petrucio Ferreira, Joeferson Marinho e Cícero Nobre. A bocha paralímpica ocupa também um lugar especial; nas Paralimpíadas Escolares, nossa equipe ficou entre os três primeiros, contabilizando os 26 estados e o Distrito Federal; então é uma modalidade também bastante forte.

■ *Como é feita a transição da criança que inicia no esporte por questão de saúde para competições de alto rendimento?*

É como no esporte convencional, não há diferença. Segue o mesmo processo. Se a criança tiver aptidão e bom desempenho, ela começa a ser conduzida ao alto rendimento. Alguns vão estar no esporte, como foi falado, por questões de saúde e pela vivência social. Outros já vão estar no esporte buscando um alto rendimento, uns a nível regional, outros a nível nacional e in-

ternacional. Tudo vai depender muito do desempenho de cada um e daquilo que eles querem também. Não é fácil, é uma peneira muito grande. Como todo esporte, só chega ao topo o superrassumo. Tentamos conduzir esse processo da melhor forma; muitos passam por lá, passam alguns anos e depois saem, cansam. A vida de atleta, não importa se é com deficiência ou sem deficiência, é uma vida sofrida, é uma vida de dedicação e muita renúncia.

■ *Poderia falar um pouco da importância dos Jogos Paraescolares e como eles ajudam, por exemplo, a encontrar um garoto ou garota no interior do estado?*

É preciso contextualizar. Em 2011, para se ter ideia, a gente era praticamente dependente das instituições que trabalham com pessoas com deficiência. Contávamos com ajuda da Apae, da Funad e do Instituto dos Cegos; todos os paratletas que estavam nos Jogos Escolares vinham dessas instituições, não das escolas. Hoje em dia, essas instituições têm um percentual menor de atletas. Fizemos um trabalho para que, hoje, a maioria das crianças com deficiência venham das escolas. Com o trabalho de inclusão que já tem sido feito há décadas, essas crianças estão sendo inseridas nas escolas comuns. Então os professores de Educação Física passaram a colocar as crianças com deficiência dentro dos Jogos Escolares. E, assim, a gente consegue ter paratletas do estado inteiro nessa competição. Na última edição, apenas uma das 14 regionais de ensino da Paraíba não teve inscrição de atletas com deficiência.

■ *Qual a importância de políticas, como o Bolsa Esporte, para o fomento do paradesporto local?*

Fomento é uma das obrigações da Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer. Diante disso, temos um foco maior no esporte escolar. O objetivo é introduzir as crianças e adolescentes no esporte para que depois andem com suas próprias pernas. Em relação aos meios de fomento, que são políticas como o Bolsa Esporte, caso acabe, a gente praticamente acaba com o esporte do Brasil. Quase todo dinheiro que movimenta o esporte vai para o futebol. As migalhas vão para os outros esportes. Logo, se você tira o fomento público, praticamente o esporte no Brasil acaba.

Foto: Leonardo Ariel

Gilmar Araújo diz que o esporte é uma ferramenta muito poderosa de inclusão e que usa com muita propriedade

BIA SOUZA

Indicada ao prêmio de melhor judoca

Medalha de ouro, em Paris, a brasileira concorre à premiação mundial com mais seis campeãs olímpicas

Agência Estado

Campeã olímpica e medalhista de bronze por equipes nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, Beatriz Souza foi indicada ao prêmio de melhor judoca do ano no Judô Awards, principal premiação mundial da modalidade promovida pela Federação Internacional de Judô (IJF).

Ela é a única brasileira presente na lista. Também vão concorrer ao troféu mais seis campeãs olímpicas de Paris: Natsumi Tsunoda, do Japão; Diyora Keldiyorova, do Uzbequistão; Christa Deguchi, do Canadá; Andreja Leski, da Eslovênia; Barbara Matic, da Croácia; e Alice Bellandi, da Itália.

Ao indicar a brasileira, a IJF destacou que “a medalha de ouro de Beatriz Souza em Paris destacou sua técnica poderosa e resiliência, fazendo dela uma das mais formidáveis estrelas do judô, uma campeã do povo em seu país natal, o Brasil”.

A votação é aberta ao público e já está disponível na plataforma da IJF. Os votos serão computados até 10 de janeiro e os vencedores serão anunciados no dia 2 de fevereiro, durante o Grand Slam de Paris, evento que abre o calendário de 2025.

Após um ano onde brilhou nos tatames, Bia também foi eleita melhor judoca do ano no Prêmio Brasil Olímpico e indicada a Atleta Mulher do Ano na principal premiação do esporte olímpico brasileiro.

Além do ouro e do bronze olímpicos em sua primeira participação nos Jogos, Bia ainda ficou com o lugar mais alto do pódio no Grand Prix da Áustria e no Campeonato Pan-Americano, no Rio. Por conta do seu desempenho, ela fechou a temporada 2024 como número 2 do *ranking* mundial entre as pesos-pesados.



Foto: Alexandre Loureiro/COB

Beatriz Souza vibra depois de vencer, na final, a israelense Raz Hershko e conquistar a medalha de ouro na categoria +78 kg nos Jogos de Paris

AÇÕES ESPORTIVAS

COB tem orçamento de R\$ 594 milhões para temporada 2025

Agência Estado

A Assembleia Geral do Comitê Olímpico do Brasil (COB) aprovou, por unanimidade, o orçamento de R\$ 594 milhões para o exercício de 2025. Impulsionado por recordes de arrecadação decorrentes da Lei das Loterias e do número de patrocinadores do ciclo olímpico de Paris 2024, o COB destinará R\$ 482 milhões exclusivamente para atividades fim, como são chamadas as ações esportivas, sendo R\$ 265 milhões diretamente repassados às confederações: o maior valor da história.

Do investimento direto nas confederações, os R\$ 265 milhões que serão distribuídos selam um crescimento de 240% desde 2017, no início da gestão do presidente Paulo Wanderley.

Vale ressaltar ainda que o COB também executa diretamente projetos que beneficiam ações esportivas

de atletas e confederações. No próximo ano, esse montante ultrapassará os R\$ 63 milhões.

“As políticas de austeridade, assim como ações estratégicas em áreas como Comunicação e *Marketing*, geraram aumento significativo das receitas e,

consequentemente, dos investimentos que faremos diretamente nas ações esportivas”, disse Paulo Wanderley.

Além de um aumento absoluto de R\$ 23 milhões no orçamento geral, para 2025 o planejamento financeiro também pre-

vê um aumento percentual nos recursos destinados à atividade fim, que saem de 85% para 87%.

Vale destacar um aumento relevante também em projetos voltados para o desenvolvimento esportivo, que crescerão 21% no primeiro ano do ciclo olímpico

Los Angeles 2028. “O COB está sempre buscando otimizar processos para que os recursos cheguem aos principais atores do movimento olímpico, que são os atletas”, disse a diretora administrativo-financeira do COB, Isabele Duran.

Antes de chegar à as-

sembleia, o orçamento foi aprovado pelos conselhos Diretor e de Administração do COB, sendo posteriormente homologado pelo Conselho Fiscal. A assembleia da última terça-feira (10) contou com a presença da atual diretoria do COB, do presidente eleito para o exercício 2025–2028, Marco Antonio La Porta, e da vice Yane Marques, de 33 representantes das Confederações Brasileiras Olímpicas e de 15 membros da Comissão de Atletas do COB.

Além do orçamento, a assembleia aprovou o Planejamento Estratégico do COB para o ciclo 2025–2028. Esse orçamento deverá ser referendado na primeira assembleia da nova gestão, em abril. Ainda foi aprovada uma atualização estatutária para que o Conselho Nacional de Dança Desportiva seja reenquadrado como entidade reconhecida, uma vez que o *breaking* deixou o programa olímpico após Paris 2024.



Foto: Gabriel Baroni/COB

Dirigentes do Comitê Olímpico Brasileiro e presidentes de Confederações na reunião que definiu o orçamaneto para 2025

CONFRONTOS

Botafogo-PB fez 49 partidas em 2024

Números mostram as participações no Campeonato Paraibano, na Copa do Nordeste e no Brasileiro Série C

Danrley Pascoal
danrley.p.c@gmail.com

O Botafogo-PB foi o clube paraibano com o maior número de jogos realizados em 2024. Ao todo, o Belo fez 49 partidas oficiais, sendo 23 vitórias, 18 empates e oito derrotas, com 64 gols marcados e 41 sofridos. Os confrontos foram válidos por Copa do Nordeste, Campeonato Paraibano e Série C do Campeonato Brasileiro. O Treze vem logo atrás nessa lista, com 40 jogos (19 vitórias, 11 empates, 10 derrotas, 60 gols marcados e 35 sofridos), tendo disputando, além do Estadual e Nordestão, Copa do Brasil e Série D. O Sousa fecha esse pôdio, com 32 jogos (12 vitórias, nove empates e 11 derrotas, 30 gols marcados e 27 sofridos), disputando as mesmas competições que o Galo.

Como comparativo, em 2023, o Botafogo-PB realizou 39 partidas. Na ocasião, o time foi eliminado na Pré-Copa do Nordeste e não chegou à final do Paraibano. Sem torneios nacionais para disputar, o Treze realizou apenas 13 jogos. O Sousa fez, no ano passado, 34 partidas.

Próxima temporada

Em 2025, o Botafogo-PB disputará Pré-Copa do Nordeste e Copa do Brasil e fará a sua 12ª participação seguida na Série C do Campeonato Brasileiro. O Sousa jogará a fase de grupos do Nordestão, a Copa do Brasil e a Série D do Campeonato Brasileiro. O Treze está confirmado na Pré-Copa do Nordeste e na Quarta Divisão nacional. Estar nesses torneios garante calendário e um alto valor em dinheiro.

Dessas três equipes, o Galo é quem pode atuar em menos partidas: 24 no total. O time de Campina Grande vai disputar os nove jogos da primeira fase do Campeonato Paraibano, um jogo da fase preliminar da Copa do Nordeste e os 14 da Série D.

O Belo tem a expectativa de atuar em ao menos 30 partidas na próxima temporada. A equipe pessoense terá os 19 duelos da fase classificatória da Série C, os nove do certame local, uma partida da Copa do

Brasil e um confronto da Pré-Copa do Nordeste, que acontece no dia 4 ou 5 de janeiro.

Levando em conta o quantitativo mínimo, o Dino tem a projeção de fazer pelo menos um jogo a mais que o Botafogo-PB, isso porque o clube entra na fase grupos da Copa do Nordeste, tendo sete partidas por fazer no torneio regional. Além disso, terá os nove do Campeonato Paraibano, os 14 da Quarta Divisão e um duelo da Copa do Brasil, totalizando 31 partidas.

Onde podem chegar

Em 2024, atuando pela Copa do Nordeste, o Dino parou na fase preliminar 1, sendo derrotado por 1 a 0 pelo ABC. O Galo jogou a fase de grupos. O Belo iniciou na fase preliminar e foi até as quartas de final. Diante do cenário da temporada que se encerra, a expectativa é que o desempenho se repita e pelo menos mais uma equipe avance para a fase principal do Nordestão (Botafogo-PB ou Treze), juntando-se ao Sousa.

Na Copa do Brasil, o sorteio definirá os caminhos dos representantes da Paraíba. No entanto, com a histórica campanha do Sousa, que eliminou o hexacampeão Cruzeiro neste ano, a perspectiva é de que, num torneio mata-mata, tudo é possível.

No Campeonato Brasileiro, o desejo do torcedor é que os clubes paraibanos tenham mais sorte. Botafogo-PB e Treze por pouco não alcançaram o acesso em 2024. O primeiro fez uma campanha histórica na fase classificatória da Série C, mas pecou no quadrangular. Enquanto o segundo foi eliminado no confronto do acesso.

Cenário nacional

O Botafogo é o clube brasileiro com mais partidas realizadas em 2024: ao todo a equipe carioca fez 75 partidas, tendo sido campeão do Brasileiro e da Libertadores. Na sequência, aparecem Flamengo, Atlético-MG e Fortaleza, com 73 partidas cada um. O Corinthians fecha o grupo de times que atuaram mais de 70 partidas: o Timão fez 72 jogos.



Jogadores do Botafogo-PB seguem trabalhando na Maravilha do Contorno, visando as disputas da próxima temporada

Foto: Cristiano Santos/Botafogo-PB

DIOGO BARBOSA

Atleta projeta correr maratona em todos os estados do Brasil



Foto: Arquivo pessoal

Diogo Barbosa vai correr uma maratona em João Pessoa no dia 20 de abril de 2025

O projeto do profissional de Educação Física, o pernambucano Diogo Barbosa, visa alcançar uma prova de maratona (42,195 km) completa nas 27 unidade federativas do Brasil em, no máximo, 10 anos, e a capital paraibana está inserida no contexto. A paixão do atleta pelo esporte se une a um desafio inédito: correr uma maratona completa em todos os estados do Brasil. O maratonista recifense lançou o projeto audacioso de correr uma maratona em cada estado brasileiro em, no máximo, 10 anos. O desafio, que promete inspirar e incentivar o esporte por todo o país, tem como objetivo promover a saúde e a atividade física, além de ex-

plorar as riquezas culturais e naturais de cada região. Segundo Barbosa, correr em cada estado é mais do que um desafio físico. “Considero uma oportunidade de conexão entre o esporte, as pessoas, a cultura de cada região e, principalmente, a paixão pela corrida. A prova de maratona é clássica no universo da corrida de rua, o ápice para o corredor. Poder viajar o Brasil correndo maratonas será uma experiência marcante e única em minha vida”, comemora. E o primeiro desafio já ocorreu: a Maratona Monumental de Brasília, no dia 24 de novembro. “A expectativa está alta, mas estou tranquilo e lidando bem com a ansiedade.

Tenho me preparado com muita disciplina para essas provas; foram 12 semanas de dedicação e abdições para a prova. É importante sempre entregar uma boa corrida, isso vai me dando confiança para as próximas que estão por vir”, detalha o maratonista. Seguindo o cronograma, para o primeiro semestre de 2025, estão confirmadas as cidades de João Pessoa (20/4) e Rio de Janeiro (22/6). Já para o segundo semestre, Salvador e Aracaju. Quem quiser acompanhar mais detalhes sobre a preparação e curiosidades do projeto pode seguir Diogo Barbosa nas redes sociais: Instagram (@oprofcorre) e YouTube (@maratonaspelebrasil).

CANAL 100

Célebre jornal está sendo restaurado

Cinemateca Brasileira vem recuperando imagens da época de ouro do futebol sempre mostradas antes de um filme

Agência Estado

A transmissão de jogos de futebol hoje, com câmeras espalhadas pelo estádio, não chega a ser tão emocionante para quem frequentou o cinema entre 1959 e 1986, época em que a exibição do cinejornal Canal 100 era tão (ou mais) aguardado que o filme que viria a seguir.

Com imagens espetaculares, o Canal 100 mostrou a construção de uma nova estética no modo de filmar o futebol, aproximando-a da verdadeira arte. São os originais desse valioso material que a Cinemateca Brasileira vem recuperando desde 2011, em um projeto orçado em R\$ 22 milhões para recuperar, catalogar e digitalizar o acervo que contém mais de 20 mil noticiários distribuídos em 8.044 latas de filme em 35 mm.

“Captamos 40% desse total, mas estamos negociando com outras empresas para concluir o trabalho em 2026”, comenta Maria Dora Mourão, diretora-geral da Cinemateca, que já conta com o patrocínio do Instituto Cultural Vale, da Shell e do Itaú, por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

“Inicialmente, planejavamos terminar o trabalho em 2014, para a Copa do Mundo no Brasil. Agora, pensamos em daqui a dois anos para aproveitar o Mundial que será realizado nos Estados Unidos,

Canadá e no México”, afirma Gabriela Queiroz, diretora técnica da entidade.

Até o momento, apenas uma pequena amostra dessa coleção foi digitalizada, mas o objetivo é a preservação integral de um conteúdo que contém cenas históricas, como o Fla-Flu de dezembro 1963, que decidiu o Campeonato Carioca (o empate sem gols deu o título ao Flamengo): foi o jogo de maior público entre clubes na história do futebol, com 194.603 torcedores no Maracanã (177.020 pagantes).

Criado em 1959 por um flamenguista doente, Carlos Niemeyer (1920-1999), o Canal 100 adotou um formato de cinejornal que já era utilizado por americanos e europeus, mas tornou-se essencialmente brasileiro ao eleger o futebol como seu carro-chefe. Assim, ainda que retratasse momentos decisivos da história contemporânea brasileira (desde a inauguração de Brasília até os comícios pelas Diretas, passando por shows de Elis Regina e de tropicalistas e bossa-novistas e ainda as modificações arquitetônicas do Rio), o que tornava o Canal 100 um produto único era a forma como exibia uma partida de futebol.

“O Canal 100 utilizava um tipo de lente que, apesar de pesadíssima e de ser carregada nos ombros, era capaz de mostrar algo que ninguém que es-

teve naquele estádio tinha observado”, comenta o cineasta Ugo Giorgetti, diretor dos filmes “Boleiros — Era uma Vez o Futebol”... e “Boleiros 2 — Vencedores e Vencidos”. “Um lance que não parecia empolgante era trabalhado com uma bem-sucedida montagem e sonoplastia, tornando as tomadas muito mais interessantes”.

“Era essa a intenção de Niemeyer, que não queria aborrecer o espectador do cine-

ma, especialmente aquele que havia assistido à partida no estádio”. Assim, inovou ao filmar os lances em câmera lenta, o que permitia observar detalhes inacessíveis mesmo para quem tinha visto a reprise do jogo na televisão. Para isso, ele adquiriu câmeras teleobjetivas de 400 mm a 600 mm, aparelhagem que nenhuma TV de então dispunha. Niemeyer (que era primo do famoso arquiteto) contou ainda com uma ta-

lenta equipe de cinegrafistas, formada por Francisco Tortura, Liercy de Oliveira e João G. Rocha. A princípio, o grupo filmava os principais jogos do campeonato carioca, no início dos anos 1960. Em pouco tempo, já acompanhava também a Seleção Brasileira.

Foi o que aconteceu na Copa da Inglaterra, em 1966. E, diante da atuação pífia do Brasil contra Portugal, cuja derrota por 3 a 1 desclassificou a equipe comandada por Vicente Feola ainda na fase classificatória, as imagens do Canal 100 traduziam a ira do torcedor nacional, com a seguinte narração de Cid Moreira, locutor oficial do cinejornal: “A Seleção estava tonta, a defesa, em pânico, e o ataque, inoperante”.

Mesmo assim, Niemeyer confiou na Seleção que disputaria a Copa de 1970 e, endividado, rumou com sua equipe para o México. A sensacional conquista do tricampeonato permitiu que ele saldasse as contas e já apostasse em imagens coloridas.

Ainda que acompanhasse ídolos do esporte, como o piloto Emerson Fittipaldi e a tenista Maria Esther Bueno, o futebol interessava mais a Niemeyer, cujo templo sagrado era o Maracanã, onde distribuía sua equipe em pontos estratégicos. O objetivo era filmar de ângulos novos para transmitir a emoção das partidas. Posicio-

nava duas câmeras no fosso do estádio, atrás dos gols, e outras nas cadeiras especiais. O técnico de som ficava na arquibancada. Os cinegrafistas caprichavam no *close* dos jogadores e em suas pernas, pois Niemeyer sabia que o futebol é um drama disfarçado de esporte e as expressões faciais dos atletas tinham tanta importância quanto seus dribles.

“A grande intuição de Niemeyer foi entender que o drama da partida não estava só no campo, mas também no espectador”, observa o cineasta João Moreira Salles, em depoimento publicado no livro “Canal 100 — Uma Câmera Lúdica, Explorativa e Dramática”, com textos e organização de Claudia Pinheiro e Carla Niemeyer, lançado em 2014. “Ele foi o primeiro a desviar a câmera para o público. Para o torcedor com o radinho colado no ouvido enquanto via o jogo do Flamengo, na Geral. Ali, ele construía uma pequena narrativa, uma pequena história de alguns minutos”.

Logo, o Canal 100 tornou-se um programa obrigatório para fãs. Bastava a tela do cinema se encher de bolinhas coloridas e surgirem os acordes da música “Na Cadência do Samba”, de Luiz Bandeira, para qualquer sala escura se transformar em arquibancada. As imagens empolgavam também torcedores ilustres, como o tricolor Nelson Rodrigues.



Foto: João Pedrosa

Dora Mourão projeta a conclusão das recuperações para 2026

Ministério da Cultura apresenta



CINEPROSA

MOSTRA DE CINEMA E LITERATURA

16 a 20 de dezembro de 2024
Cine Aruanda UFPB
ACOMPANHE NAS REDES: @mostracineprosa

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

SEGUNDA-FEIRA 16/12	QUINTA-FEIRA 19/12
15h Conferência de abertura: A literatura no cinema. João Batista de Brito (escritor e crítico de cinema) 16h30 Encontro com a crítica: Da imagem à palavra. Ângela Pryston (professora e pesquisadora), Érico Andrade (professor e escritor)	17h MESA 3 Cinema e romance: a roteirização de “Rita no pomar”, de Rinaldo Fernandes Marcus Vilar (cineasta), Vinicius Rodrigues (educador e roteirista), Mediação: Allyne de Oliveira Andrade (pesquisadora). 19h PROGRAMA 3 Redemunho (2016, fic., dir.: Marcélia Cartaxo) Adão, Eva e o fruto proibido (2021, 20 min, dir.: R. B. Lima) A hora da estrela (1985, fic., 96 min, dir.: Suzana Amaral) <i>Restaurado em 4k</i>
TERÇA-FEIRA 16/12	SEXTA-FEIRA 20/12
17h MESA 1 Cinema imersivo e interativo: adaptação de “A Escrita do Deus”, de Jorge Luis Borges. Carlos Dowling (professor e cineasta), Makarios Maia (professor e ator), Mediação: Aurora Caballero (artista visual e diretora de arte). 19h PROGRAMA 1 Transmutação (2013, doc., 13 min, dir.: Torquato Joel) Pulmão de pedra (2023, doc., 14 min, dir.: Torquato Joel) Garoto (2015, fic., 76 min, dir.: Júlio Bressane)	17h MESA 4 Cinema e quadrinhos: o processo criativo de adaptação de “Carniça”, de Shiko, para cinema Renata Pinheiro (cineasta), Shiko (artista visual), Mediação: André Dib (jornalista e crítico de cinema). 19h PROGRAMA 4 Lavagem (2011, fic., 20 min, dir.: Shiko) O azul indiferente do céu (Work in progress, fic., dir.: Carlos Dowling) Onde Borges tudo vê (2012, fic., 77 min, dir.: Taciano Valério)
QUARTA-FEIRA 18/12	
17h MESA 2 Cinema e dramaturgia a partir da obra de Sarah Kane Arthur Lins (professor e cineasta), Débora Gil (escritora e psicanalista), Mediação: Luiz Mousinho (professor e pesquisador) 19h PROGRAMA 2 Recife de dentro pra fora (1997, doc., 16 min, dir.: Katia Mesal) <i>Restaurado em 4k</i> O Rio, um itinerário poético (2021, doc., 10 min, dir.: Adeline Pontual) Pele fina (2022, fic., 60 min, dir.: Arthur Lins).	



apoio:

patrocínio:

realização:



Perda da memória coletiva do Brasil

Inventores como Alberto Santos Dumont, o “pai da aviação”, estão sofrendo um apagamento gradativo na história

Marcene Simões
Especial para A União

Não adianta termos uma lista de heróis estampando as páginas da história do Brasil, se os faróis que eles acenderam não estiverem sendo utilizados para iluminar os destinos do país. Uma nação que não se inspira no legado de seus grandes homens e mulheres está fadada a perder sua identidade. Um povo que não se alicerçar na própria história, nas suas tradições e nos seus notáveis filhos, mais cedo ou mais tarde, se apoiará na memória importada de outros povos e de outras culturas.

Essa suposta situação nos faz lembrar as enfermidades que provocam a perda de memória nos seres humanos. Sabemos que a perda de memória, via de regra, torna a pessoa dependente da ajuda alheia, para assegurar sua sobrevivência. Essa ajuda poderá ocorrer por motivações afetivas, sociais, humanitárias ou mesmo contratuais. Seguindo essa linha de pensamento, podemos perguntar-nos o que poderia ocorrer com uma comunidade que perdesse sua memória coletiva. As respostas especulativas são múltiplas, mas a primeira palavra que me vem à memória é “vulnerabilidade”.

A solidariedade entre as nações não pode ser confundida com a solidariedade entre as pessoas, vez que os Estados nacionais têm seus próprios interesses nos campos político, social, cultural e econômico. Além disso, sabemos que alguns países priorizam seus interesses internos visando a uma hegemonia no cenário internacional.

Dito isso, rememorei um fato ocorrido recentemente: a empresa O Sebo Cultural detém um estoque de aproximadamente meio milhão de livros e destaca-se como uma das maiores plataformas digitais de venda de livros usados no país. Fui à loja física que fica no Centro de João Pessoa e pedi ao atendente para ver tudo que havia, no estoque, sobre Alberto Santos Dumont (1873–1932). O funcionário consultou o arquivo digital e me mostrou a lista de títulos disponíveis, pelo monitor de vídeo. Constatei que já possuía todos aqueles livros, mas resolvi comprar três deles para oferecer de presente.

O jovem atendente se retirou e, instantes depois, voltou com os livros que pedi. Enquanto folheava um dos exemplares, fiz uma pergunta despreocupada: se já havia lido alguma biografia de Santos Dumont. Ele me respondeu que essa fora a primeira vez que ouvira esse nome. Franzi a testa e perguntei se estava brincando. O atendente respondeu balançando a cabeça negativamente. Eu sorri e disse que todo brasileiro deveria conhecer a saga do nosso maior inventor. Disse que o avião revolucionou a vida na face da Terra. Empolgado, completei dizendo que Dumont quebrou as correntes que prendiam o homem ao solo e seu invento abriu as portas da Era Espacial para a humanidade!

Deixei a loja e saí caminhando com um pesado pacote de livros que incluía vários gêneros literários. Não senti nenhum incômodo em transportar tal carga até o veículo que estava estacionado a uma certa distância, mas sentia-me extremamente incomodado com a perda da memória de Santos Dumont e de tantos vultos nacionais que dão seus nomes a ruas, a parques, a cidades e a instituições; porém, infelizmente, grande parte da população não sabe quem foram eles ou tem apenas uma vaga lembrança.

No Brasil, a situação da perda de memória nacional é preocupante. Podemos perceber o tamanho do problema fazendo uma simples pergunta: quem foi essa pessoa que dá nome à rua onde você reside? É ínfimo o número de pessoas que saberiam dar a resposta correta. Até mesmo quando se trata dos grandes vultos nacionais, nem sempre as respostas são dadas corretamente.



Em 1906, na França, o biplano 14-bis foi o primeiro aparelho de voar “mais pesado que o ar”

No primeiro parágrafo deste texto, mencionei a perda de memória individual e coletiva como fatores que nos fragilizam, como indivíduos, e nos degradam como membros de uma coletividade. Uma vez que a nossa memória se confunde com a nossa identidade, tanto no singular como no plural, percebemos que o esfacelamento da memória compromete, de forma inexorável, nossa capacidade de governar o próprio destino. Ademais, em um mundo politicamente complexo e predominantemente controlado pelo poder financeiro, a autopreservação cultural assume uma importância fundamental, pois é por meio dela que nos fortalecemos e nos protegemos contra o rolo compressor que trabalha ininterruptamente para o mercado de capitais sob o lema “salve-se quem puder”.

Vamos recordar um fato ou revelar essa façanha para aqueles que ainda desconhecem a contribuição de Santos Dumont para o progresso da humanidade. No dia 23 de outubro de 1906, milhares de pessoas se reuniram no Campo de Bagatelle, em Paris, para testemunhar a realização do sonho milenar do ser humano, que, desde sempre, desejava voar como os pássaros. Ali, com a ajuda de seu mecânico, um jovem brasileiro, sob o controle da Comissão Científica do Aeroclube da França, montou no seu aparelho de voar: o 14-bis. Era um biplano com estrutura feita de bambu e entelagem de seda japonesa.

No meio de uma grande algazarra, o piloto apontou o pescoço da estranha aeronave para o centro do gramado, acionou o motor e moveu a alavanca de conexão com

o eixo da hélice. O conjunto deslocou-se pelo campo gramado ganhando cada vez mais velocidade; alguns segundos depois, deixou o solo, atingiu a altura de aproximadamente 2 m e, de forma inusitada, deslocou-se no ar. A multidão ficou muda de espanto. Por alguns instantes, ouviu-se apenas o rugido do motor. O piloto fez uma leve curva, para se desviar de alguns populares que corriam, perigosamente, quase embaixo da aeronave.

Santos Dumont acionou o manche do profundor e pousou suavemente, 60 m depois do ponto de decolagem. Os registros deixam claro que todos os presentes foram tomados por uma imensa euforia. O público, em êxtase, aplaudia, sorria, gritava, e alguns tinham o rosto molhado pelas lágrimas. Todos tinham consciência de haver testemunhado um feito histórico. Sem a menor chance de dúvidas, aquele foi o momento primordial da história da aeronáutica mundial.

Até aquele dia, nenhum livro, jornal ou revista, do mundo inteiro, havia informado ou dado conhecimento de feito semelhante sobre a face da Terra. Coube ao nosso patricio a conquista desse feito, e cabe a nós, brasileiros, preservar e fazer valer essa glória nacional, que há muito tempo tem sido enevoadada, internacionalmente, com imposição de presumidos pioneiros que não realizaram provas públicas nem deram conhecimento a nenhum

organismo de seus supostos inventos, que, segundo eles mesmos, realizavam em segredo.

Quando Santos Dumont foi perguntado sobre a suposta invenção do avião pelos irmãos norte-americanos, ele disse apenas: “O que diria Edson se, alguns anos após ele ter inventado a lâmpada

elétrica, aparecesse um inventor dizendo que criara a mesma lâmpada, antes dele, sem apresentar nenhuma prova?

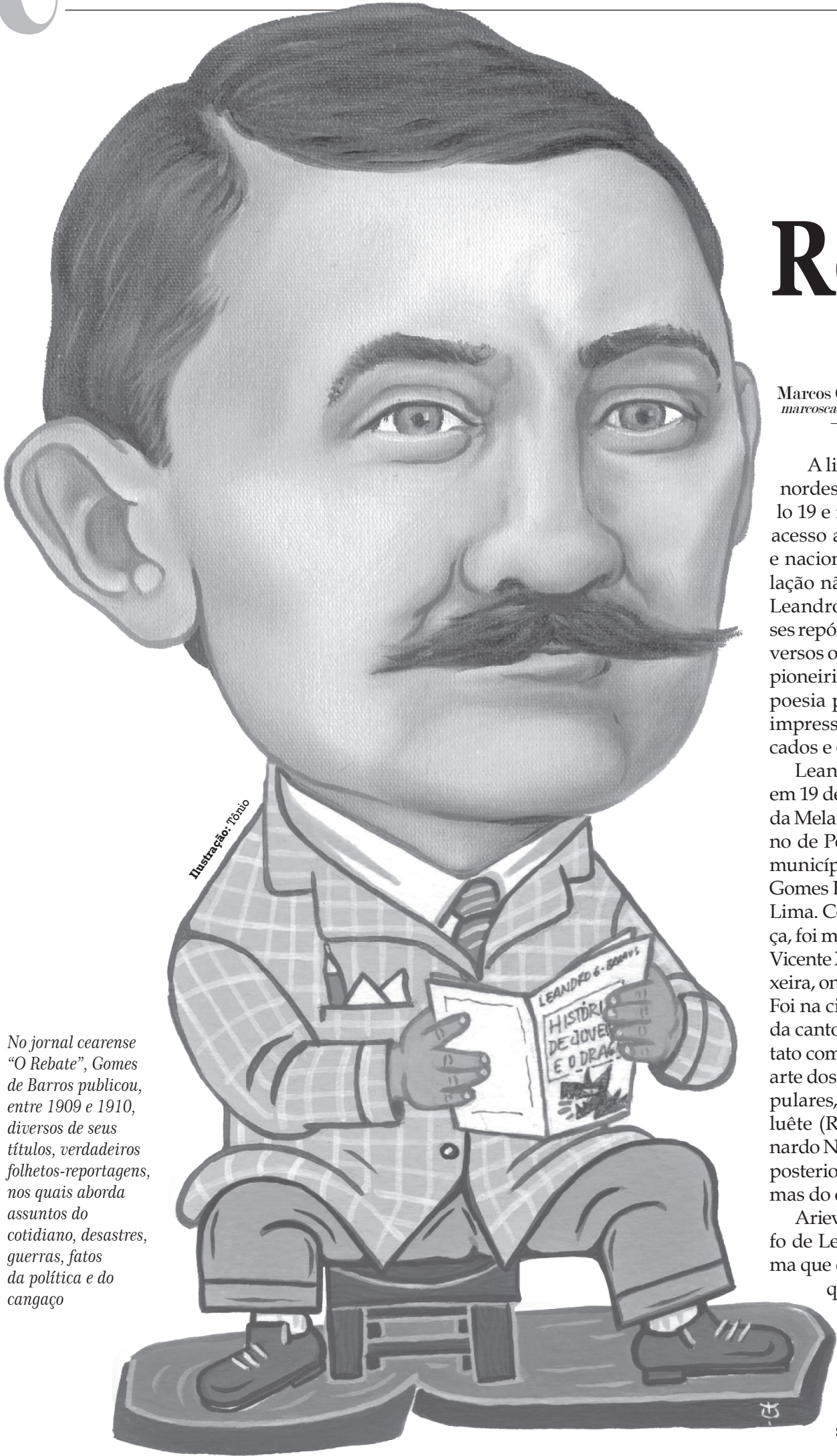
O salto tecnológico realizado por Santos Dumont é raríssimo, senão o único na história das invenções, pois, em apenas 10 anos, ele resolveu o problema da dirigibilidade dos aerostatos e do voo de um aparelho mais pesado que o ar. Dumont foi membro-fundador do primeiro aeroclube do mundo, o Aéro-Club de France, e um dos cinco primeiros pilotos habilitados naquela entidade, sendo o único a possuir brevê de piloto de balão livre, de aerostatos dirigíveis, de biplano e de monoplano.

Resumindo a saga do inventor, listamos suas principais aeronaves: o balão livre denominado Brasil, até hoje o menor balão já pilotado; o Dirigível Número 1, que realizou, com êxito, o primeiro voo com direção e propulsão de que se tem notícia; o Dirigível Número 6, que conquistou o milionário Prêmio Deutsch de La Meurth, em Paris, provando, de forma definitiva, o êxito da navegação dos aerostatos; o Dirigível Número 9, que demonstrou, de forma prática, os benefícios do uso da aeronáutica; o biplano 14-bis, primeiro aparelho de voar “mais pesado que o ar” que realizou um voo completo, por seus próprios meios (decolando, deslocando-se no ar e pousando), sob rigoroso controle da Comissão Científica do Aeroclube da França; e, finalmente, o monoplano Demoiselle, um pequeno ultraleve, com que o piloto realizou breves viagens nas cercanias de Paris.

Santos Dumont construiu outras aeronaves, inclusive o Dirigível Número 10, apelidado de ônibus aéreo, porque se destinava ao transporte de passageiros, porém essa aeronave nunca foi utilizada para tal finalidade. Vale aqui ressaltar que essa ideia foi usada pelo Conde Ferdinand von Zeppelin, que, em 1908, ganhou fama com o LZ-4, sua primeira aeronave de estrutura rígida a realizar uma viagem completa com êxito.

Leandro Gomes de Barros

Repórter-poeta que traduziu em versos o cotidiano



No jornal cearense “O Rebate”, Gomes de Barros publicou, entre 1909 e 1910, diversos de seus títulos, verdadeiras folhetos-reportagens, nos quais aborda assuntos do cotidiano, desastres, guerras, fatos da política e do cangaço

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A literatura popular foi, no Sertão nordestino do Brasil de fins do século 19 e início do século 20, o meio de acesso aos acontecimentos regionais e nacionais para boa parte da população não alfabetizada. O paraibano Leandro Gomes de Barros foi um desses repórteres-poetas, que traduziu em versos os fatos do cotidiano e, com seu pioneirismo, promoveu a transição da poesia popular oral para os folhetos impressos, vendidos nas feiras, mercados e estações.

Leandro Gomes de Barros nasceu em 19 de novembro de 1865, na Fazenda Melancia, então município paraibano de Pombal — hoje pertencente ao município de Paulista —, do casal José Gomes Barros Lima e Adelaide Barros Lima. Como perdeu o pai ainda criança, foi morar com a mãe e o tio, o padre Vicente Xavier de Farias, na Vila do Teixeira, onde permaneceu até os 15 anos. Foi na cidade que é considerada berço da cantoria, que o menino tomou contato com os livros, ouviu e aprendeu a arte dos versos de figuras e poetas populares, como Francisco Romano Caluête (Romano da Mãe d’água), Bernardo Nogueira e Ugulino Sabugi, que posteriormente se refletiria em suas rimas do cotidiano.

Arievaldo Viana, cordelista e biógrafo de Leandro Gomes de Barros, afirma que o poeta paraibano era um pesquisador incansável dos contos tradicionais e bom conhecedor da Bíblia, na qual buscava inspiração para suas criações. “Leandro conviveu com homens cultos e era uma pessoa antenada com as coisas de

seu tempo. Era também muito curioso em relação às coisas do passado. Talvez não tenha aprimorado mais o seu astro para não se distanciar de seu público, pessoas simples, que moravam nos engenhos, nas fazendas ou nos arrabaldes das capitais nordestinas”, explica.

Informações dão conta de que um desentendimento com o tio teria sido o estopim para Leandro migrar para Pernambuco, residindo, segundo a bibliografia da Casa de Rui Barbosa, “primeiramente em Jaboatão, onde morou até 1906, depois em Vitória de Santo Antão e, a partir de 1907, no Recife, onde viveu de aluguel em vários endereços, imprimindo a maior parte de sua obra poética, no próprio prelo ou em diversas tipografias”. No fim de seus poemas, o autor costumava deixar seu endereço e o aviso de que poderia remeter, via Correios, os pedidos de folhetos de suas produções, revelando as habilidades comerciais que o tornariam o primeiro poeta nordestino a fazer da edição e da venda de cordéis uma profissão.

Na capital pernambucana, Gomes de Barros possuía maior facilidade para impressão dos cordéis nas tipografias, assim como um certo público leitor de folhetos e a possibilidade de escoar sua produção literária através das linhas de trem que interligavam diversas cidades. Esses fatores favoreceram a popularidade do autor. Segundo a cordelista e contadora de histórias Mari Bigio, essa visão empreendedora para confecção e distribuição de folhetos foi decisiva também para a difusão da literatura de cordel no país. “Leandro era admirado não só por seus leitores e imitadores, mas também por autores e editores, que reconheciam seu talento artístico e empreendedor”, afirma Bigio.

Arievaldo Viana considera que a criatividade do autor era fundamental para levar adiante essa atividade. Leandro fazia isso se aproveitando dos momentos ociosos das tipografias dos grandes jornais ou mesmo das pequenas oficinas para rodar seu material. Como publicava semanalmente, outra preocupação do autor eram as capas, que algumas vezes contavam com desenhos. “Num determinado período, provavelmente entre 1907 e 1913, Leandro chegou a possuir um prelo e criou a Typografia Perseverança, mas acabou desfazendo-se de sua máquina, porque os filhos pequenos não demonstraram aptidão para o ofício de tipógrafo”, relata.

O trabalho ia para além da impressão e exigia constantes viagens para visitar seus agentes e fazer, ele próprio, as vendas diretamente nas estações ferroviárias e rodoviárias, nas feiras, nos mercados e festas religiosas. A estratégia de venda envolvia a leitura de parte dos cordéis para o público, apelando para a curiosidade do ouvinte em querer saber o fim da história e, assim, adquirir o livreto.

Os temas abordados nos folhetos buscavam despertar a atenção dos leitores. Uma das três vertentes de Leandro citadas por Arievaldo é o cordel factual ou folheto-reportagem, no qual aborda assuntos do cotidiano, desastres, guerras, fatos da política e do cangaço. Em seus poemas, Leandro Gomes de Barros fez referência à seca no Ceará, à abolição da escravidão e à proclamação da República, ao extermínio de Canudos, à Revolta da Vacina e à destituição do Padre Cícero como prefeito de Juazeiro do Nor-

te, dentre outros momentos históricos. As outras vertentes mencionadas pelo biógrafo são as sátiras aos membros da igreja católica, protestantes e políticos, bem como os gêneros romancescos, de contos de fadas e lendas tradicionais adaptadas, mas que possuíam elementos tipicamente brasileiros.

“O estilo de Leandro é inconfundível. Ele teve fôlego para transitar entre todos os gêneros e modalidades correntes: peleja, romance, gracejo, crítica social, e o fez com maestria. Poucos conseguiram igualar-se. No geral, ninguém o superou até hoje”, argumenta Arievaldo, reforçando a capacidade do autor de observação da sociedade e a visão crítica que pretendia despertar a consciência dos leitores.

Além do talento e do tino para os negócios, o espírito de vanguarda do paraibano também se evidenciou por ser um dos primeiros a se preocupar com os direitos autorais dos folhetos, iniciativa importante para consolidação da circulação regular das obras. Segundo a Fundação Casa de Rui Barbosa, o próprio poeta foi alvo de plágio: “No acervo analisado, pudemos constatar tanto o acréscimo ou supressão de estrofes quanto a modificação inteira do conteúdo original por autores que, ao parafrasearem ou plagiarem Leandro, paradoxalmente, estariam prestando tributo àquele que é considerado unanimemente o grande criador da literatura de cordel”.

Rei da poesia do Sertão

Dentre os folhetos do autor, os mais populares atualmente são aqueles que inspiraram Ariano Suassuna na criação de *O Auto da Compadecida*:

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Tenho visto muitos colegas jornalistas querendo outro rumo na vida

Estamos na metade do mês e ainda tenho um mundo de coisas para resolver. Não, não falo de comprar presentes, enfeitar a casa e organizar tudo para as festas de fim de ano. O tema aqui são os projetos inacabados: o artigo científico que preciso redigir, o curso sobre oratória que ainda falta concluir, o livro (quer dizer, os livros) a terminar, os estudos iniciados e...

Reticências significam que ainda há mais a ser dito, a ser falado, tratado. Indicam uma pausa, uma sugestão, uma omissão. Na lista que iniciei lá em cima, há muito, muito mais. Sim, temos o costume de fazer balanço de um ano quando outro se aproxima. Rever a relação do que foi projetado e não concluído também é uma oportunidade para avançar; seja dobrando a meta a ser atingida; seja riscando tudo do caderninho (ou da agenda do celular) e buscando novos desafios.

A chegada de um novo ano nos leva ainda a outros caminhos. E já escuto a musiquinha de fim de ano da Rede Globo: “Hoje é um novo dia de um novo tempo que começou. Nesses novos dias, as alegrias serão de todos, é só querer”.

Querendo bem, muitas vezes vem. E tenho visto muitos colegas jornalistas querendo outro rumo na vida. Uns, com maior habilidade para telas e relacionamento interpessoal, já migraram (ou pensam em migrar) para o universo dos influenciado-



Foto: Paulo Pinto/Estadão Conteúdo

“Não é de hoje que os jornalistas precisam ter mais de um emprego para poder pagar as contas”

res. Outros têm investido mesmo em nova profissão: de psicólogos a terapeutas ocupacionais, passando por professores e empreendedores, há de tudo um pouco.

Minha leitura (e há até pesquisa que referenda o que digo) é que meus colegas

estão cansados com a vida que levam — e sem perspectiva alguma para lidar com o atual mercado. Jornalismo nunca deu muito dinheiro para a maioria das pessoas que escolheram tal profissão, é certo. Mas já foi mais divertido atuar em

redação. Sim, foi; atente para o verbo no passado.

De uns anos para cá, porém, ganha força a lógica do jornalista multitarefa, polivalente; prevalece o modelo de redação multiplataforma. “Polivalente”, “multitarefa” e “multiplataforma” são palavras bonitinhas, mas que escondem, na verdade, a exploração da categoria. Todo mundo precisa fazer mais, entregar mais, devotar-se mais à empresa onde trabalha: fazendo textos, áudios, vídeos, tudo ao mesmo tempo agora, mas a remuneração continua uma merreca.

Não é de hoje que os jornalistas precisam ter mais de um emprego para poder pagar as contas. Comprar casa própria, então? Esqueça! Com os atuais salários, tal sonho virou utopia. Para quem está lendo este texto e é de outra área, sugiro que faça uma pesquisa para saber qual o piso dos jornalistas. Ao descobrir, tenho certeza de que vai pensar: “Não acredito que só ganham isso?”.

Jornalistas andam arrumadinhos, falam bonito, escrevem bem, mas penam laudas e laudas para conseguir umas moedinhas e manter o estilo. “Ah, mas eu acreditava que esse pessoal ganhava bem”, alguém pode me dizer. Pois é: quando eu era criança, também acreditava em lendas e personagens irreais, como a Fada dos Dentes, o Coelho da Páscoa e o Papai Noel...

Tocando em Frente



Os instrumentistas da MPB — XV

Além de Mário Zan, outros dois Mários deixaram suas obras musicais gravadas na memória da MPB, no caso, como acordeonistas: Mário Mascarenhas e Mário Gennari Filho, de cujos trabalhos nos ocuparemos a seguir.

Mário Mascarenhas (Cataguases-MG, 1917–Rio de Janeiro-RJ, 1992), além de acordeonista foi também professor de música, maestro e compositor. Pouco se sabe sobre a iniciação musical dele, na primeira infância, no interior mineiro. Sua referência mais próxima vem da adolescência, quando, aos 15 anos, iniciou seus estudos de acordeão, na cidade natal.

Em seguida, vem o ingresso dele na Força Expedicionária Brasileira (FEB), já durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), tendo participado das ações da FEB na Itália (julho de 1944). Ferido durante uma batalha, foi transferido para os Estados Unidos, onde passou a estudar os métodos iniciais e o domínio sobre a sanfona. Buscando o aperfeiçoamento, recebeu um diploma de acordeonista e chegou a apresentar-se em Hollywood e em palcos famosos, como o Carnegie Hall e o Rockefeller Center, em Nova York. Nos Estados Unidos, viveu durante três anos.

Diplomado docente e maestro, seguiu para o Canadá e, em seguida, para vários países das Américas Central e Latina; depois se mudou para a Argentina, onde, sempre procurando a perfeição instrumental, conquistou novo diploma. Diversificou a aprendizagem, passando a dedicar-se também ao piano, à flauta doce, ao violão e aos teclados em geral.

De volta ao Brasil, simplificou o modo de execução musical, o que o levou a desenvolver formas de ensino de que se originou o depois conhecido Método Mascarenhas, direcionado a aprendizes e centrado em ritmos e gêneros diversificados: música folclórica brasileira e sul-americana, adaptações e cópias de músicas clássicas e eruditas.

Com o surgimento de Luiz Gonzaga, na década de 1950, e a popularização do acordeão, o Método Mascarenhas e, evidentemente, as suas aulas foram sendo cada vez mais procurados, inovando o ensino com o que hoje se chamaria de franquias, espalhando escolas de acordeão por todo o Brasil. Em 1954, a escola criada por ele contava com cerca de 1.200 alunos, somente no Rio de Janeiro, com 800 em São Paulo e com mais de uma centena de escolas espalhadas pelo Brasil. A “cereja do bolo” veio com um megaconcerto realizado no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, de que participaram mil executantes, ainda em 1954. O espetáculo seria repetido no Maracanãzinho, em 1958. Dentre seus alunos, foram surgindo nomes que se tornaram famosos, como Marcos Valle, Edu Lobo, Gilberto Gil, Roberto Menescal, Eumir Deodato e Francis Hime.

Dedicando-se, como já explicitado, à interpretação de ritmos diversos, Mário Mascarenhas deixou-nos algumas composições, dentre as quais a mais conhecida é “Caprichos do Amor” (1957), feita em parceria com o paraibano (de Jaguaribe) Jairo Aguiar.



Foto: Reprodução/Arquivo Nacional

Acordeonista mineiro Mário Mascarenhas (1917–1992) também foi professor, maestro e compositor

TECNOLOGIA

ChatGPT tem seu próprio “Google Docs” integrado

Canvas funciona para criar uma experiência mais integrada aos usuários

Mariana Cury
Agência Estado

No quarto de 12 dias de novidades da OpenAI, a empresa lançou, na última terça-feira (10), uma nova ferramenta de suporte de escrita para o ChatGPT, o Canvas. A tecnologia abre uma aba fora da conversa com o *chatbot*, permitindo que o usuário modifique um texto ou crie um código sem precisar dar um novo comando para a inteligência artificial (IA).

O Canvas funciona para criar uma experiência mais integrada aos usuários do *chatbot*. Anteriormente, para editar um texto do ChatGPT, era necessário transferi-lo para outra ferramenta, como o Word ou Google Docs, por exemplo. Agora, é possível fazer mudanças sem sair da plataforma.

A nova ferramenta conta com recursos de edição de texto, como revisão e opções de melhorias, além de conseguir adicionar emojis que façam sentido no decorrer do texto, por exemplo. Também é possível selecionar trechos específicos para que a IA melhore exatamente aquela parte.

Além disso, quando o *chatbot* percebe que o usuário está escrevendo algo que seria mais “funcional” usando o recurso do Canvas, como um e-mail, por exemplo, ele logo sugere que o usuário transfira as informações para esse espaço.

A novidade não é útil apenas para textos, mas também para programa-

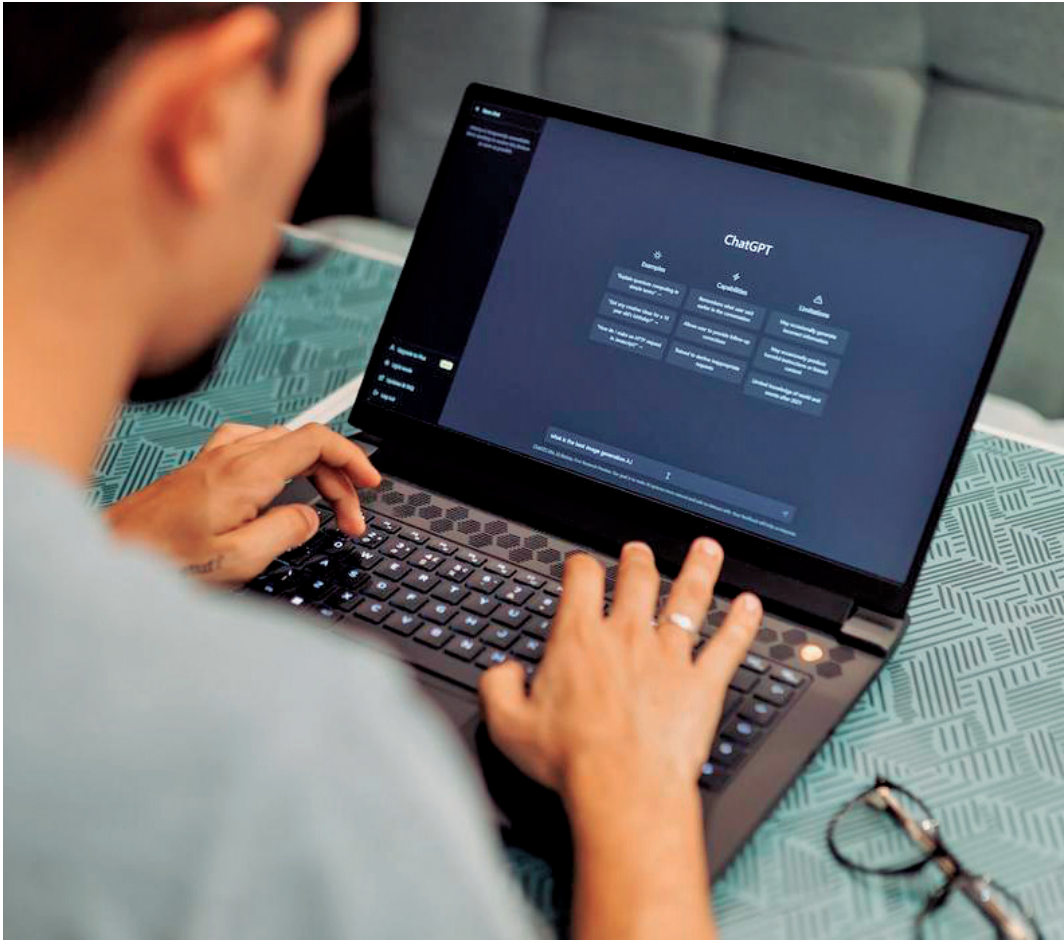


Foto: Mathheus Bertelli/Reprodução

Na aba “Costume GPT”, pode-se criar seu “próprio GPT” para obter respostas mais personalizadas

ção de códigos. O usuário pode pedir para que a ferramenta corrija partes do código e até crie um gráfico para ele, por exemplo.

Na *live*, a empresa também anunciou o Costume GPT, uma aba personalizada do *chatbot*. O usuário pode criar seu “próprio GPT” para obter respostas mais personalizadas, como técnicas de escrita e humanização de textos, por exemplo.

Os programadores da OpenAI criaram, na *live*, uma aba como se fosse o Papai Noel. Colocaram uma cartinha com uma lista de presentes de Natal e pediram para que o *chatbot* respondesse aos pedidos. Funcionou: o *chatbot* ofe-

receu uma resposta personalizada, como se fosse o próprio Papai Noel.

Os novos recursos já estavam disponíveis na

versão beta e, agora, todos os usuários do ChatGPT terão acesso, desde as contas gratuitas até as que são pagas.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: vento (1) = ar + criminosa (1) = ré + avental (2) = bata + queixo (2) = mento. Solução: enleio (6) = arrebatamento.

Charada de hoje: O projétil (2) partiu da arma (2) de um assaltante que usava um gorro (4) que lhe protegia a cabeça.



Ilustração: Bruno Chiossi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Recursos “escondidos” do iOS

O iOS, sistema operacional presente em todos os iPhones, é conhecido por sua interface intuitiva e facilidade de uso. No entanto, o que muitos usuários não sabem é que ele esconde uma série de recursos e funções pouco conhecidas que podem tornar a experiência ainda mais completa e personalizada. Confira a seguir alguns desses “segredos”.

Detecção de idioma

O iOS 18 detecta automaticamente o idioma que você está usando e alterna entre eles sem a necessidade de configuração manual. Essa função é ideal para quem se comunica em mais de um idioma e agiliza a escrita de mensagens, e-mails e documentos.

Compartilhamento de wi-fi por QR Code

O iOS 18 permite gerar um QR Code no aplicativo Senhas que, ao ser escaneado por outro dispositivo, conecta automaticamente à sua rede wi-fi. Para gerar o QR Code, abra o aplicativo Senhas, vá para a seção “Wi-Fi”, toque na rede que deseja compartilhar e, em seguida, toque em “Mostrar QR Code da Rede”. A função já estava disponível no Android anteriormente.

Copiar e colar edições de fotos

A função permite aplicar as mesmas edições, como filtros, ajustes de cor e recortes, a várias fotos de uma só vez, economizando tempo e esforço. Abra o app Fotos no iPhone, depois a foto ou o vídeo que contém as edições que você deseja copiar e toque em “Copiar Edições”.

Atalho “Abrir App”

Crie atalhos personalizados na “Central de Controle” e na tela de bloqueio para abrir seus aplicativos favoritos com um toque, sem precisar navegar pela tela inicial. Para acessar, basta clicar em “Atalhos” no seu dispositivo Apple, abrir o aplicativo e tocar no ícone “+” para criar um atalho.

Ocultar capturas de tela

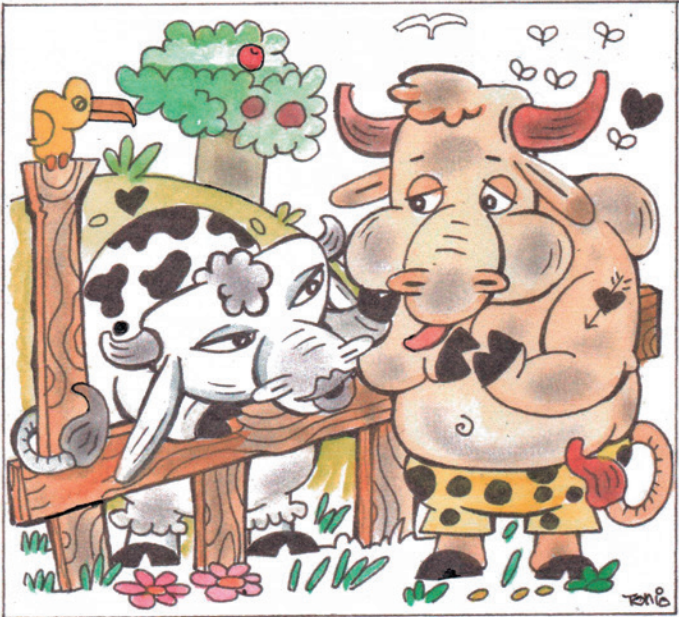
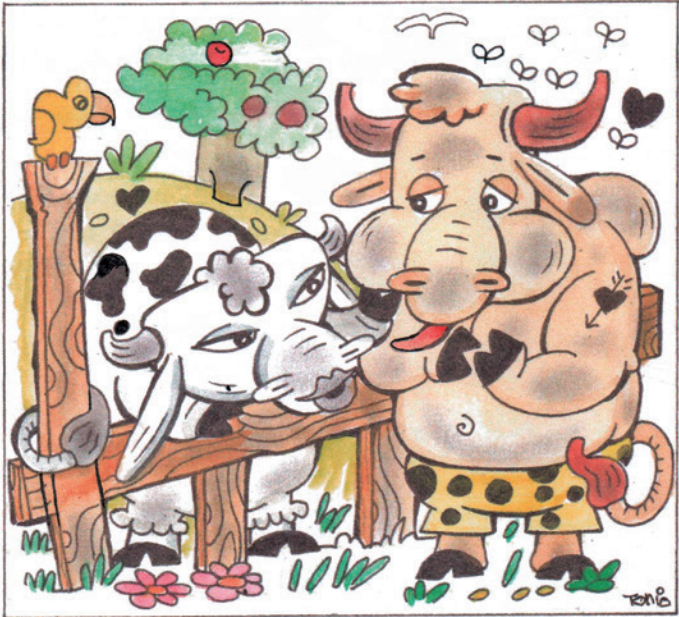
Essa função permite filtrar as fotos exibidas na biblioteca, mostrando apenas as imagens da câmera e ocultando as capturas de tela. Para isso, o usuário deve abrir o aplicativo e deslizar o dedo de cima para baixo na tela para exibir as opções “Anos”, “Meses” e “Tudo”. Em seguida, deve tocar no botão com duas setas opostas e selecionar “Opções de Visualização”. Por fim, basta desmarcar a opção “Capturas de Tela”.

Dual SIM no “Centro de Controle”

Acesse e alterne entre seus chips diretamente da “Central de Controle”, facilitando o gerenciamento de dois números de telefone no mesmo iPhone. Para acessar, basta ir no menu “Ajustes”, tocar em “Celular ou Dados Móveis” e selecionar o número que você deseja usar.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – Mancha na vaca; 2 – moscas; 3 – rabo; 4 – fruta; 5 – bico; 6 – patiz; 7 – língua; 8 – casco; 9 – cerca.